



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Larissa Santos da Silva Bibo

**MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS: uma proposta de
registro para dicionários pedagógicos**

TRÊS LAGOAS- MS

2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Larissa Santos da Silva Bibo

**MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS: uma proposta de
registro para dicionários pedagógicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras do *Campus* de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, área de concentração: Estudos linguísticos, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira

TRÊS LAGOAS- MS

02 de março de 2023

Larissa Santos da Silva Bibo

MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS: uma proposta de registro para
dicionários pedagógicos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras, do *Campus* de Três
Lagoas, da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul – UFMS, área de concentração:
Estudos linguísticos, como requisito final para
a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Rodrigues-Pereira – UFMS (orientador)

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva – UNESP (titular externo)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques – UFMS (titular interno)

Profa. Dra. Claudia Zavaglia – UNESP (suplente externo)

Prof. Dra. Beatriz Aparecida Alencar – UFMS (suplente interno)

Três Lagoas/MS, 02 de março de 2023.

A Deus, por me permitir sonhar e realizar.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que define a minha vida neste momento. Agradeço primeiramente a Deus, meu alicerce, por ter me permitido sonhar e por tudo o que tem permitido surgir em minha caminhada; até aqui o Senhor me sustentou. Agradeço também à Nossa Senhora por toda interseção divina, além dos santos e anjos que olham por mim e me guardam.

Nesses anos de mestrado, de muito esforço, estudo, dedicação e determinação, gostaria de agradecer às pessoas que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para o produto deste trabalho.

À minha mãe, Rosângela, genuinamente, a maior mestra de minha vida, que sempre me orientou a seguir bons caminhos, que acreditou em mim quando eu mesma não acreditava, que me dizia “você é esforçada, você consegue!”. Amo-te infinitamente, minha rainha.

Ao meu pai, Wander, pela vida, pelos valores que me ensinou e por sempre me apoiar em meus sonhos. Amo você.

Ao meu companheiro de vida, meu esposo, Alexandre Bibó, obrigada por todo o apoio, amor e paciência em todos os momentos, por segurar minha mão e enfrentar tudo ao meu lado.

Ao meu primo, Mateus, pela ajuda em diferentes momentos, especialmente, em minhas apresentações; por ser meu ouvinte e por me ajudar na criação dos vídeos para os eventos *online*.

Aos meus avós, por todo o carinho, cuidado e pelas orações de sempre.

Ao meu orientador, ou, como gosto de chamá-lo, “meu pai acadêmico”, Renato Rodrigues Pereira, que me acompanhou desde o início de minha graduação, em 2017, em uma oportunidade a partir do programa Proveli UFMS. Ele viu em mim algo que nem eu mesma enxergava. Recebi o convite para participar do projeto “Lexicografia Pedagógica: elaboração do dicionário monolíngue de formas homônimas em espanhol para aprendizes brasileiros” e, a partir daquele momento, não nos separamos mais. Foi meu orientador durante toda a minha graduação, em diferentes programas da universidade, como, o PIBID, PIBIC e RP. É difícil expressar em poucas palavras o sentimento que tenho pelo senhor, apenas digo que és uma pessoa de luz, um ser humano ímpar; sou muito grata por

tê-lo em minha vida. Obrigada por todos os momentos compartilhados durante todos esses anos. O senhor é o melhor orientador que eu poderia ter.

Ao professor José Pedro Dalmonte (*in memoriam*), e à professora Mônica Almeida Castro, duas pessoas que foram fundamentais em minha vida para que eu escolhesse o caminho da docência e da pesquisa.

Aos colegas da pós-graduação, em especial, Ludymilla, Caroline, Raquel Di Fábio, Maira, Wanderley e Rossevelt.

À minha amiga Carla Forini, jamais imaginava o quanto o mestrado nos aproximaria. Foram tantas conversas (angústias compartilhadas), obrigada por me ajudar a me “reestabelecer” e seguir firme.

Um agradecimento especial à amiga Simone Marques, pelo apoio de sempre, pelas muitas conversas sobre dicionários e dentre tantas outras coisas, pela amizade que construímos.

Às minhas amigas, Bruna Anjos e Gabriela Romancini, que desde a graduação me incluíram no círculo de amizades delas. Obrigada por terem me incentivado a passar pelo processo seletivo para o Mestrado e por sempre me apoiarem em meus projetos, além de me ajudarem de diferentes formas em distintos momentos.

A todos os colegas integrantes do NEL- Núcleo de Estudos do Léxico UFMS/CPTL.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três Lagoas, que me propiciaram amadurecimento acadêmico durante essa jornada.

À minha banca de qualificação, Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva e Prof^ª. Dra. Aparecida Negri Isquierdo, por fazerem importantes contribuições para esta pesquisa.

Aos componentes da banca examinadora, Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva, Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques, Profa. Dra. Claudia Zavaglia e Profa. Dra. Beatriz Aparecida Alencar, que aceitaram gentilmente participar desta etapa tão importante para mim.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos durante minha permanência na pós-graduação.

Enfim, a todas as pessoas que passaram por minha vida e que direta ou indiretamente colaboraram com o produto deste trabalho, meu mais sincero agradecimento.

“Não sei se muita gente haverá reparado nisso - mas o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O Dicionário tem dentro de si o Universo completo.”

Cecília Meireles¹

¹ Cecília Meireles “O livro da solidão” - jornal paulistano Folha da Manhã em 11 de julho de 1948.

BIBO, Larissa Santos da Silva. *MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS*: uma proposta de registro para dicionários pedagógicos. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2023. 125 p.

RESUMO

As marcas diatópicas (MD) costumam ser registradas em dicionários com vistas à demonstrar ao potencial consultante a região geográfica em que determinadas palavras são empregadas. Na tradição lexicográfica, esse tipo de registro, de modo geral, é apresentado por meio de abreviaturas que precedem a definição. Ao que temos percebido, as MD são contempladas em diferentes tipologias de dicionários de forma assistemática. Nesse sentido, elaboramos uma proposta de tratamento lexicográfico para marcas diatópicas que possam servir de parâmetro no processo de elaboração de dicionários pedagógicos. Para tanto, objetivamos: i) discorrer sobre o conceito de marcas de uso com foco para a marca diatópica, ressaltando a importância desse tipo de informação em dicionários pedagógicos; ii) apresentar a posição de diferentes autores sobre a questão das marcas de uso em dicionários; iii) verificar como ocorre o tratamento lexicográfico dispensado às marcas diatópicas nos dicionários que serão analisados; iv) identificar possíveis procedimentos lexicográficos a respeito das marcas que possam servir de parâmetro no processo de elaboração de futuras obras lexicográficas. Para o alcance dos objetivos estabelecidos, além de nos orientar pelos princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), procuramos responder, durante o desenvolvimento do trabalho, às seguintes questões: i) as marcas diatópicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? Se positiva a resposta, como elas são registradas? ii) as formas de tratamento lexicográfico das MD nos dicionários podem atender às necessidades do aluno brasileiro aprendiz de espanhol, de acordo com o nível de competência na língua em que o estudante se encontra? iii) das diferentes formas de tratamento de marcas diatópicas nas obras, há alguma que possa contribuir de maneira satisfatória para o conhecimento das diferenças de uso de determinadas unidades léxicas da língua, numa perspectiva diatópica? Os resultados das análises demonstram que o registro das marcas diatópicas, na maioria das vezes, é feito numa perspectiva macroespacial, por meio de abreviaturas indicativas de americanismos e brasileirismos. Considerando, pois, as realidades sociais, linguísticas, culturais e geográficas de determinadas unidades léxicas da língua e as demandas de aprendizagem dos consultantes dos dicionários monolíngues pedagógicos de E/LE, refletimos sobre a necessidade de mais registros diatópicos numa perspectiva microespacial. Esperamos que nossas reflexões e nosso modelo de verbete destinado ao registro das MD possam servir de parâmetro no processo de elaboração e/ou reorganização de obras lexicográficas pedagógicas, de forma que atendam às necessidades dos consultantes, em especial, o consultante brasileiro aprendiz de espanhol.

Palavras-chave: Lexicografia Pedagógica; Marca Diatópica; Dicionários Pedagógicos.

BIBO, Larissa Santos da Silva. *MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS*: uma proposta de registro para dicionários pedagógicos. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Univesidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2023. 125 p.

RESUMEN

Las marcas diatópicas (MD) suelen ser registradas en los diccionarios con vistas a demostrar al potencial consultante la región geográfica en que determinadas palabras son empleadas. En la tradición lexicográfica, este tipo de registro, de modo general, se presenta mediante abreviaturas que preceden la definición. Por lo que hemos percibido, las MD se contemplan en diferentes tipologías de diccionarios de forma asistemática. En este sentido, elaboramos una propuesta de tratamiento lexicográfico de las marcas diatópicas que pueden servir como parámetro en el proceso de elaboración de diccionarios pedagógicos. Por lo tanto, tenemos como objetivos: i) discutir el concepto de marcas de uso con enfoque en la marca diatópica, enfatizando la importancia de este tipo de información en los diccionarios pedagógicos; ii) presentar la posición de diferentes autores sobre el tema de las marcas de uso en los diccionarios; iii) verificar cómo ocurre el tratamiento lexicográfico dado a las marcas diatópicas en los diccionarios que serán analizados; iv) identificar posibles procedimientos lexicográficos respecto a las marcas que puedan servir de parámetro en el proceso de elaboración de futuros trabajos lexicográficos. Para alcanzar los objetivos planteados, además de guiarnos por los principios teóricos y metodológicos de la Lexicografía Pedagógica (LEXPED), intentamos responder, durante el desarrollo del trabajo, a las siguientes cuestiones: i) ¿las marcas diatópicas se registran en las obras lexicográficas elegidas para la investigación? Si la respuesta es positiva, ¿cómo se registran?; ii) ¿las formas de tratamiento lexicográfico de las MD en los diccionarios pueden satisfacer las necesidades de los estudiantes brasileños que aprenden español, de acuerdo con el nivel de competencia en el idioma en el que se encuentra el estudiante?; iii) de las distintas formas de tratamiento de las marcas diatópicas en las obras, ¿existe alguna que pueda contribuir satisfactoriamente al conocimiento de las diferencias en el uso de determinadas unidades léxicas de la lengua, en una perspectiva diatópica?. Los resultados de los análisis nos muestran que el registro de marcas diatópicas se realiza con mayor frecuencia en una perspectiva macroespacial a través de abreviaturas indicativas de americanismos y brasileirismos. Considerando, por tanto, las realidades sociales, lingüísticas, culturales y geográficas de ciertas unidades léxicas de la lengua y las demandas de aprendizaje de los consultantes de diccionarios pedagógicos monolingües E/LE, reflexionamos sobre la necesidad de más registros diatópicos en una perspectiva microespacial. Esperamos que nuestras reflexiones y nuestro modelo de artículo lexicográfico para el registro de MD puedan servir de parámetro en el proceso de elaboración o reorganización de las obras lexicográficas pedagógicas, de forma que atiendan las necesidades de los consultantes, especialmente el brasileño aprendiz de español.

Palabras clave: Lexicografía Pedagógica; Marca Diatópica; Diccionarios pedagógicos.

BIBO, Larissa Santos da Silva. *MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS*: uma proposta de registro para dicionários pedagógicos. (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Univesidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2023. N° 125.

ABSTRACT

Diatopic marks (DM) are usually recorded in dictionaries in order to demonstrate to the potential querent the geographic region in which certain words are used. In the lexicographical tradition, this type of record is generally presented using abbreviations that precede the definition. From what we have noticed, DMs are contemplated in different typologies of dictionaries in an unsystematic way. In this sense, we elaborate a lexicographic treatment proposal for diatopic marks that can serve as a parameter in the process of elaborating pedagogical dictionaries. Therefore, we aim to: i) discuss the concept of using marks with a focus on the diatopic mark, emphasizing the importance of this type of information in pedagogical dictionaries; ii) present the position of different authors on the issue of usage marks in dictionaries; iii) verify how the lexicographical treatment given to the diatopic marks occurs in the dictionaries that will be analyzed; iv) identify possible lexicographical procedures regarding marks that may serve as a parameter in the process of elaborating future lexicographical works. In order to reach the established objectives, in addition to be guided by the theoretical and methodological principles of Pedagogical Lexicography (LEXPED) we tried to answer, during the development of the work, the following questions: i) the diatopic marks are registered in the lexicographical works chosen for the research? If the answer is positive, how are they recorded?; ii) can the forms of lexicographic treatment of DM in dictionaries meet the needs of Brazilian students learning Spanish, according to the level of competence in the language in which the student is?; iii) of the different forms of treatment of diatopic marks in the works, can there any that be contributing satisfactorily to the knowledge of the differences in the use of certain lexical units of the language, in a diatopic perspective?. The results of the analysis show us that the registration of diatopic marks is most often done in a macro-spatial perspective through abbreviations indicative of Americanism and Brazilianism. Considering, thus, the social, linguistic, cultural and geographic realities of certain lexical units of the language and the learning demands of the consultants of E/LE monolingual pedagogical dictionaries, we reflect on the need for more diatopic records from a micro spatial perspective. We hope that our reflections and our entry model for the registration of DM can serve as a parameter in the process of elaboration and/or reorganization of pedagogical lexicographic works, in a way that they meet the needs of the consultants, especially the Brazilian querent learning Spanish.

Keywords: Pedagogical Lexicography; Diatopic Mark; Pedagogical Dictionaries.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Características da Lexicologia e da Lexicografia	28
Figura 2	Estrutura lexicográfica	35
Figura 3	Atores no contexto da LEXPED	46
Figura 4	Marcas Diassistemáticas	52
Figura 5	Origem e evolução da língua espanhola	61
Figura 6	Cacahuete no dicionário Bab.bla	70
Figura 7	Lista de frequência de Língua Espanhola	71
Figura 8	Lista de frequência de Língua Portuguesa	71
Figura 9	Marcas Diatópicas em DEE e SAL	79
Figura 10	Marcas Diatópicas no RAE e DEM	89
Figura 11	Marcas Diatópicas no AUL e DUNP	95
Figura 12	Marcas Diatópicas no HOU e AUR	101

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Metalexigrafia	29
QUADRO 2	Características das marcas diastrática, diatécnica e diafásica	56
QUADRO 3	Identificação dos dicionários analisados	73
QUADRO 4	Informações da <i>front matter</i> e verbetes dos dicionários “ <i>Diccionario de Español para Etranjeros</i> ” (DEE) e “ <i>Diccionario Salamanca</i> ” (SAL)	75
QUADRO 5	Informações da <i>front matter</i> e verbetes dos dicionários “ <i>Diccionario de la lengua española</i> ” (RAE) e “ <i>Diccionario del Español de México</i> ” (DEM)	80
QUADRO 6	Informações da <i>front matter</i> e verbetes dos dicionários “ <i>Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa</i> ” (AUL) e “ <i>Dicionário Unesp do Português Contemporâneo</i> ” (DUNP)	90
QUADRO 7	Informações da <i>front matter</i> e verbetes dos dicionários “ <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i> ” (HOU) e “ <i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> ” (AUR)	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Amostra de Variantes de Língua Espanhola e suas Frequências	72
Tabela 2 Amostra de Variantes de Língua Portuguesa e suas Frequências	72

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Ad. Adaptado

Amér Americanismo

ASALE Associação de Academias da Língua Espanhola

AUL Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa

AUR Aurélio - Dicionário da Língua Portuguesa

Bras Brasileirismo

Cf. Conferir

CREA *Corpus* de referencia del español actual de la Real Academia Española

DEE Diccionario de español para extranjeros – con el español que se habla hoy en España y en América Latina

DEM Diccionario del español de México

DRAE/DLE Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española²

DUNP Dicionário Unesp da Língua Portuguesa do Português Contemporâneo

E/LE Espanhol como Língua Estrangeira

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GELC Projeto Corpus Brasileiro

HOU Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

LE Língua Estrangeira

LP Língua Portuguesa

L2 Segunda Língua

LEXPED Lexicografia Pedagógica

MD Marca Diatópica

MDA Marcas Diassistemáticas

MEC Ministério da Educação

MU Marcas de Uso

PNLD Programa Nacional do Livro Didático

² A sigla DLE corresponde ao nome oficial do dicionário acadêmico desde a edição de 1925: Dicionário da língua espanhola (que, anexado à edição de 1914, passou a ser Dicionário da língua Castelhana). Foi escolhido porque a sigla DRAE (Dicionário da Real Academia Espanhola), utilizada até agora, incluía apenas a Real Academia Espanhola e nem todas as que faziam parte da ASALE (Associação de Academias da Língua Espanhola). (Fundéu RAE, buscador urgente de dudas, acesso em: 29/09/2022, tradução nossa).

PNLEM Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio

RAE Diccionario de la Lengua Española

Reg. Regionalismo

SAL Diccionario Salamanca de la Lengua Española para extranjeros

UL Unidade Léxica

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	18
1	LEXICOGRAFIA	23
1.1	Origens da Lexicografia	23
1.2	Objeto de estudo da Lexicografia	26
1.3	Tipologia de Dicionários	30
1.4	Estrutura lexicográfica	34
1.4.1	Front Matter	35
1.4.2	Macroestrutura	36
1.4.3	Microestrutura	36
1.4.4	Medioestrutura	37
1.4.5	Middle Matter	37
1.4.6	Back Matter	37
1.5	LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA	38
1.5.1	Origens da Lexicografia Pedagógica	38
1.5.2	Lexicografia Pedagógica no Brasil	44
2	MARCAS DE USO	48
2.1	Marcas de uso na Lexicografia	48
2.1.1	Marca Diacrônica	53
2.1.2	Marca Diastrática e Diafásica	54
2.1.3	Marca Diatópica	57
2.2	AMERICANISMOS E REGIONALISMOS: algumas reflexões	61
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70
3.1	Das lexias selecionadas para análise nos dicionários	70
3.2	Da escolha dos dicionários	72
3.3	Da análise do tratamento lexicográfico das marcas diatópicas nos dicionários analisados	74
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	75
4.1	Dicionários pedagógicos de espanhol como língua estrangeira	75
4.1.1	Considerações sobre os dados	78

4.2	Dicionários gerais de espanhol como língua estrangeira	80
4.2.1	Considerações sobre os dados	88
4.3	Dicionários escolares de língua portuguesa	90
4.3.1	Considerações sobre os dados	95
4.4	Dicionários gerais de língua portuguesa	96
4.4.1	Considerações sobre os dados	101
4.5	Considerações gerais sobre as análises	102
5	PROPOSTA DE PARÂMETROS PARA O REGISTRO DE MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS PEDAGÓGICOS	106
5.1	Marcas de uso em dicionários pedagógicos: justificativa da proposta	106
5.2	Orientações de registro para a <i>front matter</i>	106
5.3	Orientações de registro de marcas diatópicas na microestrutura: possibilidades	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais. [...] No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical (BIDERMAN, 1998, p. 12).

No excerto citado acima, a autora compreende o léxico como o patrimônio cultural que se constitui a partir de processos de cognição da realidade por seus falantes. Da necessidade de se nomear essa realidade, surge o léxico da língua que, por sua vez, pode ser entendido como um conjunto dos itens lexicais de uma determinada língua, a representação de um sistema de possibilidades que contemplam todas as palavras documentadas e aquelas possíveis de serem constituídas a partir de suas bases de formação (VILELA, 1979).

Biderman (1981) pondera o léxico como o “tesouro vocabular” de uma língua, tendo sua nomenclatura composta por conceitos linguísticos e não linguísticos, usados pelo homem contemporâneo e antepassados. Anos depois, a autora resgata o conceito de léxico e estabelece que esse “é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (BIDERMAN, 1996, p. 27). A mesma autora (2001) afirma que o léxico pode ser entendido como sistema aberto e em constante expansão e consequente transformação.

A partir dessas considerações, constatamos a intrínseca relação entre léxico e cultura. Nesse viés, o léxico diz respeito às palavras usadas pelos falantes da língua em situações socioculturais e comunicativas. Vale ressaltar que nenhum falante domina todo o léxico de uma língua; cada indivíduo o apreende de diferentes maneiras, de forma que as vivências, os estímulos e as experiências linguísticas individuais influenciam o conjunto de palavras que esse falante utiliza. Por meio do léxico transmitimos conhecimentos diversos, como, aspectos sociais, linguísticos e culturais de um povo nos diversos contextos que a língua possibilita.

Pereira (2018, p. 19) explica que o léxico tem sido estudado numa perspectiva qualitativa e não quantitativa, como acontecia no âmbito das correntes estruturalistas de

estudo da língua. Nesse sentido, refletir sobre a palavra em seus distintos ou semelhantes significados, bem como, seu registro em repertórios lexicográficos, encaminha-nos por epistemologias diversas, a depender dos objetivos de investigação.

A partir das constatações sobre o léxico apresentadas até o momento, compreendemos que o dicionário é um tipo de gênero textual³ que documenta o léxico e traz consigo diferentes conhecimentos a respeito da língua de uma comunidade.

Diante disso, consideramos o dicionário como um importante material complementar que pode contribuir para o reconhecimento das variações linguísticas, pois a língua que se registra nos dicionários se apresenta heterogênea em diferentes dimensões: sociais, espaciais e temporais. Assim, estudar sobre as informações que são dispostas nos dicionários possibilitam ao consulente conhecimentos a respeito das lexias⁴ em diferentes contextos de uso.

Geralmente, a variação linguística nos dicionários é representada por meio das marcas de uso⁵ (MU) que estão ligadas às mudanças que ocorrem no tempo, no espaço e em contextos de usos especializados (STREHLER, 1998, p. 1). Essas marcas sinalizam as variantes de uma comunidade linguística. Para Pontes (2009), as MU são:

[...] informações concretas que restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas. Podem ocorrer abreviadas, posicionadas precedendo a definição, com finalidade pedagógica importante, qual seja a de auxiliar o consulente, sobretudo na produção de seus textos e na aprendizagem de línguas estrangeiras (PONTES, 2009, p. 154).

Em consonância com o autor, entendemos que as MU fazem parte de um recurso empregado nos repertórios lexicográficos para especificar as particularidades de uso da língua. A inserção dessas unidades léxicas nos dicionários permite ao consulente identificar os contextos em que elas atuam, além de facilitar a resolução de possíveis dúvidas que o consulente venha a ter. É, sobretudo, na elaboração de textos ou na compreensão deles que o aluno aprendiz de espanhol como língua estrangeira (LE) sente a necessidade de reconhecer as variações de uma unidade léxica⁶, pois muitas vezes o uso

³ Pereira; Nadin (2019) discorrem sobre o dicionário e sua caracterização como um tipo de gênero textual.

⁴ “Na terminologia de B. POTTIER, a *lexia* é a unidade de comportamento léxico. Opõe-se a *morfema*, menor signo linguístico, e a *palavra*, unidade mínima construída. É portanto, a unidade funcional significativa do discurso. A *lexia* simples pode ser uma palavra: *cão*, *mesa* [...]. A *lexia* composta pode conter várias palavras em via de integração ou integradas: *quebra-gelo*. A *lexia* complexa é uma sequência estereotipada: *a cavalo* [...]” (DUBOIS, Jean et al. Dicionário de linguística, 2014, P. 339).

⁵ Também chamadas de “rubricas”, “etiquetas” ou “rótulos”.

⁶ O termo “unidade léxica” costuma ser utilizado para se referir a um, dois ou mais significantes que juntos (em um discurso) possuem unidade de sentido. Sobre o assunto, Cf. Biderman (2005), Rodrigues-Pereira; Zacarias, Nadin (2019).

da lexia é restrito a determinadas áreas geográficas, como veremos no decorrer deste trabalho.

Ademais, um dos principais objetivos do ensino de línguas é a aquisição e a desenvoltura para se comunicar. Assim, são necessários materiais didáticos que consigam suprir as necessidades do aprendiz de língua.

Dessarte, temos a Lexicografia Pedagógica (LEXPED⁷), uma subárea da Lexicografia Geral, que se ocupa de estudos relacionados aos dicionários pedagógicos, em especial, com enfoque na confecção e uso de dicionários destinados a aprendizes de língua. Sendo assim, os dicionários elaborados no âmbito da LEXPED procuram satisfazer às necessidades do potencial consulente, o aprendiz de língua.

No estudo metalexigráfico que apresentamos nesta dissertação, discorreremos sobre a inserção das marcas de uso nos dicionários, em especial, a MD que reflete a língua em uso em determinadas áreas geográficas.

No decorrer da pesquisa constatamos a ausência de explicação sobre as marcas de uso em alguns dicionários, além da problemática da falta de sistematização do registro de MU em dicionários, como é discutido por autores, como, Farjado (1997), Escribano (2003), Borba (2003), Vilarinho (2017) etc. A esse respeito, Vilarinho (2017) elucida que:

A delimitação das marcas de uso com precisão favorece que a obra lexicográfica disponibilize variantes com as devidas indicações e evite repetições de marcas que podem ser resumidas apenas em uma, como no caso das marcas popular, familiar e vulgar, por exemplo (VILARINHO, 2017, p.378).

Quanto às marcas diatópicas, de modo geral, elas resultam de diferentes aspectos geográficos de uma língua, e referem-se às restrições de uso de uma unidade léxica em diferentes países, estados, regiões, cidades e outros. No repertório lexicográfico, o critério para o registro de marcas de uso é bastante heterogêneo. No caso da língua espanhola, por exemplo,

desde os primeiros dicionários acadêmicos, as variações ou significados de certas áreas geográficas da Espanha foram indicados, geralmente, por meio de abreviações não sistemáticas referentes a regiões, a províncias, a condados, a áreas peninsulares etc. O mesmo ocorre em relação às variedades de espanhol da América ou de outras áreas geográficas (ESCRIBANO, 2003, p. 116 – 117, tradução nossa).⁸

⁷ Acrônimo utilizado por Pereira (2018).

⁸ desde los primeros diccionarios académicos se han señalado las voces o acepciones propias de determinadas zonas geográficas de España, generalmente mediante abreviaturas poco sistemáticas referidas a regiones, a provincias, a comarcas, a zonas peninsulares etc. Lo mismo ocurre en relación con las variedades del español de América o de otras zonas geográficas (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 116 – 117).

Nesse cenário e diante da complexidade de se registrar a grande variedade que a língua espanhola possui, é frequente que muitos dicionários optem por registrar somente o espanhol peninsular, de forma macroespacial, excluindo as marcas regionais, de perspectiva microespacial (BIBO; RODRIGUES-PEREIRA, 2022).

Diante do exposto, para esta pesquisa, estabelecemos como objetivo geral elaborar uma proposta de tratamento lexicográfico de registro de marcas diatópicas que possa servir de parâmetro no processo de elaboração de dicionários pedagógicos. Como objetivos pretendemos i) discorrer sobre o conceito de marcas de uso com foco para a marca diatópica, ressaltando a importância desse tipo de informação em dicionários pedagógicos; ii) apresentar a posição de diferentes autores sobre a questão das marcas de uso em dicionários; iii) verificar como ocorre o tratamento lexicográfico dispensado às marcas diatópicas nos dicionários que serão analisados e, por fim; iv) identificar possíveis procedimentos lexicográficos a respeito das marcas que possam servir de parâmetro no processo elaboração de futuras obras lexicográficas.

Para alcançarmos os objetivos estabelecidos, além de nos orientar pelos princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia Pedagógica, procuramos responder, durante o desenvolvimento do trabalho, as seguintes questões:

- i. As marcas diatópicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? Se positiva a resposta, como elas são registradas?
- ii. As formas de tratamento lexicográfico das marcas diatópicas nos dicionários podem atender às necessidades do aluno brasileiro aprendiz de espanhol, de acordo com o nível de competência na língua em que o estudante se encontra?
- iii. Das diferentes formas de tratamento de marcas diatópicas nas obras, há alguma que pode contribuir de maneira satisfatória para o conhecimento das diferenças de uso de determinadas unidades léxicas da língua, numa perspectiva diatópica?

Considerando os objetivos e as questões norteadoras da pesquisa, organizamos a dissertação em seis capítulos, a saber:

No primeiro capítulo, intitulado “*Lexicografia*”, apresentamos a teoria lexicográfica na qual nosso trabalho se insere, os aspectos históricos da disciplina, bem como, o objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos neste estudo, as marcas de uso, em especial, a diatópica.

No capítulo dois “*Americanismos e regionalismos: algumas reflexões*”, discutimos sobre a concepção de americanismo e de regionalismo, e sobre como esse tipo de informação é apresentado nos repertórios lexicográficos.

No capítulo três “*Lexicografia Pedagógica*”, discorremos sobre alguns aspectos teóricos e históricos da LEXPED e sua trajetória no Brasil.

O quarto capítulo, “*Procedimentos Metodológicos*”, apresenta os procedimentos adotados para a realização da pesquisa, para a escolha dos dicionários, das lexias selecionadas para análise, do tratamento dado às marcas diatópicas nos dicionários e dos parâmetros lexicográficos.

O quinto capítulo, “*Apresentação e Análise de Dados*”, é dedicado à análise das obras lexicográficas selecionadas para a pesquisa. Objetivamos verificar como são apresentados os registros das marcas diatópicas nessas obras e se há algum parâmetro de registro que possa ser seguido no processo de elaboração de futuras obras lexicográficas ou reorganização das obras já existentes.

No sexto capítulo “*Proposta de Parâmetro Para Registro de Marcas Diatópicas em Dicionários Pedagógicos*”, considerando as reflexões realizadas durante o trabalho, apresentamos a proposta de registro das marcas diatópicas em dicionários.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, ou seja, uma síntese das reflexões realizadas, bem como, os resultados alcançados com a pesquisa, seguidas das referências bibliográficas das quais recorreremos para fundamentar o trabalho.

1 - LEXICOGRAFIA

1.1 Origens da Lexicografia

O interesse em inventariar palavras está presente desde a antiguidade. O *Appendix Probi*⁹ é um exemplo do início dessa prática. Entretanto, como esclarece Biderman (1984), essa produção estava muito distante do que se compreende por Lexicografia. Na verdade, os precursores da Lexicografia são os filólogos ou gramáticos que, preocupados com a produção de textos literários e a correção dos possíveis erros linguísticos, buscaram elaborar glossários que pudessem auxiliá-los. Nota-se que até esse momento, os repertórios lexicais produzidos eram tratados como obras de apoio para a escrita e leitura de textos específicos da época.

Hwang (2010, p. 36) enuncia que a preocupação didática sempre esteve presente na elaboração dos glossários, mas, *a priori*, a produção desses materiais, também chamados de “lista de palavras”, tinha como principal objetivo a tradução, em decorrência da situação de bilinguismo em que a sociedade vivia. Desse modo, como explica Farias (2007, p. 89), “essas listas bilíngues apresentavam organização a partir de campos semânticos ligados, principalmente, às atividades mercantis da época”.

Segundo o autor supracitado (2007, p. 91), a Idade Média foi marcada por intensa atividade lexicográfica. Durante esse período, as línguas vulgares foram ganhando espaço e o latim passou a perder terreno, permanecendo como língua oficial apenas nas universidades e na igreja. Nesse sentido, a Lexicografia histórica reconhece a criação do termo *dicionário* que foi atribuído a Ambrosius Caleiano, autor italiano que, em 1502, publica uma obra divulgada como Dicionário de Língua Latina.

No que tange à etimologia do termo *dictionarium*, o dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Machado (2003, p. 243), apresenta que a palavra dicionário vem <<do lat[im] medieval dictionarium, formado a partir do lat[im] dictio, ônis>>. Segundo Krieger (2020, p. 14), o sufixo *arium* significa “lugar em que se guarda o *dictio*-.” Nesse contexto, o dicionário poderia ser visto como:

[...] armário, como lugar de proteção do elemento fundamental do dizer: as palavras ditas, correspondendo ao léxico dos idiomas. Explica-se, assim, a tradição de o dicionário monolíngue ser denominado “tesouro” da língua,

⁹ O *Appendix Probi* é um texto do século IV d.C. de autoria desconhecida no qual se reúnem os erros mais frequentes na fala latina da época, opondo-os às formas corretas do latim clássico (ainda que às vezes o próprio autor considere incorreta a forma clássica).

tendo em vista que as palavras constituem um bem precioso que não pode se perder (KRIEGER, 2020, p. 14).

Como aponta Farias (2007, p. 92), é na modernidade que a prática lexicográfica se intensifica. No século XV surgem os primeiros dicionários bilíngues de língua espanhola: o dicionário castelhano latim *Universal Vocabulario*, elaborado por Alonso Palencia (1490) e o vocabulário Latino Español de Antonio de Nebrjia, o qual, mais tarde, no ano de 1507, publica também um dicionário de Latim-Catalão. A Europa, em especial, vivenciou um impulso do fazer dicionarístico nos séculos XVI e XVII.

O século XVI, por, exemplo, foi marcado pelo surgimento de inúmeros dicionários bilíngues em diferentes países da Europa, como, Espanha, Itália, França e Portugal. Na França, destacam-se o *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire françois-latin*, de Robert Estienne, publicados em 1539 (FARIAS, 2007, P. 92). De acordo com Biderman (1984, p.2), “os dicionários seicentistas eram cheios de lacunas e os dicionaristas da época copiavam-se uns aos outros”.

Também no século XVI ocorre o início da produção lexicográfica em língua portuguesa, com a publicação do *Dictionarium ex Lusitanico in Latinun Sermonem* (1562), de Jerônimo Cardoso. Nesse período, como explica Costa (2020, p.59), os jesuítas se estabeleceram em Portugal e, conforme o intuito de catequizar e escolarizar a população que vivia em Portugal, desempenharam um importante papel no que tange à produção de manuais escolares e de dicionários. No que concerne ao panorama brasileiro, Isquerdo (2011) postula que a produção de dicionários também ocorreu em razão das obras elaboradas pelos jesuítas, em que há registro do universo vocabular da época, e os relatos dos viajantes.

A Lexicografia monolíngue, por seu turno, surge e se desenvolve ao longo do século XVII. Durante essa época, os dicionários monolíngues foram se modificando e aperfeiçoando suas técnicas. Nesse período, consoante Biderman (1984), destacam-se obras como o “*Tesoro de la Lengua Castellana de Covarrubias*”, de 1611. Ainda no século XVII, alguns dicionários monolíngues franceses foram considerados adequados para a época: o Richelet (1680), o Furetière (1690) e o dicionário da Academia Francesa (1694).

No século XVIII, citamos a obra “dicionário da Academia Espanhola - *Diccionario de Autoridades*” com sucessivas edições, o qual é reconhecido até a atualidade. Para sua confecção utilizaram-se seus precedentes espanhóis, como, o Nebrjia e Covarrubias. Hoje, o DLE/RAE (Dicionário de la Real Academia Española)

possui sua versão impressa e online¹⁰. Ademais, no século XVIII temos outra versão do Dicionário da Academia (1718) e o Dictionnaire de Trévoux, uma das obras mais importantes da época.

De acordo com Verdelho (2003), no que tange ao panorama português, o “*Dicionário da Língua Portuguesa*” (1789), de Morais e Silva, constitui uma importante obra de referência na história da lexicografia portuguesa. Ademais, de acordo com o autor, “como dicionário geral de língua, podemos dizer que desencadeou o início da dicionarística monolíngue moderna portuguesa”. Outra obra que merece destaque é o “*Vocabulario Portuguez e Latino*”, de Rafael Bluteau (1638-1734), publicado entre 1712 e 1728, considerado como referência no que diz respeito ao processo de renovação da descrição da língua.

Biderman (1984) ensina que no século XIX o número de obras lexicográficas é ampliado. A autora cita alguns dos dicionários franceses da época, como o Laveaux, Raymond, Landais, Academia (1835), Littré (1872), Larousse (1866-1876), o Dictionnaire General de Hatzfeld e o dicionário medieval de Godefroy. Para a estudiosa, o Littré pode ser considerado uma obra-prima da lexicografia francesa, pois “foi um inovador para o seu tempo” (BIDERMAN, 1984, p.3).

No século XX foi publicado o *Diccionario de sinónimos de la lengua castellana* (1927), de M. José Sicília, e o dicionário *Colección de sinónimos de la lengua castellana*, em 1955, de José Joaquín de Mora. Nesse período, a Lexicografia brasileira se firma em busca de uma língua nacional. Destacam-se as inserções de brasileirismos nos dicionários gerais de língua e a produção de dicionários de brasileirismos, como postula Isquerdo (2011).

Motivadas por espírito nacionalista surgem produções lexicográficas sobre brasileirismos que tinham a pretensão de registrar e fixar a norma brasileira. Obras que ora tinham como propósito descrever a norma nacional (brasilismos) em oposição à europeia, ora buscavam registrar vocabulários regionais (ISQUERDO, 2011, p. 122).

É na metade do século XX, entretanto, que o fazer lexicográfico se amplia, isso porque os estudos e trabalhos de natureza crítica a respeito dessas obras eram raros e os poucos que haviam visavam mais uma promoção social do que, de fato, a análise crítica (HWANG, 2010, p. 42).

O dicionário monolíngue é considerado “obra de referência dos itens lexicais, já que na nomenclatura procura-se representar a ‘totalidade’ do conjunto léxico de um

idioma a despeito dos problemas envolvidos nessa representação” (KRIEGER, 2020, p.15). Em razão disso, essas obras, comumente, são denominadas como dicionário padrão.

Destarte, o dicionário passa a ser considerado como a validação das palavras de um idioma e assume um papel normativo importante para as sociedades organizadas. Portanto, uma obra lexicográfica, ao registrar uma palavra, “[...] concede-lhe a certidão de nascimento e, desse modo, institucionaliza o conjunto léxico das línguas” (KRIEGER, 2012, p.19).

1.2 Objeto de estudo da Lexicografia

Em relação à sua antiguidade, a Lexicografia é o domínio de maior tradição dentre as ciências do léxico. Tal tradição está diretamente relacionada à sua vertente aplicada, viés que justifica sua clássica concepção de ser arte, tomada no sentido grego, de técnica de fazer dicionários. Essa prática de ordenar alfabeticamente o conjunto de itens lexicais de um idioma e de agregar informações sobre seu conteúdo e uso, compondo obras de referência linguística, é uma atividade que vem de muitos séculos. Já existia nas culturas mais antigas do oriente, embora as primeiras obras tivessem particularidades organizacionais distintas dos dicionários atuais (KRIEGER, 2006, p. 164).

No excerto acima, a autora nos remete ao caráter prático da Lexicografia que durante muito tempo foi considerada uma arte e técnica de produzir dicionários, como podemos verificar em Casares (1969, p. 10), ou compreendida como a prática da Lexicologia, ciência responsável por diferentes estudos sobre o léxico, a exemplo daqueles que se relacionam ao período histórico em que determinada unidade léxica possui ocorrência em um determinado *corpus*¹¹, ou, ainda, os relativos a aspectos morfológicos, fonológicos, sintagmáticos, usos linguísticos, situados em regiões geográficas distintas, entre outros; mas não com a intenção de registrá-los em dicionários¹².

Assim, naquela época compreendia-se que enquanto a Lexicologia buscava um saber especulativo, numa perspectiva teórica, a Lexicografia, por sua vez, aspirava ao saber prático e aplicado. Todavia,

[...] esta concepção foi muito questionada por estudiosos que entendem a Lexicografia como disciplina científica e a define não somente por seu labor prático – confecção de dicionários – como, também, por seu componente teórico específico (PEREIRA, 2018, p. 30).

¹¹ *Corpus* linguístico é o conjunto de textos escritos e registros orais em uma determinada língua e que serve como base de análise. O plural de *corpus* é chamado de *corpora*.

¹² Cf: Haensch e Omeñaca (2004)

Como explica Krieger (2020, p.17), a compreensão da Lexicografia como arte e técnica de produzir dicionários não se altera ao longo do tempo, não perde sua validade ainda que tenha sofrido modificações com o passar dos anos. O que ocorre é que para além do conhecimento da técnica, na segunda metade do século XX surge um campo específico, chamado de Lexicografia teórica¹³, que se estabelece na Linguística.

Desse modo, entendemos a Lexicografia como a “ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p. 17) que se ocupa de problemas teóricos e práticos relacionados à elaboração de dicionários. Esse status de ciência, porém, começa a aparecer em meados da década de 70, com estudiosos, como, Rey-Debove, Dubois, Fernandez Sevilla, Zgusta, e outros que defendiam a Lexicografia como ciência autônoma e independente da Lexicologia, ainda que as duas estejam relacionadas.

Os primeiros trabalhos de tipologia, crítica e análise lexicográfica marcam um momento importante na história da Lexicografia, dando origem ao que chamamos de metalexigrafia. Vários autores discutem sobre as diferentes formas de se compreender a ciência Lexicografia, quais sejam:

Fernández-Sevilla (1974), que compreende que a Lexicografia é

[...] uma técnica científica destinada a estudar os princípios que devem ser seguidos na preparação de repertórios lexicais de todos os tipos, não apenas dicionários, mas, também, vocabulários, inventários etc. Não é um trabalho de amadores, mas uma profissão a qual se dedicam homens de ciência que se dedicam preferencialmente ou exclusivamente, sozinhos ou em equipe. A lexicografia, então, não permanece alheia às correntes da pesquisa linguística ou aos novos métodos de trabalho; de um modo muito especial, não é alheia aos enredos com os quais está mais intimamente ligada por sua própria natureza (lexicologia e semântica). Em seus achados é apoiado e com eles é fertilizado e rejuvenescido (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 15-16, tradução nossa)¹⁴.

Werner (1982), que propõe a delimitação de duas vertentes no âmbito da Lexicografia, quais sejam: a Lexicografia e Teoria da Lexicografia. A primeira diz respeito ao domínio da descrição léxica que se concentra nos estudos e descrição dos monemas e simonemas¹⁵ individuais dos discursos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos. A segunda é utilizada para designar a metodología científica da Lexicografia.

Wiegand (1984, p. 13-30), outro estudioso da área, ao tratar da estruturação da

¹³ Cf. Werner (1982).

¹⁴ : [...] una técnica científica encaminada a estudiar los principios que deben seguirse en la preparación de repertorios léxicos de todo tipo, no sólo diccionarios sino también vocabularios, inventarios, etc. No es labor de aficionados sino profesión a la que se consagran hombres de ciencia de moda preferente o exclusivo, solos o en equipo.

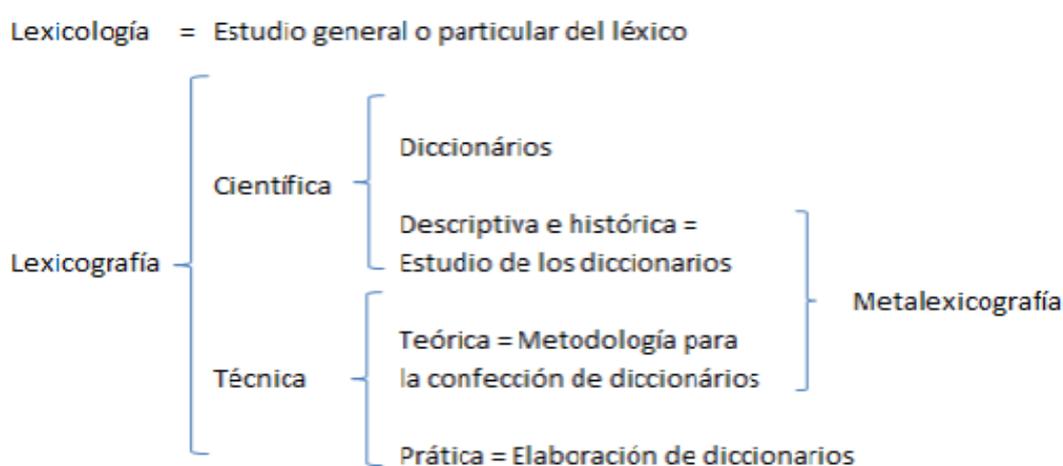
¹⁵ “Como monemas, entende-se as unidades significativas mínimas e como simonemas os significantes compostos de vários monemas” (FERREIRA e PEREIRA 2021, p. 646).

Metalexigrafia como campo de investigação, a divide em: i) história da Lexicografia; ii) teoria geral da Lexicografia; iii) crítica dos dicionários; e iv) investigação sobre seu uso.

Rodriguez Barcia (2016), por seu turno, compreende que a Lexicografia pode ser dividida em: (i) Lexicografia Teórica, ou Metalexigrafia, cujo objeto seriam os estudos teóricos, sincrônicos ou diacrônicos dos dicionários; (ii) Lexicografia Técnica, que se encarregaria do projeto de elaboração de uma obra lexicográfica e (iii) Lexicografia Plástica, voltada, especificamente, para a elaboração de dicionários. Para Rodríguez Barcia (2016), a Teoria Geral da Lexicografia representa uma das mais importantes reflexões teóricas sobre a Lexicografia, juntamente com as contribuições de Scerba na década de 40 e a teoria funcional de Bergenholtz e Tarp no início do século XXI.

Podemos observar a visão de Porto Dapena (2002) a respeito da Lexicologia e da Lexicografia no infográfico que o autor apresenta em seu texto:

Figura 1: Características da Lexicologia e da Lexicografia



Fonte: (PORTO DAPENA 2002, p. 23)

Como podemos observar, são diversas as discussões em torno do objeto de estudo da Lexicografia, dentre os mais diversos tipos de vertentes. Verifica-se, nesse cenário, que tanto a Lexicografia como a Lexicologia são alicerçadas em princípios teóricos coerentes com os objetivos dos repertórios lexicográficos em questão. Ressaltamos, ainda, que todas as visões apresentadas pelos autores trazem imensuráveis contribuições aos estudos do léxico e às ciências em geral.

De acordo com Krieger (2020, p.18), “o campo investigativo da Lexicografia é

vasto e não é formalmente delimitado”. Nesse sentido, a autora apresenta um quadro analítico, com base em Hartmann (2008), em sua palestra “Vinte e cinco anos de pesquisa de dicionários”, que demonstra as diferentes teorias e perspectivas de pesquisa sobre a Metalexigrafia:

Quadro 1 – Metalexigrafia

	Perspectivas	Tópicos	Pioneiros	Textos relevantes
1	Crítica de dicionários	Avaliação de qualidade	P. Beni (1612)	Wiegand (1998-2005)
2	História de dicionários	Identificando tradições	J. Murray (1900)	Katz (1998)
3	Tipologia de dicionários	Classificação de gêneros	L.V Seerba (1940)	Landau (2001)
4	Estrutura de dicionários	Formatação de informação	Jean Dubois (1962)	Bergenholtz ; Tarp (1995)
5	Uso do dicionário	Observação de aspectos de referência	C. Barnhart (1962)	Lex (2004)
6	Tecnologia para dicionários	Aplicação de ajuda computadorizada	R. Busa (1971)	Pruvost (2000)

Fonte: (HARTMAN, 2008, p.137, readigramado por KRIEGER, 2020, p.19)

O quadro apresenta os maiores enfoques dos estudos lexicográficos, demonstrando de forma explícita seu caráter metalexigráfico. Desse modo, sendo o dicionário o objeto de estudo da Lexicografia, muitas são as possibilidades de investigação.

Esse objeto resulta em um instrumento fundamental no ensino de línguas e, como aponta Rodriguez Barcia (2016, p. 45), “[...] na atualidade, o uso do dicionário nas salas de aula é muito habitual, quase obrigatório, e não somente no que se refere a uma segunda língua, mas também, no que concerne à língua materna”.¹⁶ Essa afirmação traduz a importância de uma obra lexicográfica ser elaborada com base em princípios teóricos e metodológicos bem delimitados, além de cada uma delas precisar considerar o possível consulente, suas características e necessidades didáticas. A organização de um dicionário deve ponderar a fase de processo de aprendizagem em que o consulente se encontra, pois somente assim irá satisfazer com maior amplitude as divergências de uso, tornando-se um instrumento eficaz no ensino e para o ensino.

¹⁶ “En la actualidad el uso del diccionario en las aulas es muy habitual, casi obligado, y no solo en lo relativo a una segunda lengua, sino también en lo que concierne a la lengua materna (RODRÍGUEZ BARCIA, 2016, p. 45).

Desse modo, o dicionário pode ser visto como um representante dos aspectos linguísticos e sociais de uma comunidade, na medida em que uma obra lexicográfica possui informações de diferentes áreas, tornando-se um objeto também interdisciplinar. Em vista disso, muitos são os caminhos que o pesquisador pode tomar; a depender dos objetivos de estudo, pode ser necessário recorrer a outras epistemologias para sustentar as reflexões, discussões e análises.

Sopesando que a elaboração deve ser pautada nas necessidades do consulente, é preciso pensar no tipo de dicionário a ser elaborado, nas diferentes fases de desenvolvimento da competência léxica do consulente, pois, muitas vezes, tem-se a ideia equivocada de que qualquer dicionário serve para todas as fases de aprendizagem. No tópico abaixo, apresentamos, de forma breve, as tipologias de dicionários existentes na Lexicografia.

1.3 Tipologia de dicionários

Sendo o dicionário um livro que abarca diferentes informações a respeito de uma língua, muitos são os tipos de obras que podem surgir para atender às necessidades do possível consulente em seu processo de busca por conhecimentos diversos. Junto à diversidade tipológica das obras, também estão os distintos critérios classificatórios. Em meio a essa diversidade de obras existentes, tratamos nesta subseção, de modo sucinto, as tipologias de obras lexicográficas.

Definir os diferentes tipos de dicionários é uma tarefa difícil e deve ser feita de forma assistemática, com base em diferentes critérios. Nesse sentido, vários são os autores que versam sobre a temática, a exemplo de Fernandez-Sevilla (1974), Haensch (1982), Porto Dapena (2002), Haensch e Omeñaca (2004), Welker (2004; 2008), Krieger (2006), Silva (2007).

Segundo Welker (2004, p. 35), de acordo com o enfoque estabelecido, as tipologias podem ser diferentes de autor para autor. Assim, as obras são organizadas e estruturadas levando em conta alguns aspectos, como: o público ao qual se destina a obra, os objetivos que se pretende alcançar, o espaço disponível da obra, entre outros fatores que as diferenciam.

Krieger (2006), por sua vez, ressalta a grande variedade tipológica das obras e aponta que:

Diante da amplitude do tema, privilegamos alguns aspectos do universo da prática e da metodologia referentes à produção de dicionários que, longe de ser uniforme, apresenta uma grande variedade tipológica – dicionário monolíngue, bilíngue, dicionário geral, tipo thesaurus, tipo padrão, de usos, minidicionário, dicionário escolar, – entre tantas outras possibilidades. Isto para ficar no âmbito das obras de referência linguística, ou seja, as que registram o léxico de forma sistemática e são, conseqüentemente, consideradas como paradigmas linguísticos, independentemente de sua extensão (KRIEGER, 2006, p. 142).

Já Silva (2007, p. 283) expõe que os metalexícógrafos entram em consenso quanto à dificuldade de se definir as várias tipologias de obras lexicográficas. Portanto, os diversos tipos de dicionários podem ser divididos e caracterizados com base em alguns critérios, como os apresentados a seguir:

1. Quanto à sua natureza:

Comumente, os dicionários são classificados em duas naturezas. A primeira é a semasiológica, que consiste em partir do signo linguístico para a determinação do seu conceito; em outras palavras, parte da palavra (o lema¹⁷) para se chegar à ideia. A segunda é a onomasiológica que busca a partir dos conceitos o signo linguístico, isto é, do conceito à palavra. Nesta pesquisa, analisamos apenas os dicionários de natureza semasiológica.

2. Quanto ao número de línguas:

- i) Monolíngues, que registram o léxico de uma língua. Alguns exemplos dessa tipologia são: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2010) e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010). Em língua espanhola temos, como exemplo, o *Diccionario de la real academia* (2014) e o *Diccionario de español para extranjeros* (2005).
- ii) Bilíngues, que colocam duas línguas em contato e registram as palavras em relação de equivalência. Por exemplo, Português > Espanhol ou Espanhol > Português. Um dicionário que corresponde a essa tipologia é o *Michaelis Dicionário Escolar Espanhol* (2009).

¹⁷ O lema (entrada ou vedeta) poderá ser qualquer palavra, conjunto de palavras, signo, letra, conjunto de letras ou signos que encabeça um artigo de dicionário, enciclopédia, índice, ficha etc. (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 21).

- iii) Plurilíngues ou Multilíngues, que registram os lemas e seus significados em três línguas ou mais, a exemplo do *Dicionário de Idiomas 6 em 1: português, inglês, francês, alemão, italiano, espanhol* (2004).
- iv) Semibilíngues, que além de apresentarem equivalências como o bilingue, também apresentam definições na língua de partida ou de chegada, como ocorre nos dicionários monolíngues. Um exemplo desse tipo de dicionário é o *Señas: Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* (2013).

3. Quanto à cronologia:

Em uma perspectiva cronológica, os dicionários se classificam como sincrônicos ou diacrônicos. Enquanto o primeiro registra o léxico em estado de língua particular, estático, o segundo descreve a língua partindo de sua história, considerando suas alterações no tempo (diacrônico).

4. Quanto a sua extensão:

As obras lexicográficas podem ser divididas como exaustivas ou seletivas. As seletivas, como o nome sugere, são aquelas que apresentam um recorte da língua na sua composição; já as obras consideradas como exaustivas procuram abarcar todo o léxico da língua. Assim, “a denominação “thesaurus” está vinculada à ideia de exaustividade histórica de registro, cobrindo desde palavras antigas aos modernos neologismos” (KRIEGER, 2006, P. 144). Para Haensch (1982, p. 152), tanto os dicionários parciais, gerais ou especializados podem ser exaustivos ou seletivos, ainda que, segundo o autor, o mais provável é que os dicionários gerais sejam exaustivos.

5. Quanto a sua tipologia:

Os dicionários podem ser subdivididos em gerais, especiais ou especializados. O primeiro busca abarcar o léxico usual de uma língua, e o conjunto dessas palavras que compõem esse tipo de dicionário é considerado como a variedade estandar do idioma, além de apresentar um acervo científico representado por meio das marcas de uso.

Os dicionários especiais de língua, diferentemente dos gerais, apresentam a descrição de uma parcela selecionada do léxico, como, por exemplo, sinônimos e/ou antônimos, parônimos, homônimos, verbos, falsos amigos, símbolos etc.

Welker (2008) destaca, sobre o assunto, que essas obras não podem ser confundidas com os dicionários de linguagens de especialidade pois:

Tais dicionários não necessariamente se destinam a aprendizes, mas, em muitos casos, os autores e editores dessas obras pretendem fornecer um auxílio a esses usuários. Vai depender do tratamento que é dado às informações lexicográficas se esses dicionários podem ser considerados pedagógicos ou didáticos. Por exemplo, os dicionários de sinônimos, na sua maioria, certamente não são DPs, pois apenas arrolam diversos 'sinônimos', sem nenhuma explicação. Quanto aos onomasiológicos, por exemplo, o Tosqui-Lucks (neste volume) mostra alguns que são, de fato, pedagógicos (WELKER, 2008, p. 18).

Assim, os dicionários especializados, por sua vez, se ocupam de um subconjunto do léxico de uma língua, isto é, descrevem as unidades léxicas de uma determinada área do conhecimento, como os dicionários de termos médicos, do Direito, da Informática, da Linguística, entre tantas outras ciências e técnicas.

Com base no exposto, verifica-se que, diante de tantos tipos de dicionários, a elaboração das obras pedagógicas, considerando seu caráter, precisa acontecer numa perspectiva didática, de forma a tentar sanar as possíveis dúvidas que os consulentes possam apresentar. Nesse sentido, ainda que estudiosos como Hernández (1998) e Azorín Fernández (2000) considerem que todo dicionário é essencialmente didático, Pereira (2018 p. 38) ressalta que “se analisarmos uma obra lexicográfica a partir desse ponto de vista não seria necessário qualificá-la como didática, ao passo que por sua própria natureza ela já possui essa característica”. Portanto, é preciso salientar que cada obra tem objetivos próprios e delimitados de acordo com seu consulente. Ademais, não são todos os dicionários que são organizados de forma didática.

Nesse contexto, as contribuições da Lexicografia Pedagógica são importantes para que a elaboração das obras lexicográficas ocorra numa perspectiva verdadeiramente didática e que atenda às necessidades do aprendiz de língua, em especial, os estudantes de língua estrangeira que necessitam de maiores informações a respeito da língua que estudam.

Diante disso, como pudemos observar, a depender do público-alvo, a obra será elaborada com base em critérios próprios e sempre sopesando o potencial consulente, o que implica o seu enquadramento em alguma das tipologias existentes. Em outras palavras, a tipologia do dicionário mantém relação direta com o público ao qual a obra se

destina. Dessa reflexão surge um tipo de dicionário específico e, de acordo com a tipologia a que ele se enquadra, também se estabelecem os critérios de seleção e tratamento das unidades léxicas em termos de sua estrutura, questão discorrida no tópico a seguir.

1.4 Estrutura lexicográfica

Muitos são os autores que versam sobre a temática da estrutura dos dicionários. Para nosso trabalho, pautamo-nos nas reflexões apresentadas por Hausmann e Wiegand (1989); Fuentes Morán (1997); Biderman (2001); Hartmann (2001); Haensch e Omeñaca (2004); Farias (2007) e; Rodrigues-Pereira (2020).

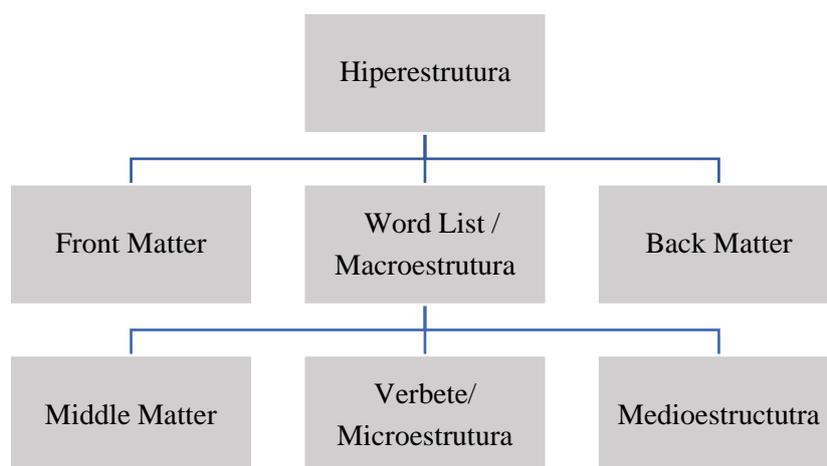
De modo geral, os dicionários apresentam uma estrutura que pode ser organizada de diferentes maneiras a depender da pretensão do lexicógrafo para o objetivo da obra. Cada um dos distintos componentes que podem ser contemplados em uma obra lexicográfica apresenta diferentes características condicionadas pelas suas finalidades e funções (cf. HAUSMANN; WIEGAND, 1989; HARTMANN, 2001). Nesse contexto, é fundamental que se estabeleça uma articulação entre todos os seus componentes, pois “o texto da obra de referência é o lugar onde ambos [*i.e.* usuário e compilador] se encontram, onde a informação em questão pode ser corretamente alocada pelo compilador e recuperada pelo usuário” (HARTMANN 2001: 62).¹⁸

Nesse sentido, os dicionários elaborados e pensados no âmbito da LEXPED, em especial, costumam apresentar essa articulação, pois buscam registrar informações de diferentes naturezas, com vistas a atender às necessidades do consulente, de forma que essas informações contribuam para o uso adequado e efetivo do dicionário.

Assim, a estrutura lexicográfica pode ser dividida em sete partes principais, conforme o organograma organizado por Rodrigues-Pereira (2020):

¹⁸ [the text of the reference work is the place where they both [*i.e.* usuário e compilador] meet, where the information „in question“ can be correctly located by the compiler and retrieved by the user].

Figura 2: Estrutura lexicográfica



Fonte: Rodrigues-Pereira (2020) com base em Fuentes Morán (1997), Haensch (1982), Hartmann (2001), Porto Dapena (2002) e Pereira (2018).

À articulação dos componentes de uma dada obra, dá-se o nome de hiperestrutura¹⁹ – a estrutura geral dos dicionários, constituída em três partes canônicas: *Front Matter*, *Word List ou Macroestrutura* e *Back Matter* (WIEGAND, 1988, *apud.* FUENTES MORÁN, 1997, p. 50).

1.4.1 Front Matter

Front Matter são as páginas iniciais de uma obra que, em linhas gerais, correspondem a todo o material que é apresentado antes da macroestrutura principal do dicionário (o corpo do dicionário). Nelas são encontradas informações sobre a obra, prefácio, apresentação, orientações a respeito do uso do dicionário, lista de abreviaturas, entre outras informações que podem auxiliar o consulente em suas pesquisas; é um lugar que serve como guia de uso. Ainda que pareça uma definição simplista de sua função, vale salientar que essa seção do dicionário ou subseção da *Outside Matter*²⁰ não pode ser confundida como apenas um prefácio ou nota introdutória da obra lexicográfica, pois trata-se de um componente importante na elaboração de dicionários, que deve estar regido seguindo princípios metodológicos claros e objetivos para que possa sanar possíveis dúvidas que o consulente venha a ter.

¹⁹ Hartmann (2001, p. 59-60) denomina de megaestrutura.

²⁰ Hartmann (2001, p. 57-59) considera que o conjunto *Front Matter*, *Middle Matter* e *Back Matter* formam a *Outside Matter*. Essas três partes de uma obra lexicográfica resultam em tudo aquilo que não é a macroestrutura especificamente, de modo que a união coerente entre macroestrutura, microestrutura, medioestrutura e *Outside Matter* possibilita-nos obter o que Hartmann (2001, p. 59) denomina de *Macrostructure*. (RODRIGUES-PEREIRA, 2020)

1.4.2 Macroestrutura

De acordo com Hartmann (2001), a macroestrutura e a microestrutura são elementos que caracterizam fundamentalmente a estrutura do dicionário. Assim, “todo elemento lexicográfico pertence a essas duas partes e precisa ser coerentemente organizado com vistas à atender aos objetivos do projeto lexicográfico.” (PEREIRA, 2018, p. 38).

A macroestrutura, ou Word List (WIEGAND, 1988), é constituída por todas os lemas ou entradas de um dicionário (PORTO DAPENA, 2002, p. 135) que estão ordenados conforme critérios de seleção pré estabelecidos pelo lexicógrafo, podendo ser de forma semasiológica ou onomasiológica, em ordem alfabética ou inversa, entre outras variações menos frequentes. Assim, podemos dizer que a macroestrutura é a organização da nomenclatura do dicionário que diz respeito ao conjunto de lemas que faz parte da macroestrutura do dicionário. A nomenclatura refere-se a nominata, isto é, um número determinado de palavras que compõem uma obra lexicográfica. Em uma definição complementar de Haensch e Omeñaca (2004), tem-se que para além dessa organização há, também, a inclusão do prefácio do dicionário, de uma introdução fonética e gramatical, listas de abreviaturas, siglas etc.

1.4.3 Microestrutura

A microestrutura de uma obra lexicográfica é entendida como o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada e pode conter diversos tipos de informações, tais como:

(i) Grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão, etimologia, marcas de uso; (ii) informações explicativas, ou seja, a definição do lema; (iii) uso do lema, ou seja, a sua contextualização ou ilustração, construção e colocação, expressões idiomáticas, provérbios; (iv) sinônimos, antônimos, parônimo; (v) informações semânticas sobre metáforas; (vi) informações sobre remissivas. Pode conter ainda, dependendo do objetivo do dicionário: ilustrações, gráficos, símbolos. O fato é que o lexicógrafo pode inserir qualquer tipo de informação em sua microestrutura, e, conseqüentemente, pode elaborar qualquer tipo de enunciado lexicográfico (ZAVAGLIA, 2012, p. 253).

Assim, a microestrutura pode ser entendida como a organização interna do verbete, formada pela palavra entrada mais a sua organização interna (lema + microestrutura = verbete). Para Pereira (2018, p. 42), “a microestrutura resulta, pois, no verbete como unidade de estruturação do conteúdo léxico e a descrição linguística, a disposição e separação das acepções, assim como, a disposição dos sintagmas, da fraseologia, das subentradas etc”.

Ressaltamos, ainda, que as informações presentes na microestrutura dos dicionários precisam ser elaboradas e organizadas de acordo com os objetivos da obra que, por sua vez, são propostos a partir de necessidades diversas do público-alvo para o qual o repertório lexicográfico é pensado. É nesse componente (microestrutura) que situam-se as marcas de uso, objeto de estudo de nossa pesquisa.

1.4.4 Medioestrutura

A medioestrutura pode ser definida como um sistema de remissões, ou seja, maneiras de remeter o consulente de um lugar a outro na obra, podendo haver remissões externas [outras fontes de consulta] ou internas [no interior dos verbetes]. Em outras palavras, a medioestrutura é entendida como “[...] aquela estrutura polissêmica que subjaz à agrupação de esclarecimentos de significado relativa a uma unidade polissêmica em um dicionário monolíngue” (FUENTES MORÁN, 1997, p. 45, tradução nossa)²¹.

1.4.5 Middle Matter

A *Middle Matter* corresponde às intervenções que podem ocorrer em alguns dicionários, como, ilustrações, informações sobre conjugações verbais etc. Geralmente, essas informações são dispostas em lugares estratégicos na macroestrutura²².

1.4.6 Back Matter

A *Back matter* é a parte do dicionário que sucede à macroestrutura, ou seja, são as partes finais de um dicionário. Contém informações que podem ser complementares à macroestrutura e à microestrutura e podem variar bastante de uma obra para outra.

Nessa parte, normalmente comportam-se os compêndios gramaticais, tabelas de conjugação de verbos, tabelas de adjetivos gentílicos, tabelas de topônimos, tabelas de pesos e medidas, listas de referências bibliográficas, apêndices etc.

Vale salientar, como explica Farias (2007), que existe uma dificuldade muito grande em se encontrar estudos (meta)lexicográficos que tratem de forma específica dos problemas relacionados à *middle* e à *back matter* das obras lexicográficas, de forma que ainda não é possível delimitar com exatidão qual seria a função desses sub-

²¹ [...] se concibe como aquella estructura polisémica que subyace a la agrupación de aclaraciones de significado relativas a una unidad polisémica en un diccionario monolingüe” (FUENTES MORÁN, 1997, p. 45).

²² Cf. Hartmann (2001)

componentes estruturais, nem quais seriam os elementos que deveriam tomar parte na sua constituição.

No âmbito da Linguística, há diferentes ciências que se dedicam aos estudos do léxico, como, por exemplo a Lexicologia; a Lexicografia; a Terminologia; a Fraseologia; a Onomástica, que se subdivide em Toponímia e Antroponímia; entre outras. Ainda que essas áreas possuam em comum o mesmo objeto de estudo, cada uma tem por objetivo descrever um ou outro aspecto do léxico; sendo assim, a descrição e a análise é realizada conforme princípios teóricos e metodológicos de cada uma delas.

Considerando, pois, os objetivos de nossa pesquisa, na sequência, discorreremos sobre a Lexicografia Pedagógica.

1.5 LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA

1.5.1 Origens da Lexicografia Pedagógica e sua conceitualização

É de conhecimento comum que o dicionário, em maior ou menor grau, sempre ocupou lugar de destaque nos mais diferentes contextos. Ele sempre foi utilizado como um instrumento de pesquisa essencial para aquisição de língua. Entretanto, esses dicionários nem sempre foram elaborados para os contextos de ensino e aprendizagem, isso porque, como já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, o reconhecimento da Lexicografia enquanto ciência só despertou interesse em meados da década de 30, no século XX (HWANG, 2010), quando começa a haver maior preocupação didática.

De acordo com Molina García (2006, p. 13), antes do surgimento da LEXPED o dicionário era concebido como um livro de referência em que se consultava ocasionalmente. O dicionário era utilizado, portanto, para o que se entendia:

[...] como uma consulta; localizar uma página entre as centenas de páginas da obra, uma busca rápida por um termo entre dezenas de termos na mesma página e encontrar um significado ou definição que satisfizesse instantaneamente a necessidade de compreensão do usuário foram (e ainda são para alguns) as três etapas que constituíram o manuseio do dicionário (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 13, tradução nossa)²³.

²³ [...] como una consulta; una localización de una página dentro de los cientos de páginas de la obra, una búsqueda rápida de un término entre las decenas de términos de una misma página, y el hallazgo de un significado o definición que satisficiera al instante la necesidad de comprensión del usuario eran (y sigue siendo para algunos) los tres pasos que constituían el manejo del diccionario (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 13).

Nesse contexto, o autor complementa o excerto com a afirmação de que há um fator que se deve levar em conta, o fato de que “consultar” não é sinônimo de “aprender”. Portanto, consultar um dicionário vai muito além de apenas entender o significado de determinada lexia. Torna-se necessário, pois, que o consulente aprenda a ler um dicionário, ou seja, adquirir o que chamamos de letramento lexicográfico²⁴.

No final do século XIX e início do século XX, os moldes do ensino de línguas passaram por algumas mudanças. Segundo Molina García (2006), os estudos realizados por pedagogos e linguistas vão ao encontro de um método de ensino mais natural e direto. Para Vargas (2018, p. 1935), esse método propunha que para se aprender uma língua era necessário desenvolvê-la oralmente, pois quanto mais contato o aprendiz tem com a língua alvo, mais ele terá condições de se expressar nesse idioma. Logo, não se recorria à tradução e a aprendizagem de gramática era dedutiva, isso porque as regras de funcionamento da língua eram alcançadas por meio da observação do idioma em uso.

Esse método tornou-se um “divisor de águas” no que concerne ao ensino e à aprendizagem de línguas, refletindo no campo da Lexicografia. Nesse contexto de mudança, houve a necessidade de “[...] mudar a apresentação do léxico e da gramática nos dicionários voltados ao ensino, de modo a satisfazer às necessidades de aprendizagem dos usuários” (VARGAS, 2018, p. 1935).

Conforme Molina Garcia (2006), houve uma “revolução-lexicográfico-pedagógica” a partir de uma mudança na prática lexicográfica quando os professores e pesquisadores Harold E. Palmer, Michael P. West e Albert S. Hornby, considerados os “pais” da Lexicografia Pedagógica, no início do século XX, passam a compreender que o dicionário é um importante material pedagógico para o ensino de línguas, e que as obras lexicográficas devem ser diferentes a depender das necessidades linguísticas que os diferentes consulentes apresentam. Nesse enquadre, “o giro de 180° realizado no início do século XX se baseia na ideia chave e muito repetida em investigações sucessivas de que o dicionário deve ser concebido para satisfazer as necessidades do usuário” (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 10, tradução nossa)²⁵.

Embora existam dicionários para aprendizes de línguas há muito tempo, Welker (2008) explica que foi somente a partir dos *learner dictionaries* que as necessidades dos

²⁴ Para uma visão mais abrangente da temática, cf. Dantas (2014).

²⁵ El giro de 180° grados llevado a cabo a comienzos del siglo XX se basa en la idea clave y muy repetida en investigaciones sucesivas de que el diccionario debe ser concebido para satisfacer las necesidades del usuario (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 10).

estudantes foram, de fato, observadas. Passou-se, então, a considerar o objetivo da obra e a quem ela se destina, pois um dicionário elaborado para um estudante de língua estrangeira deve ser diferente daquele elaborado para um nativo da língua.

Os “pais da LEXPED”, como já mencionados anteriormente, foram os responsáveis pelo princípio dos *learner dictionaries*. Os três eram professores de inglês no estrangeiro. West, na Índia, e Palmer e Hornby, no Japão.

Segundo Molina Garcia (2006), outro fator complementar para o surgimento da LEXPED foi o denominado *The Vocabulary Control Movement*, “claramente pedagógico” (NADIN, 2020, p. 168). Os três professores “iniciaram um processo de controle de vocabulário, num ensino focado no léxico” (NADIN, 2020, p. 168), o que permitiu uma influência direta na elaboração das obras lexicográficas de caráter pedagógico. Esse movimento tinha como objetivo selecionar do léxico global aquelas unidades, consideradas por eles, essenciais para a comunicação diária, de modo a facilitar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, naquele caso em específico, o ensino de língua inglesa.

Para Pereira (2018), esses professores, ao possibilitarem a elaboração de repertórios lexicográficos de caráter pedagógico, contribuíram, conseqüentemente, com o ensino de inglês no estrangeiro:

propuseram uma série de princípios que, com o passar do tempo, adquiriram a categoria de convenção no momento de planejar um dicionário monolíngue. Tais princípios: i) controle do vocabulário, ii) informação gramatical e sintática, iii) papel dos exemplos, e iv) fraseologia serviram de norte para novos olhares lexicográficos com vistas a atender as necessidades dos seus possíveis usuários estudantes de línguas (PEREIRA, 2018, p. 44-45).

Molina García (2006) aponta que dos esforços empreendidos pelos professores para gerar uma lista de palavras adequadas, surgiram repertórios léxicos que podem ter alavancado a criação dos primeiros dicionários de caráter pedagógico.

Podemos citar, por exemplo, a obra *The New Method English Dictionary*, de West e Endicott (1935), em que quase 24.000 unidades léxicas foram definidas usando um vocabulário restringido de menos de 1.500 palavras.

Outra contribuição veio de Palmer (1938), com a publicação da obra *A Grammar of English Words*, em que pretendia-se reunir um léxico especial, disposto em ordem alfabética, para descrever as peculiaridades das palavras de categoria gramatical, cujo objetivo era auxiliar o usuário a produzir e compreender textos escritos.

A obra *General Basic English Dictionary*, de Odgen, publicada em 1940, realizada usando um vocabulário de 850 palavras que proporcionaram mais de 20.000 unidades léxicas definidas, também deixou sua contribuição.

Hornby, por sua vez, juntamente com Gatenby e Wakefield, escreveu o *Idiomatic and Syntactic English Dictionary* (1942). Nas edições de 1948, a obra teve seu título alterado para *A Learner's Dictionary of Current English* e seu foco era na linguagem contemporânea e nas variedades diatópicas. Durante muitos anos, o nome de Hornby se converteu em sinônimo de dicionário de aprendizes estrangeiros.

Em decorrência da necessidade de obras que preveem uma organização didática, surge, portanto, a LEXPED, considerada uma subárea da Lexicografia Geral, especializada em dicionários para fins didáticos, ou seja, destinados a aprendizes de língua, materna ou estrangeira cujas reflexões teóricas e metodológicas sustentam nossa pesquisa.

Welker (2008) entende que, assim como na Lexicografia Geral, a LEXPED se divide, podendo ser estudada sob duas perspectivas: a Lexicografia Pedagógica Teórica e a Lexicografia Prática. Segundo Teixeira (2015, p. 33), enquanto a teórica estaria relacionada com os estudos dos dicionários escolares, a prática se concentra na elaboração dos dicionários desse tipo.

A LEXPED, nesse cenário, se ocupa tanto da produção de dicionários quanto do estudo dessas obras, com a finalidade de contribuir com a aprendizagem de línguas. Welker (2008, p. 15) enuncia que essas obras se diferenciam das comuns justamente pela preocupação que se tem com o aprendiz, seja de língua estrangeira ou de língua materna.

Nadin (2020, p. 166) explica que o fato da LEXPED se atentar na elaboração de dicionários direcionados ao ensino e à aprendizagem de línguas é uma característica própria que, por um lado, a faz diferente dos mecanismos próprios da própria Lexicografia e, por outro, lhe proporciona uma flexibilidade no tratamento das informações léxicas, pois as informações sobre o conteúdo e a forma de dicionários pedagógicos devem ser estabelecidas com foco no consulente que deve ser predeterminado.

Ao considerar essas características evidenciadas nos repertórios lexicográficos, alguns autores debatem sobre a conceitualização de “dicionário didático”. Resgatando opiniões de autores como Rey Debove, Béjoint e Alvar Ezquerro que, desde o século XX, já salientavam as características didáticas dos dicionários, Welker (2008, p. 19) acrescenta que não é novidade que o dicionário é, em sua essência, didático. Em Krieger

(2006) e Hernández (2008) também há menção sobre a expressão “Lexicografia Didática”, de uso recorrente na literatura especializada da Lexicografia espanhola.

Nesse sentido, Welker (2008) explica que o adjetivo pedagógico se refere ao dicionário elaborado para atender às necessidades de estudantes de línguas; já o adjetivo didático seria empregado para fazer referência à maneira como as informações lexicográficas são apresentadas de forma adequada (didática) ou inadequada (pouco didática).

Sobre o assunto, Krieger (2011, p. 109) expõe que se pode depreender “em princípio [que] todo e qualquer dicionário é didático, na medida em que traz informações sobre o léxico, a língua e a cultura”. Entretanto, a autora esclarece que apesar dessa evidente natureza didática, não são todos os dicionários adequados para o ensino de línguas. Partindo dessa constatação, Rodrigues-Pereira (2020) ressalta não ser adequado indicar toda obra como didática, uma vez que nem todas elas são organizadas dessa forma.

Assim, Rodrigues-Pereira (2020) entende que para a caracterização de um dicionário como didático, é necessário considerar duas questões: i) os estudos que são realizados no âmbito de ciências que possuem interfaces teórico-aplicadas, como a LEXPED, a Pedagogia e a Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas; ii) o processo de elaboração da obra lexicográfica, de forma que, com o resultado, ao realizar alguma pesquisa no dicionário, o estudante não precise fazer outras buscas para poder sanar a dúvida em questão²⁶.

Nesse contexto, o processo de elaboração de dicionários precisa acontecer em uma perspectiva didática, com base em parâmetros pré-estabelecidos, considerando para tanto, as necessidades didáticas do potencial consulente, assim, poderá satisfazer com maior amplitude as divergências de aprendizado dos consulentes, além de permitir aos professores e estudantes usufruírem de instrumentos pedagógicos que poderão contribuir no ensino de uma língua, pois possibilitam conhecimentos metalinguísticos e sociolinguísticos de diferentes aspectos. Consoante isso, Molina García (2006, p. 10) evidencia que “esse é basicamente o objetivo primordial da Lexicografia Pedagógica: a

²⁶ [...] i) los estudios que son realizados en el ámbito de ciencias que poseen interfaces teórico-aplicadas, como la LEXPED, la Pedagogía y la Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas; ii) el proceso de elaboración de la obra lexicográfica, de forma que, con el resultado, el estudiante pueda buscar informaciones y no necesite realizar otras pesquisas para poder sanar la duda en cuestión (RODRIGUES-PEREIRA, 2020, p. 95)

consideração de que um dicionário é uma ferramenta que tem como finalidade essencial servir do ponto de vista didático”.²⁷

A respeito do caráter didático dos dicionários, Krieger (2011, p. 106) postula que os princípios que norteiam a LEXPED são essencialmente dois: i) busca de adequação do dicionário; e ii) uso produtivo para os distintos projetos de ensino/aprendizagem de línguas. Assim,

a compreensão de que o dicionário é um texto, com regras próprias de organização, que sistematiza inúmeras informações de caráter linguístico, cultural e pragmático. Daí resulta seu exponencial papel pedagógico, bem como o princípio de que assim como há livros didáticos adequados aos diferentes níveis de ensino, de igual modo, deve-se proceder à escolha do dicionário adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos (KRIEGER, 2011, p. 106).

Para tanto, a LEXPED se constitui de diferentes interfaces que englobam, por exemplo, a questão da formação de professores para o reconhecimento pedagógico e a utilização do dicionário para o ensino-aprendizagem de línguas. De acordo com Vargas (2018, p. 1936), “desde o princípio, de modo incipiente, já se pensava no letramento lexicográfico do estudante-usuário do dicionário e do professor, temática que, desde então, vem sendo debatida e ampliada”²⁸.

Ressaltamos, ainda, que estudos sobre o registro de diferentes informações que podem ser contempladas em um repertório lexicográfico pedagógico se fazem necessários para que a elaboração de dicionários voltados para o ensino de línguas ocorra de forma didática e numa perspectiva funcional, oferecendo subsídios que auxiliem a elaboração de obras mais adequadas ao ensino e à aprendizagem do léxico. Diante disso, nossa pesquisa pretende propor parâmetros de registro de marcas diatópicas em dicionários pedagógicos.

Um dos objetos de estudo da LEXPED é justamente o dicionário voltado para o aprendiz de língua estrangeira. No Brasil, “embora os estudos no âmbito da LEXPED tenham aumentado consideravelmente na última década, ainda carecemos de mais reflexões teóricas, metodológicas e práticas, principalmente, no que se refere a

²⁷ Ese es básicamente el objetivo primordial de la Lexicografía Pedagógica: la consideración de que un diccionario es una herramienta que tiene como finalidad esencial servir desde el punto de vista didáctico” (MOLINA GARCÍA 2006, p. 10).

²⁸ “[...] o conceito de letramento lexicográfico está relacionado às práticas pedagógicas que visam propiciar adequada formação lexicográfica dos alunos, tanto os que não vão se tornar professores(as) de línguas, como aqueles que, um dia serão professores(as). [...] ser letrado lexicograficamente é conhecer todas as possibilidades e potencialidades da obra lexicográfica, reconhecer seu valor social e a ideologia que a perpassa, por meio de um trabalho sistemático sobre seu funcionamento e a(s) língua(s) que apresenta (VARGAS, 2018, p. 1936).

dicionários para aprendizes brasileiros de línguas estrangeiras” (PEREIRA, 2018, p. 60). Nesse sentido, na próxima subseção discorreremos sobre o contexto da LEXPED no Brasil.

1.5.2 Lexicografia Pedagógica no Brasil

No contexto brasileiro, segundo Krieger et al. (2009), pode-se dizer que o marco da Lexicografia brasileira ocorreu no século XX, quando surgiram os primeiros dicionários no país. Porém, como expõem as autoras, afirmar que a inauguração da LEXPED no Brasil se deu apenas no século XX não significa desconsiderar as iniciativas que ocorrem antes desse período, mas sim, que a tradição lexicográfica brasileira nos moldes que a conhecemos hoje é relativamente recente.

No panorama brasileiro, com as políticas linguísticas implantadas pelo Ministério da Educação (MEC) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), houve um impacto na elaboração de dicionários, isso porque as discussões em torno da investigação sobre Lexicografia de LP no Brasil propiciaram muitas reflexões sobre a forma de produzir, avaliar e utilizar os repertórios lexicográficos. Essas reflexões trouxeram à tona o conceito de Lexicografia Pedagógica.

Para entender como ocorreu esse processo, tomamos como ponto de partida a criação do PNLD, o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos alunos da rede pública no Brasil, que se iniciou no ano de 1937, quando foi estabelecido o Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, e foi criado então o Instituto Nacional do Livro. No decorrer de 63 anos (1937 - 2000) o programa sofreu diversas modificações, teve diferentes nomes e diferentes formas de execução.

Todavia, é apenas no ano de 2000 que é feita a distribuição de dicionários monolíngues de LP nas escolas. Pela primeira vez na história do programa, os livros didáticos passam a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização. Os livros para 2001, por exemplo, foram entregues até 31 de dezembro de 2000.

No ano de 2002, inicia-se a distribuição em massa dos dicionários, com objetivos de atingir em 2004 a meta de que todos os alunos matriculados no Ensino Fundamental possuíssem um dicionário de LP para uso durante sua vida escolar. No ano de 2003, como medida para alcançar a meta estabelecida, o PNLD passa a ofertar dicionários para alunos até a 8ª série (atual 9º ano). Nesse mesmo ano, é publicada a resolução CD FNDE nº. 38,

de 15/10/2003, que institui o PNLD também para o Ensino Médio, criando então o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM)²⁹.

Em 2004 e 2005 foram feitas aquisições e distribuições de livros didáticos e dicionários nas escolas. No que tange ao atendimento ao Ensino Médio, esse foi feito de forma progressiva. Com o PNLD 2006, o MEC decide adotar novas diretrizes, diferenciando os dicionários como: i) os repertórios do tipo 1, destinados à introdução do alfabetizando ao gênero dicionário que, por sua vez, possui entre 1.000 e 3.000 entradas; ii) os do tipo 2, de 3.500 a 10.000 verbetes, destinados a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita e; iii) os do tipo 3, entre 19.000 e 35.000, possui as características de um dicionário padrão, mas que são adequados às demandas das últimas séries do Ensino Fundamental, atuais 6º - 9º anos.

Em conformidade com Pereira (2018, p. 61), o estabelecimento dessas novas diretrizes, ainda que merecedoras de maiores reflexões, possibilitaram obras lexicográficas “mais condizentes com os níveis de domínio da língua materna dos alunos, de forma que os dicionários possuem número de entradas de acordo com as etapas específicas de ensino e aprendizagem da língua”.

No ano de 2012, essas tipologias foram ampliadas e aperfeiçoadas, assim, surgem também os dicionários de tipo 4. Ademais, além da distribuição de dicionários, também foi entregue às escolas um material de apoio para os professores, a obra “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula” (RANGEL, 2012). Ela foi criada com o intuito de que os professores soubessem mais sobre essas tipologias e como trabalhar com os dicionários em sala, de forma que o uso do dicionário pudesse ser otimizado.

Assim, ao oferecer subsídios para tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino e a aprendizagem, além de reconhecer que assim como existem livros didáticos adequados aos diferentes níveis de ensino também deve-se proceder à escolha do dicionário adequado às necessidades dos alunos, ficou “positivamente assegurada a ideia de adequação entre tipo de dicionário e objetivos de ensino, cumprindo-se os princípios básicos da Lexicografia Pedagógica” (KRIEGER, 2012, p. 24).

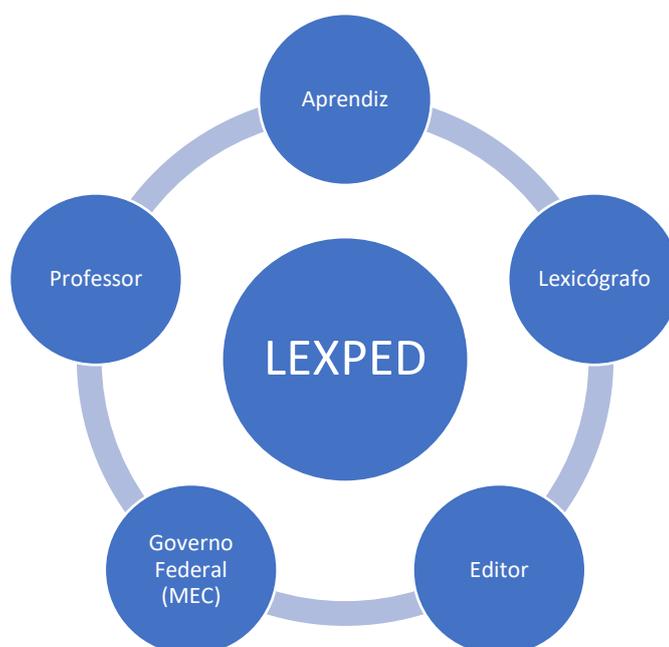
Conforme o que foi exposto até o momento, podemos perceber que o reconhecimento das obras lexicográficas vem sendo ampliado. Com a oferta de obras por meio do PNLD – Dicionários, surgem cada vez mais pesquisas voltadas a esse olhar cuidadoso sobre os dicionários.

²⁹ Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>.

Nesse contexto, Duran e Xatara (2007) sugerem haver quatro atores no âmbito da LEXPED, sendo o primeiro, o lexicógrafo que produz o dicionário com base em princípios teóricos e metodológicos pré-estabelecidos e também faz pesquisa com esses dicionários, tratando-se de uma prática metalexigráfica; o segundo ator é o editor que publica e comercializa a obra; o terceiro é o professor que será o mediador entre a obra e o aluno; e o quarto o aprendiz/aluno que é o consulente final a quem as obras pedagógicas se destinam.

Para Vargas (2018), a proposta apresentada por Duran e Xatara (2007) poderia ser complementada com mais um elemento, o Governo Federal, que realiza essas ações por meio do MEC. Assim, reconhecendo as ações dos atores da LEXPED, organizamos o seguinte panorama:

Figura 3: Atores no contexto da LEXPED



Fonte: Elaboração própria, com base em Duran; Xatara (2007) e Vargas (2018).

Consoante Krieger (2006), Rangel (2012), Krieger (2012) e Vargas (2018), essas ações de políticas públicas educacionais provocaram um impacto positivo na produção lexicográfica brasileira, além de refletirem, também, nas esferas acadêmicas, editoriais e escolares, posto que fomentam pesquisas no âmbito da LEXPED, estimulando reflexões teóricas e metodológicas sobre a produção de dicionários com vistas a atender às necessidades de cada consulente.

Todavia, ainda que os estudos no contexto da LEXPED no Brasil têm sido

ampliados, se fazem necessárias mais pesquisas na área, principalmente, aquelas voltadas para estudantes brasileiros de línguas estrangeiras, como, por exemplo, a proposta que estamos realizando neste trabalho que se direciona aos estudantes brasileiros aprendizes de espanhol como LE.

A língua espanhola, atualmente, recebe o *status* de língua internacional e se figura no ensino de línguas estrangeiras em diversos países, inclusive no Brasil. Por ser língua oficial em 21 países, carrega consigo algumas “individualidades” a depender da região em que é falada. Frente a essa diversidade, está a problemática da qual discutimos neste trabalho; a forma como a língua em uso é refletida nas obras lexicográficas é um debate importante quando falamos de dicionários pedagógicos, pois, como já mencionado, são elaborados (ou ao menos deveriam ser) a partir dos princípios básicos da LEXPED.

2 - MARCAS DE USO

A forma como os registros de uso é apresentada nos dicionários foi e ainda é bastante discutida por vários autores que apresentam diferentes perspectivas sobre a temática. Nesse capítulo, temos como objetivo discorrer sobre as marcas de uso, com foco para as marcas diatópicas e apresentar a problemática que nos instigou a realizar esta pesquisa. Conforme Santos (2014),

Sendo ciência histórica, a linguística vê a língua como instituição que reflete a história social e cultural de um povo, de uma comunidade, uma vez que modela imagens de mundo nas quais as marcas de uso, como elementos colaboradores da efetivação da principal função da linguagem - a de ser instrumento de comunicação e interação social - exercem papel importante para o conhecimento desse mesmo mundo. o estudo dessas marcas, portanto, possibilitando que se distinga, de fato cientificamente, a variação linguística, traz esclarecimentos sobre relações entre a linguagem e outros comportamentos individuais e sociais. (SANTOS, 2014, p. 140-141)

2.1 Marcas de uso na Lexicografia

No início do século XXI, Azorín Fernandez (2003) já chamava atenção para o fato de que um dos problemas ainda não resolvidos na prática lexicográfica é o que se refere as marcas de uso.

Desde as origens da lexicografia espanhola, embora com uma técnica lexicográfica ainda muito rudimentar, autores como Covarrubias (1611) e Ayala Manique (1693) viram a necessidade de introduzir nos seus dicionários informação sobre as particularidades de emprego que apresentavam algumas das palavras buscadas nos seus repertórios e as que separavam do uso geral (AZORÍN FERNANDEZ, 2003, p. 251, tradução nossa³⁰).

Assim, as marcas de uso, na Lexicografia, “caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal da língua de uma comunidade linguística; são instrumentos do léxicógrafo para indicar as variações” (STREHLER, 1998, p. 179). Em outras palavras, as MU são as informações a respeito das particularidades de uso da língua e que estão precisamente ligadas à variação que ocorre com a língua no tempo, no espaço, em contextos especializados, em diferentes contextos de uso.

A mesma noção pode ser encontrada em Porto Dapena (2002), que define marcas de uso como as que

[...] representam um tipo de indicações complementares que dizem respeito a um determinado significado em oposição a outros significados dentro do

³⁰ Desde los orígenes de la lexicografía española, aunque con una técnica lexicográfica todavía muy rudimentaria, autores como Covarrubias (1611) o Ayala Manrique (1693) vieron la necesidad de introducir en sus diccionarios información sobre las particularidades de empleo que presentaban algunas de las palabras recorridas en sus repertorios y que las apartaban de uso general (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 251).

mesmo verbete. É definitivo, como já foi dito, de elementos que indiquem alguma característica relacionada à natureza, uso ou valor da palavra-entrada em sua totalidade ou em qualquer de seus significados ou usos em particular. (PORTO DAPENA, 2002, p. 251, tradução nossa³¹).

De modo geral, essas marcas são apresentadas por meio de abreviaturas, colocadas antes da definição, como forma de aproveitar o pouco espaço que o dicionário impresso permite. Como explica Escribano (2003, p. 105), “é muito frequente o uso de abreviaturas, que permitem aproveitar mais o espaço (algo muito buscado nos dicionários), uma vez que facilitam a codificação de determinadas informações se forem inseridas de forma sistemática”³².

No entanto, nem sempre identificar marcas e abreviaturas costuma ser uma atividade de busca tão simples como pode parecer. Nesse sentido, Farjado (1996 – 1997 p. 32) ressalta que “[...] há que deixar claro que não podemos considerar “marcas” a tudo o que aparece no índice de abreviaturas de um dicionário e que, por outro lado, nem toda marca está necessariamente representada por uma abreviatura”³³.

Em consonância, Azorín Fernandez (2009) explica que o sistema de marcação das MU é uma das problemáticas encontradas na prática lexicográfica por conta dos diferentes critérios adotados pelos autores e que essas diferenças “afetam não só o número e sistematização das marcas concretas, mas também, o conceito mesmo de marca e de marcação” (2009, p. 253, tradução nossa)³⁴. A autora ainda evidencia que, com o avanço das técnicas lexicográficas, como há muitas informações a serem contempladas, algumas delas que podem ser encontradas na microestrutura dos dicionários, aparecem por meio de símbolos e abreviaturas e que essa tradição pode confundir o consulente a compreender de forma equivocada o significado da abreviatura em questão. Nesse sentido, ressaltamos a importância da consulta da *front matter* das obras lexicográficas, posto que nelas podemos encontrar o significado de cada uma dessas abreviaturas.

³¹ [...] representan un tipo de indicaciones complementarias que atañen o bien a una determinada acepción frete a otras acepciones dentro del mismo artículo lexicográfico. Se trata definitiva, como queda dicho, de elementos indicadores de alguna característica relativa a la naturaleza, uso o valor de la palabra-entrada en su totalidad o en alguno de sus significados o usos en particular (PORTO DAPENA, 2002 p. 251).

³² Es muy frecuente el uso de abreviaturas, que permiten aprovechar más el espacio (algo muy buscado en los diccionarios) a la vez que facilitan la codificación de determinadas informaciones, si se disponen de forma sistemática (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 105).

³³ “hay que dejar claro que no podemos considerar “marcas” a todo lo que aparece en el índice de abreviaturas de un diccionario y que, por otro lado, no todas las marcas están forzosamente representadas por una abreviatura”. (FARJARDO 1996-1997).

³⁴ “afectan no solo al número y sistematización de las marcas concretas, sino también al concepto mismo de marca y de marcación” (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2009, P. 253).

Porto Dapena (2002) discorre sobre os diferentes tipos de marcas de uso na Lexicografia, assim como, explica que o consulente dá pouca atenção às marcas por desconhecer o significado das abreviaturas. Escribano (2003, p. 115), por seu turno, ressalta a importância das marcas em dicionários, pois trata-se, segundo a autora, de uma das informações mais valorizadas pelos usuários, ainda que sua disposição nos dicionários, em geral, ocorra de forma assistemática e pouco objetiva.

Retomando Azorín Fernandez (2009, p. 251), ao tratar do registro das marcas de uso em dicionários, explica que elas são necessárias, ainda mais quando se trata de um dicionário voltado para o aprendiz de língua estrangeira, que necessita de mais dados e observações sobre o significado e o uso das lexias se pretende-se que a obra seja útil, não apenas para a decodificação, mas também, para a codificação, isto é, produzir enunciados corretos gramaticalmente e aceitáveis desde o ponto de vista de sua adequação à situação comunicativa.

Azorín Fernandez (2009, p. 252) ainda ressalta que a presença das MUs dentro de um repertório lexicográfico é uma didática inquestionável porque por meio desse tipo de informação podemos saber se uma determinada aceção ou palavra pertence a algum registro específico, como o coloquial; ou se o emprego da lexia em questão possui relação com algum estrato social – culto, rural, vulgar etc; ou se a palavra pertence a alguma região geográfica específica, que costuma ser apresentada por meio de abreviações como: Amér., And., Per., Esp.; ou ainda se pertence a alguma área do conhecimento especializado, como INFOR., QUIM., GEOL. etc. Nesse cenário, em sintonia com a autora, ressaltamos que esses recursos são importantes para os aprendizes de espanhol como língua estrangeira (LE) ou como segunda língua (L2)³⁵, pois, além de auxiliar o consulente a utilizar as palavras em contextos adequados, também ajuda a compreender as especificidades das variantes.

Pelos posicionamentos dos autores supracitados, por um lado, há o entendimento de que os consulentes dão pouca atenção às marcas de uso por desconhecerem o

³⁵ Para o estudo de idiomas, existem alguns conceitos que explicam onde o aprendiz de língua se encontra. De modo geral, a L1 seria a língua materna do aprendiz de língua, a língua falada no seu país de origem, a L2 por sua vez, engloba todas as outras línguas faladas por esse estudante, na L2 há uma imersão no país falante da língua alvo, ex: um estudante de espanhol como L2 estará estudando a língua em algum país falante de língua espanhola, outro exemplo é uma pessoa que se muda para um país que tem uma língua diferente da sua língua materna e aprende de forma natural, sem que seu objetivo principal seja aprender a língua, alguém que vá a trabalho por exemplo. Vale ressaltar que não existem L3 e L4, todas as línguas aprendidas pelo indivíduo que aprende uma língua estrangeira de modo natural estará no âmbito da L2. A Língua estrangeira, por outro lado, é quando um indivíduo estuda uma determinada língua estrangeira no seu “país materno” ex. uma brasileiro que estuda espanhol no Brasil, ou um espanhol que estuda Português na Espanha, México etc. Desse modo, a imersão no idioma é diferente daquele aprendiz de L2.

significado das abreviaturas; por outro, a definição de que as marcas são um tipo de informação imprescindível e valorizada pelos usuários, o que sugere uma atenção especial para esse tipo de registro em dicionários.

O que podemos concluir com os posicionamentos dos autores é que, por vezes, os rótulos empregados a essas marcas podem ser bastante confusos, como explica Borba (2003, p.15): “[...] os dicionários costumam dar esse tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”.

Em concordância com Borba (2003), Welker (2004, p.130) explica que “[...] todos os dicionaristas e metalexícógrafos concordam que se trata de uma tarefa difícil, e vários autores constataram as divergências existentes em dicionários da mesma língua”, ou seja, o registro desse tipo de informação, conforme constatações verificadas por esse autor, é feito de forma assistemática, de forma que cada autor apresenta em suas obras uma tipologia de marcas e uma forma de registro. Conforme explica Rey (1990, *apud* ZÖFGEN, 1994, p. 111), “as informações disponíveis são insuficientes” por terem ‘caráter mais ou menos intuitivo’ e, ainda, pelo fato de que os usuários não as compreendem adequadamente, essas rotulações são consideradas por Rey – ele mesmo grande lexicógrafo francês – parcialmente fictícias e arbitrarias” (WELKER, 2004, p. 130).

Nesse sentido, os diferentes posicionamentos dos autores que versam sobre as MU leva-nos a refletir sobre o assunto. Temos percebido que, de fato, há problemas quanto ao “como” e o “que” registrar como marcas nos dicionários. Ademais, considerando a variação linguística inerente às línguas³⁶ e a importância de considerá-la nos diferentes contextos de ensino e de aprendizagem de línguas, resulta coerente e necessário que esse tipo de registro esteja presente nos dicionários de língua, em especial, aqueles pedagógicos, que são diretamente voltados para o potencial consulente, o estudante.

Existem diferentes denominações para o conjunto das MU. De modo geral, esses rótulos³⁷ são denominados de “*marcas de uso*” no português, “*marcas*” no espanhol, “*marques ou marques d’ usage*” no francês, “*labels*” no inglês, há várias denominações

³⁶“A variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam numa região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para os seus membros.” (FIORIN, José Luiz. “Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico”. In O direito à fala. A questão do preconceito linguístico. Florianópolis. Editora Insular, pp. 27- 28, 2002.)

³⁷ Termo empregado por Borba (2003, p. 315).

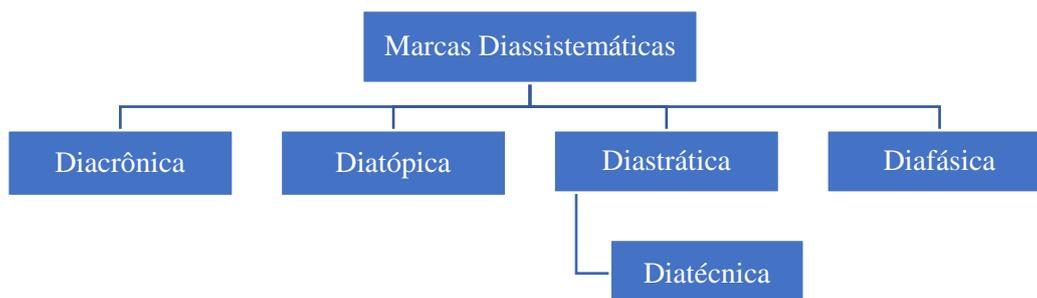
no alemão³⁸, mas predominam, hoje em dia, aquelas que trazem o adjetivo diassistemático (WELKER, 2004, p. 130). Nesse contexto, Hausmann (1989) esclarece que o prefixo *dia* pertence ao termo *diassistema*, cunhado por Uriel Weinrech, e que diacrônico, diastrático, diafásico e diatópico são termos recorrentes na linguística, ao passo que outros adjetivos foram criados especialmente para a Metalexigrafia.

Retomando Porto Dapena (2002, p. 249-265), especificamente sobre o que ele estabelece quanto às MU, encontramos três tipologias: i) marcas gramaticais (categoria e subcategoria da palavra); ii) marcas de transição semântica (figurado, em particular, por exelência etc.); iii) marcas diassistemáticas (MDA).

Para este estudo, consideramos a divisão apresentada por Porto Dapena (2002) sobre as MDA, subdivididas em: diacrônicas, diatópicas, diastráticas, diatécnicas e diafásicas.

Porto Dapena (2002, p.263), ao discorrer sobre o assunto, explica que entre as marcas diastráticas conceituam-se as denominadas marcas de especialidade que se referem a línguas especiais que dizem respeito às diversas ciências ou técnicas e que é desse contexto que surge o nome “marcas técnicas”, às quais o autor considera mais adequado chamar de marcas terminológicas, pois, para ele, a intenção desse tipo de marca seria indicar que a palavra pertence à terminologia de alguma área especializada. Nesse contexto, compreendemos que marca diatécnica, a partir do que é apresentado por Porto Dapena (2002), está contida na diastrática, conforme ilustra a Figura 4.

Figura 4: Marcas Diassistemáticas



Fonte: Bibo; Rodrigues-Pereira (2022, p. 6), com base em Porto Dapena (2002).

Essas marcas, como demonstramos na sequência, possuem características que as singularizam dentro de um contexto epistemológico. Em cada um desses “microssistemas” que formam o “macrossistema” das MDA e, conseqüentemente, das MU, existem problemas maiores ou menores, conforme ressaltamos a seguir.

³⁸ Cf. (Welker, 2003, p. 95).

Salientamos, ainda, que para discorrer sobre as MU, deixamos a MD para a última subseção deste capítulo, considerando o objeto desta pesquisa.

2.1.1 Marca Diacrônica

As línguas variam gradualmente no tempo, seja por razões de tradição, cultura ou costumes de uma população e essa variação pode ser observada até mesmo na fala de pessoas de diferentes faixas etárias.

Porto Dapena (2002) compreende que as marcas diacrônicas seriam melhor definidas como marcas temporais, pois, para ele, a intenção desse tipo de marcação não é apenas atribuir à palavra uma variedade diacrônica, mas sim, indicar o seu grau de uso no momento atual da língua. É nesse sentido que encontra-se uma das problemáticas no que tange à marcação diacrônica ao compreender quando uma palavra pode ser considerada em desuso, como explica o autor:

[...] implicam uma mescla de critérios ou perspectivas temporais distintas, pois, por uma parte aludem à idade ou antiguidade de um vocábulo (assim, <<ant.>> = antiquado, e <<neolog.>> = neologismo) e, por outra, a seu grau de frequência ou vigência em relação com o momento atual (por exemplo, <<p. Usado>> = pouco usado, e <<inus.>> = inusitado). Por outro lado, notemos que ambas as perspectivas são, às vezes, inseparáveis, como ocorre, por exemplo, no caso de arcaísmo, que segundo o próprio DRAE, é um <<elemento lingüístico cuja forma ou significado, ou ambos de uma vez só, são antiquados em relação com um momento determinado>>, sendo, por sua parte, antiquado, de acordo com o mesmo dicionário, <<que está em desuso há muito tempo>>; ou seja, que todo arcaísmo ou palavra antiquada supõe um uso pouco ou nada frequente [...] ³⁹ (PORTO DAPENA, 2002, p.258, tradução nossa).

Pelo exposto, percebe-se que as obras lexicográficas, em geral, buscam apresentar a língua em uso e, por vezes, optam por excluir os arcaísmos. Sobre o tema, Escribano (2003, p.116) faz uma observação sobre o porquê das marcas diacrônicas serem incluídas nos dicionários. O autor traz um fragmento retirado do dicionário DEA, que registra o “léxico vivo”, no qual explica que não é fácil declarar quando uma palavra pode ser considerada morta, pois nunca faltam escritores que, por frequentarem os clássicos ou até

³⁹ [...] implican una mezcla de criterios o perspectivas temporales, ya que por un lado aluden a la edad o antigüedad de un vocablo (así, <<ant.>> = anticuado, y <<neolog.>> = neologismo) y, por otra, a su grado de frecuencia o vigencia en relación con el momento actual (por ejemplo, <<p. Usado>> = poco usado, y <<inus.>> = inusitado). Por otro lado notemos que ambas perspectivas resultan a veces inseparables, como ocurre, por ejemplo, en el caso del arcaísmo, que según el propio DRAE, es un <<elemento lingüístico cuya forma o significado, o ambos a la vez, son anticuados en relación con un momento determinado>>, siendo por su parte *anticuado*, de acuerdo con el mismo diccionario, lo <<que ha estado en desuso durante mucho tiempo>>; es decir, que todo arcaísmo o palabra anticuada supone un uso poco frecuente o nada frecuente [...]. (PORTO DAPENA, 2002, p. 258).

mesmo por gosto pessoal, acabam utilizando certas palavras que para alguns poderiam ser consideradas como arcaísmo.

2.1.2 Marca Diastrática e Diafásica

Neste estudo decidimos tratar esses dois aspectos conjuntamente, pois nem sempre é fácil delimitar com precisão suas distinções. Nesse sentido, Porto Dapena (2002) explica que elas referem-se aos socioletos e estilos ou registros da língua. O autor afirma que sempre existiu uma grande confusão em torno desses dois aspectos linguísticos, tanto que na lexicografia tradicional convivem marcas como <<pop.>> (popular), <<vulg.>> (vulgar), <<fam.>> (familiar) junto a <<poét.>> (poético), <<lit.>> (literário), <<formal>>, <<solene>>, <<elevado>> etc, não havendo distinção clara desses fatos linguísticos.

Escribano (2003, p.117), por sua vez, ao tratar da temática, esclarece que a tradição lexicográfica marca uma série de indicações mais ou menos imprecisas que pretendem apontar as restrições de uso que se referem ao estilo, à intenção de uso, ao nível da língua etc. O autor acrescenta que embora haja dificuldade para classificar essas marcas segundo critérios rigorosos, seu caráter normativo se faz necessário à medida que elas possuem um grande valor prático para o consultante, pois indica o contexto de uso da palavra e a situação em que se pode empregá-la. Portanto, tentemos, nesse contexto, delimitar essas duas marcas.

A marca diastrática (do grego dia = através de; stratum = estrato, camada) está relacionada com a variação sociocultural dos usuários da língua, mais especificamente, à diferenciação das classes sociais. Alkimim (2003, p. 35), a respeito desse fato linguístico, explica que esses são os seguintes fatores relacionados à variação diastrática: a) classe social, b) idade, c) sexo, d) situação ou contexto social. Entretanto, devido à complexidade dessa classificação, estudiosos da Dialectologia, como Chambers e Trudgill (1994, p. 98), instruem que essa análise deve ser feita a partir de parâmetros como renda salarial, nível de escolaridade, ocupação etc. Sua relevância repousa na oposição entre norma culta e norma popular.

Um exemplo desse tipo de variação que ocorre em função da idade são as diferenças nas falas de idosos e crianças, que possuem certo grau de variação, pois, como já citamos anteriormente, neste texto, a língua está em constante mudança e isso

influencia o falar desses indivíduos. Já no que tange às diferenças expressas em função do sexo, notam-se diferenças nas falas de mulheres e homens em nível sintático e morfológico, como a tendência que as mulheres têm de utilizar mais palavras no diminutivo que os homens, conforme podemos verificar em Barrozo e Aguilera (2014).

No que diz respeito às variações sociais, a escolaridade está diretamente ligada a esse fator. Na escola aprende-se a utilizar a língua em sua forma padrão ou norma culta, sobretudo, na escrita, embora na fala o aluno carregue as marcas da linguagem coloquial. Por outro lado, um falante não-escolarizado não possui a forma culta da língua, relegando-a por completo.

Considerando os fatores relacionados à variação diastrática, ainda nos deparamos com as marcas terminológicas, ou diatécnicas, dentre as quais podemos incluir a linguagem dos advogados, médicos, linguistas etc, ou seja, os usos em contextos especializados. A marca diatécnica, entendida a partir de Porto Dapena (2002) está contida na diastrática, conforme ilustramos por meio da figura 3, e tem por objetivo registrar os usos relativos a um domínio do saber ou área de conhecimento que, de acordo com Escribano (2003, p. 118, tradução nossa), “é o léxico próprio das ciências e das técnicas que usualmente aparece acompanhado de uma marca que informa que pertence a um tecnoleto”⁴⁰.

Contudo, como especifica Zanatta (2007, p.5), “é necessário distinguir entre aquelas palavras que, apesar de terem surgido em um determinado meio, tiveram seu uso generalizado na língua e palavras que pertencem a certas áreas do conhecimento e que não tem seu uso estendido na língua”. A autora ainda traz exemplos de casos em que o uso de uma lexia passou de um uso especializado para o uso generalizado, dado seu largo emprego na língua. Palavras como Internet, internauta, deletar, clonar, transgênico etc., fazem parte desse universo.

A marca diafásica (do grego diá = através de; phásis = expressão, modo de falar), por sua vez, corresponde ao registro de variantes relacionadas a contextos em que “[...] os falantes usam estilos ou registros distintos em função das circunstâncias em que ocorrem as interações verbais” (ALKIMIN, 2003, p. 38), isto é, as mudanças de estilo ou registro acontecem de acordo com o contexto comunicativo em que o falante está inserido e influenciam em sua comunicação e na escolha das variedades linguísticas utilizadas. Para Porto Dapena (2002 p. 262), esse tipo de variação corresponde às variedades

⁴⁰ El léxico propio de las ciencias y de las técnicas suele aparecer acompañado de una marca que informa de su pertinencia a un tecnoleto (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 118).

linguísticas que representam o discurso com marcações, como, na linguagem familiar, coloquial, formal, informal, solene etc.

Nos atos comunicativos do dia a dia, essa variação ocorre quando estamos dialogando com um grupo de amigos em um pub – linguagem informal, ou quando estamos em uma atividade de conferência, palestra, escrevendo um texto acadêmico etc – linguagem formal. Nesse contexto, Bagno (2007, p 45) explica que o monitoramento estilístico vai do grau menor para o maior. Assim, cada situação exige escolhas linguísticas de maior ou menor grau de concordância com a norma padrão do contexto comunicativo.

Como pudemos observar, na literatura que versa sobre a conceituação das marcas diafásica e diastrática, em especial, há entendimentos divergentes sobre o assunto. Por vezes, essas marcas são explicadas em conjunto, pois, como explicamos anteriormente neste texto, é difícil delimitar o que pode ser considerado como marca diafásica e marca diastrática. Com vistas a contribuir para um melhor entendimento desses tipos de variação linguística e seu registro em dicionários, o quadro 2 esclarece algumas diferenças:

Quadro 2: Características das marcas diastrática, diatécnica e diafásica

Marcas	Diastrática	Diatécnica	Diafásica
Características	Toda expressão que represente as variáveis inerentes aos distintos grupos sociais.	Toda expressão que denote ser a lexia de contexto especializado, ou seja, pertencente a uma área técnica ou científica.	Toda expressão que sugira uso formal ou informal da língua, dependente do contexto.
Exemplos	Classe social, idade, sexo, contexto social de um grupo não especializado etc.	Poético, literário, medicina, botânica, geografia etc.	Culto, vulgar, pejorativo, jocoso, popular, familiar, formal, informal etc.

Fonte: Bibó; Rodrigues-Pereira (2022, p. 9).

Diante do exposto, compreende-se que o registro das marcas diassistemáticas é uma tarefa difícil que exige conhecimentos apurados e muita pesquisa. Para que o lexicógrafo consiga estabelecer os usos linguísticos, por vezes, ele precisa recorrer a outras áreas da Linguística, como a Dialetoлогия, a Sociolinguística, a Terminologia etc, como forma de buscar epistemologias que possam alicerçar as escolhas de registro no

processo de elaboração da obra lexicográfica.

2.1.3 Marca Diatópica

Enfim, optamos por tratar das marcas diatópicas por último, pois trata-se do objeto central desta pesquisa. Essas marcas estão ligadas à região geográfica em que determinadas palavras e/ou acepções são empregadas. Trata-se, pois, do registro da variação diatópica, de nível lexical, em obras lexicográficas⁴¹.

Alkimin (2003, p. 34), ao discorrer sobre variação diatópica, explica que ela está “relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origens geográficas distintas”, ou seja, é a variação relacionada aos usos linguísticos de determinadas unidades léxicas em diferentes países que falam a mesma língua, ou dentro de um mesmo país, estado ou cidade.

Nesse sentido, Welker (2004, p. 132) explica que “é preciso diferenciar entre os regionalismos em um determinado país e aqueles itens lexicais cujo uso é restrito a um dos vários países em que uma língua é falada”. Ademais, o autor relata que o emprego dos rótulos irá depender da abrangência do dicionário e se ele pretende mostrar seus usos em todos, nos maiores países, ou em apenas um.

Welker (2004) ainda apresenta alguns exemplos de dicionários em que ocorrem essas diferenças no emprego das marcas. Os dicionários de inglês, por exemplo, costumam abarcar as variedades norte-americana e britânica; já as obras lexicográficas alemãs informam sobre os usos especiais na Áustria e Suíça. Já o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia de Ciências de Lisboa, “se destina a todos os países lusófonos” e o dicionário *Houaiss* também pretende ser uma obra “com maior universalidade lusofônica” [...].

Nesse segmento, Zanatta (2007) faz uma importante observação sobre como as marcas podem ser empregadas nas obras lexicográficas:

Tanto para o português quanto para o espanhol é possível fazer uma distinção entre variedade americana e variedade europeia. Os dicionários podem optar por descrever a língua de uma só variedade (o português brasileiro e o espanhol americano, por exemplo) ou abranger todas as regiões que falam tais línguas e marcar diatopicamente as palavras e acepções que necessite de tal marcação. Essas marcas são, portanto, extremamente importantes na medida em que se estabelecem em que região ou país tal palavra é majoritariamente ou

⁴¹ A variação diatópica é formada pelos seguintes elementos (prefixo grego *dia* = através de, por meio de, por causa de + radical grego *topos* = lugar + sufixo grego *ico* que forma adjetivos). Podem ser observadas por diferentes palavras para os mesmos conceitos, diferentes sotaques, dialetos e falares, e até mesmo com reduções de palavras ou perdas de fonemas, isto é, pode ocorrer de diferentes formas, em nível fonológico, sintático ou lexical.

exclusivamente empregada e é justamente nesse ponto que reside seu poder normativo (ZANATTA, 2007, p. 8).

Na Lexicografia, esse registro tende a ser marcado por meio de abreviaturas que precedem a definição, ainda que alguns dicionários prefiram não abreviá-las, como explica Escribano (2003, p. 117)⁴². De acordo com Porto Dapena (2002, p.259-262), a lista de indicações desse tipo de marca costuma ser abrangente, embora traga algumas deficiências pela ausência de algumas zonas geográficas. A partir da análise das informações sobre as marcas diatópicas do Diccionario de La Lengua Española, da Real Academia Española (DLE), o autor explica que as marcas utilizadas aparecem entre aspas quando é uma abreviatura, e em caso contrário entende-se que se usa o nome completo. Ademais, o estudioso contesta a ausência de informações relevantes, tanto de algumas zonas peninsulares, como de algumas da América, posto que essas marcas aparecem de forma muito diversificada em alguns países e não em outros.

Escribano (2003, p.117) afirma que a língua espanhola possui uma grande variedade linguística e que, por isso, é frequente que muitos dicionários optem por utilizar só o espanhol peninsular. Nesse caso, há os lexicógrafos que desconsideram as marcas regionais, pois fariam parte do léxico de uso geral, assim como, há aqueles que preferem utilizar uma marca menos específica, como é o caso do registro “regional”. No Brasil, é comum registrar-se a partir da marca “Bras.”, indicadora de brasileirismo, como veremos nas análises apresentadas na sequência deste texto.

Por meio das marcas diatópicas, podem-se identificar as lexias que designam um mesmo referente, como, por exemplo, *mandioca – utilizada por mineiros, paulistas matogrossenses e outros, aipim – faladas por cariocas, gaúchos e capixabas e macaxeira – presente na fala de nordestinos*. Outro exemplo desse tipo de variação é a palavra cachaça, que possui variantes como aguardente, pinga, cana e caninha. Cachaça, por sua vez, trata-se de uma unidade identificada em todo o Brasil, como podemos conferir a partir dos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), um projeto de pesquisa de caráter nacional, idealizado na década de 1950, que tem por objetivo descrever a realidade do português falado em território brasileiro.

O registro desse tipo de informação, em especial, nos dicionários pedagógicos destinados a aprendizes de línguas, permite realizar atividades de produção oral ou escrita

⁴² “como la mayoría de las marcas, las diatópicas se suelen presentar en forma de abreviatura, precediendo a la definición, si bien algunos diccionarios prefieren no abreviarlas” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 117).

com maior segurança, sem correr o risco de utilizar uma unidade léxica inadequada ao contexto em questão. Neste sentido, para realizar esse tipo de tarefa, o consulente que aprende uma língua estrangeira necessita de maiores informações sobre o significado das palavras e sobre o seu uso, daí a importância do registro das MD em dicionários pedagógicos.

Para discutir variação linguística e, conseqüentemente, regionalismos, torna-se conveniente tratar, também, de norma linguística de nível lexical. Destarte, Isquierdo (2006) ao postular sobre o conceito de regionalismos no Brasil, explica que “a questão da normal lexical regional continua a representar um desafio para os estudiosos da área”.

O conceito de norma pode ser entendido como “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente” (COSERIU, 1979, p. 50). Nessa perspectiva, compreendemos que esse sistema é uma tradição estabelecida e consolidada sobre hábitos impostos aos indivíduos de uma determinada comunidade linguística, por isso, seu caráter prescritivo.

Faraco e Zilles (2017) fazem uma reflexão sobre as questões relativas à norma e à variação linguística. Os autores entendem que a norma se caracteriza pelos usos normais, habituais, definidos conforme o conjunto de traços linguísticos (fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos e discursivos) e registrados pelos falantes de determinada(s) comunidade(s).

Isquierdo (2006) explica que no caso do português do Brasil, “a norma pode ser entendida sob duas perspectivas:

num sentido mais amplo e num ponto de vista mais restrito. No primeiro caso, tomam-se como referência, por exemplo, as normas americana e europeia, concebidas como variantes facultativas determinadas por uma tradição cultural e social, o que permite admitir a existência de duas normas dentro de um único sistema linguístico, o português. Na segunda perspectiva, adotando como parâmetro apenas a norma brasileira, focalizam-se as normas representativas das diferentes regiões brasileiras, também concebidas como variantes condicionadas por fatores socioculturais. (ISQUERDO, 2006, p. 15)

A autora complementa que esse ponto de vista conduz a duas noções de norma: sendo “uma norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade” Biderman (2001, p.20, *apud*. ISQUERDO, 2006). Partindo desse pressuposto, a autora admite a existência de diferentes níveis de regionalismos.

No Brasil, temos a discussão sobre o conceito de brasileirismo, termo discutido na literatura que trata do português brasileiro desde 1824, com o Visconde da Pedra

Branca, e que também recebe destaque no âmbito da Lexicografia. Esse conceito pode ser entendido como:

Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser: a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro (MATTOSO CÂMARA JR, 1973 p. 66).

Em Ribeiro (1920, p. 43), temos que inúmeros autores, no século XIX, “quando já se pressentiam os alvares da independência” registravam o léxico que representava “as vozes brasílicas”. Nesse sentido, destacam-se as diferenças entre o PB e o PE:

[a] categoria de brasileirismos se sobressai como um lugar de especificidade linguística brasileira: na lexicografia, são publicados dicionários de brasileirismos. Cândido de Figueiredo, por exemplo, inclui em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa expressões consideradas brasileirismos. Para ele, são brasileirismos os termos que vêm do Tupi, e termos que outrora foram utilizados em Portugal e que os brasileiros “reabilitaram” (OLIVEIRA, 2002, p. 83)

Ao propor discussões sobre regionalismos e brasileirismos, Biderman (2000, p. 44) declara que se trata de uma complexidade de difícil solução. Para a autora:

Não vai ser fácil conceituar regionalismo de modo inequívoco e identificar os regionalismos e sua procedência. Em primeiro lugar, porque para classificar um termo como regionalismo estamos admitindo que existe uma variante padrão que os falantes da comunidade em geral aceitam como tal (BIDERMAN, 2000, p. 44-45, grifos da autora).

A autora, ao tratar novamente da temática em texto especializado, recupera a definição de Boulanger (1985), adaptando-a ao contexto brasileiro:

qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) peculiar a uma ou outra variedade regional do português falado no Brasil, excetuando a variedade empregada no eixo linguístico Rio/São Paulo, considerada a variedade de referência, ou seja, o português brasileiro padrão, e excluindo também as variedades usadas em outros territórios lusófonos. (BIDERMAN, 2001, p. 136).

Para Oliveira (1999), existe uma necessidade de se estabelecer diferenças tênues entre os brasileirismos e regionalismos, pois muitos itens lexicais que são definidos como regionalismos, por vezes, podem corresponder a arcaísmos portugueses, o que significa que não poderiam ser classificados como brasileirismos.

Em concordância com a autora, adaptando à língua espanhola, discutimos sobre a dificuldade em se definir o que pode ser considerado como um americanismo ou regionalismo. Dessa forma, compreendemos que os registros nos repertórios lexicográficos, de modo geral, são realizados de duas maneiras: de forma macroespacial, contemplando os registros pertencentes a todo um território continental ou nacional, ou

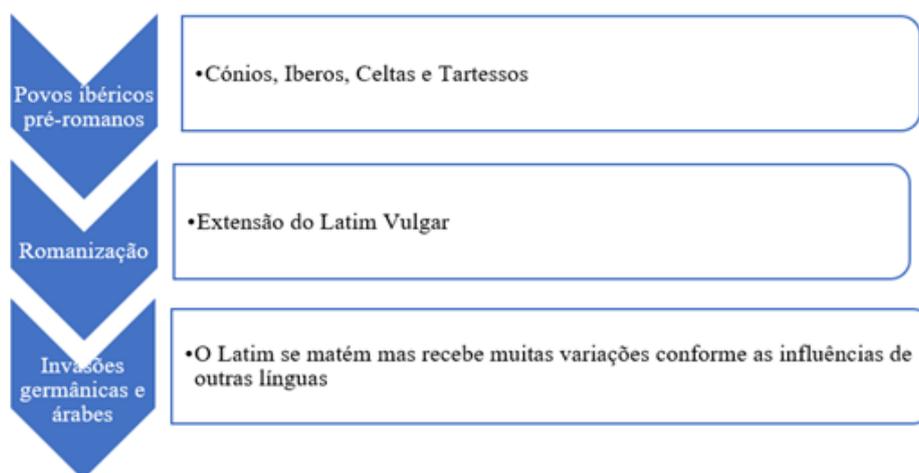
ainda de forma microespacial, que contempla os registros de uma região específica dentro de um país.

2.2 - Americanismos e Regionalismos: algumas reflexões

A humanidade tem uma de suas maiores riquezas na diversidade linguística. A multiplicação das línguas é uma fonte insubstituível de beleza e conhecimento. O estudo dos sistemas linguísticos através da história nos fala sobre a evolução da espécie humana, sua capacidade de adaptação ao meio ambiente e suas formas de organização social e econômica (MORENO FERNÁNDEZ; OTERO ROTH, 2007, p. 7, tradução nossa) 43.

A língua espanhola, também chamada de língua castelhana⁴⁴, é uma língua românica que se origina do Latim vulgar falado por parte da população que vivia na Península Ibérica⁴⁵. Esse território foi, durante muitos anos, alvo de disputas territoriais; por esse motivo, muitos povos passaram por lá deixando uma “contribuição” no sentido cultural e linguístico. A evolução da língua espanhola é dividida em períodos, conforme figura 5:

Figura 5: Origem e evolução da língua espanhola



Fonte: Elaboração própria, com base em Margarita (2015).

⁴³ La humanidad tiene en la diversidad lingüística uno de sus mayores caudales. La multiplicación de lenguas es una fuente, insustituible, de belleza y conocimiento. El estudio de los sistemas lingüísticos a través de la Historia nos habla de la evolución de la especie humana, de su capacidad de adaptación al entorno y de sus formas de organización social y económica (MORENO FERNÁNDEZ; OTERO ROTH, 2007, p. 7).

⁴⁴ Recebe o nome de língua castelhana pois remonta ao reino de castela, na Idade Média, quando o país Espanha ainda não existia. Quando o país começou a se consolidar, mais especificamente no século XIII, o Reino de Castela fez uso de sua liderança política e se impôs aos outros territórios da região que hoje formam a Espanha. Por esse motivo, o castelhano considerado como um dialeto com grande influência do latim, acabou sendo adotado como língua oficial em 1492 com a unificação dos reinos que formam a Espanha.

⁴⁵ Vale ressaltar que mesmo o espanhol sendo a língua oficial da Espanha não é a única língua falada nesse país, sendo o catalão, o valenciano e o galego alguns exemplos. Há, pois, muitas outras variedades e dialetos que fazem parte do dia a dia dos espanhóis.

No final do século XV, os espanhóis passaram a conquistar novos territórios, dentre eles, a América. O espanhol americano, entendido como variante linguística do espanhol europeu, trazido pelos colonizadores espanhóis em meados de 1492, com a chegada de Cristóvão Colombo às Antilhas, foi se mesclando com os idiomas dos povos originários, como, o quéchua, mapuche, guarani, aimará etc., além das influências das línguas de matriz africana.

Dessa mistura surgiu uma nova sociedade multifacetada e, conseqüentemente, uma nova língua que sofrera inúmeras modificações, de modo que inúmeros vocábulos passaram a caracterizar o espanhol americano. Nesse contexto, algumas diferenças podem ser notadas, como as de caráter cultural, as divergências fonéticas, as de nível lexical etc. Assim,

Como qualquer língua viva, o espanhol não é imutável nem forma um bloco uniforme. Como outras línguas que se espalharam por diferentes países e regiões, além de seu local de origem, contém em si uma grande diversidade. Hoje, após uma longa expansão, o espanhol está entre as línguas mais faladas do planeta, e nele se expressa um dos conjuntos culturais mais criativos e dinâmicos do mundo econômica (MORENO FERNÁNDEZ; OTERO ROTH, 2007, p. 7, tradução nossa)⁴⁶.

Com todas as suas variedades, o espanhol tornou-se a língua materna de muitos países americanos, como, por exemplo, Argentina, Colômbia, Bolívia, Chile, Cuba, Peru, Paraguai, Porto Rico, Uruguai, Venezuela, Honduras, Equador, Guatemala etc.

Segundo Moreno Fernandez y Otero Roth (2007), Cristóvão Colombo foi o homem que proferiu o primeiro americanismo que mais tarde se incorporou ao castelhano. Trata-se, pois, do indigenismo “canoa” que o navegante anotou no seu diário em sua primeira viagem à América.

Dando sequência à discussão sobre americanismos e regionalismos, foco de nossa discussão neste capítulo, são vários os autores que, de alguma forma, tratam da problemática da definição de americanismo e do registro das marcas diatópicas nos repertórios lexicográficos, como já mencionamos, dentre os quais, Porto Dapena (2002), Escribano (2003), Welker (2004) e Zanatta (2007). Aliás, desde o século passado já havia estudos sobre o conceito de americanismo e os critérios de definição dos americanismos, a exemplo de Rabanales (1953), reconhecido por Werner (1994) como o primeiro autor a

⁴⁶ Como toda lengua viva, el español no es inmutable ni forma un bloque uniforme. Al igual que otros idiomas que se han extendido por países y regiones diferentes, más allá de su lugar de origen, contiene en sí mismo una gran diversidad. Hoy en día, después de una larga expansión, el español está entre las lenguas más habladas del planeta, y en él se expresa uno de los conjuntos culturales más creativos y dinámicos del mundo (MORENO FERNÁNDEZ Y OTERO ROTH, 2007, p. 7).

tratar o tema com rigor científico. Merece destaque também o estudo de Rona (1969), Rojas (1976), Rodríguez (1979), López Moralez (1983), Wojski (1983), Guitarte (1988), Montes (1991), Werner (1994) etc.

No que se refere às diferenças de fala e escrita nas diferentes comunidades linguísticas que possuem a língua espanhola como língua materna, Rodríguez (1979, p. 19) explicita que “há unidade de língua, mas variedade de normas”. Nesse sentido, em conformidade com o autor supracitado, Moreno Fernández (2000) afirma que o espanhol possui uma homogeneidade relativa, pois existem diversas variedades linguísticas internas em distintas áreas e diferentes populações. Para o autor,

A relativa homogeneidade da língua espanhola está fundamentada em um sistema vocálico simples (5 elementos), um sistema consonantal com 17 unidades comuns a todos os falantes de espanhol, em um importante léxico geral, no que diz respeito aos itens lexicais estruturados, e em uma sintaxe que apresenta uma moderada variação, sobretudo em seus usos culturais” (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 15, tradução nossa)⁴⁷.

Ainda sobre a “unidade de língua”, Rona (1969, p. 148) explica que “não é [...] cientificamente demonstrável a existência de um espanhol americano”⁴⁸. Para o autor, não se pode determinar características suficientes que possam delimitar e atestar esse sistema sintópico, pois “não existem feixes de isoglossas suficientemente significativas que justifiquem o que se opõe um espanhol americano como sistema sintópico ao espanhol peninsular”⁴⁹ (*apud* WERNER, 1994, p. 11, tradução nossa).

Werner (1994) complementa a afirmação de Rona e elucida que:

O espanhol americano não existe, tampouco, pode ser objeto de descrição linguística em geral ou instrução lexicográfica em especial. De maneira que, embora o uso linguístico da maioria dos falantes de espanhol, hispano-americanos, esteja claramente refletido de forma insuficiente nos dicionários espanhóis publicados até o momento, essa situação não pode ser remediada com a criação de dicionários especializados em espanhol americano (WERNER, 1994, p. 11, tradução nossa)⁵⁰.

Assim, o que existe são os diversos dialetos do espanhol, como “el andaluz, el aragonés” etc. Analogamente, seria negada a existência de um espanhol argentino ou

⁴⁷ La homogeneidad relativa de la lengua española está fundamentada en un sistema vocálico simple (5 elementos), un sistema consonántico con 17 unidades comunes a todos los hispanohablantes, en un importante léxico general, en lo que se refiere a los elementos léxicos estructurados, y una sintaxis que presenta una variación moderada, sobre todo en sus usos cultos” (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 15).

⁴⁸ “no es [...] científicamente demostrable la existencia del español americano” (RONA, 1969, p. 148).

⁴⁹ no existen haces de isoglossas suficientemente significativos que justifiquen el que se oponga un español americano como sistema sintópico al español peninsular” Rona (1969, *apud* WERNER, 1994, p. 11).

⁵⁰ el español americano no existe, tampoco puede ser objeto de la descripción lingüística en general ni de la instrucción lexicográfica en especial. De manera que, aunque el uso lingüístico de la mayoría de los hispanohablantes, los hispanoamericanos, a todas las luces se refleje de modo insuficiente en los diccionarios de español hasta hoy publicados, esta situación no se puede remediar elaborando diccionarios especializados en el español americano (WERNER, 1994, p. 11).

colombiano, por serem apenas dois exemplos de um espanhol que se definirá por ser o de determinados países, zonas, regiões etc. do espanhol da América (RONA, 1969, p. 147).

Rodríguez (1979, p. 19), por sua vez, pondera que não se pode esquecer que o espanhol americano precede do espanhol da Espanha; não se origina na América e, por esse motivo, parte dos dicionários optam por registrar o espanhol peninsular, por essa característica standard. A respeito disso, o autor enuncia que “não é um espanhol padrão de todos os colonizadores, mas constitui um diassistema”⁵¹.

Ao realizar uma exposição crítica de algumas definições de americanismos, sendo uma delas a apresentada pelo DLE/RAE (1970) “*Vocablo, acepción o giro propio y privativo de los americanos y particularmente de los que hablan la lengua española*”, Rodríguez (1979, p. 19) explica que a respeito dos chilenismos, peruanismos, colombiano, argentinismo etc. correspondem a mesma definição de americanismo, com a diferença do gentílico correspondente, assim, no caso dos colombianismos por exemplo, temos “*vocablo, giro o modo de hablar propio de los colombianos*”.

Com relação à definição trazida pelo DLE/RAE, Rabanales (1953 *apud* RODRÍGUEZ, 1979, p. 20) argumenta que esses conceitos são insuficientes e que, de acordo com a sua diferença específica, podem se reunir em cinco grupos, a saber:

- a) Definições em que se indica como uma diferença específica dos americanismos de uso privado em cada um dos países da América espanhola.
- b) Definições em que seu uso é considerado em relação à distribuição geográfica dentro de cada um desses países.
- c) Definições em que seu uso é levado em consideração em relação ao grau de cultura de quem o utiliza.
- d) Definições fundamentais em sinonímia.
- e) Definições em que o local de origem aparece como determinante em sua qualidade de americanismo⁵².

Segundo Rabanales (1953), o único critério aceitável seria o que considera seu local de origem sem levar em conta a sua área de difusão atual. Desse modo, o autor

⁵¹ no es un español estándar de todos los colonizadores sino que constituye un diassistema (RODRÍGUEZ, 1979, p. 19)

⁵² a) Definiciones en que se señala como diferencia específica de los americanismos de uso privativo en cada uno de los países de la América española.

b) Definiciones en que se considera su uso en relación con la difusión geográfica dentro de cada uno de estos países.

c) Definiciones en que se toma en cuenta su uso en relación con el grado de cultura de quienes lo emplean.

d) Definiciones fundamentales en la sinonimia.

e) Definiciones en que aparece el lugar de origen como determinante en su calidad de americanismo (RABANALES, 1953 *apud* RODRÍGUEZ, 1979, p. 20)

rejeita a difusão geográfica atual de uma lexia, pois considerar seu uso atual poderia dar espaço para interpretações, considerando, para isso, UL que surgem em um país, mas se difundem em outro. Um exemplo seria considerar como “chilenismos” as UL no Chile e não considerar como “chilenismos” as UL originárias nesse País, mas que são usadas em outros países.

Rona (1969) pontua que a conclusão a que chegou Rabanales é um critério válido, porém não único. O autor ressalta que quando se trata do critério de origem, o que Rabanales apontou seria adequado para a definição de regionalismo, mas a respeito da difusão geográfica, se trataria de duas ordens diferentes de regionalismos. Assim, uma mesma lexia poderia constituir regionalismos diferentes nas duas ordens. Considerando esse critério, uma lexia originária no Uruguai, que caiu em desuso, mas seu uso foi conservado na Argentina, será um uruguaismo no espanhol da Argentina, mas um argentinismo no conjunto hispânico. Isso significa que será um uruguaismo diacronicamente, mas um argentinismo sincronicamente (RODRÍGUEZ, 1979, p. 20).

Rona (1969) compreende que os americanismos constituem um “elemento linguístico com vitalidade em toda a América”, já os regionalismos podem ser definidos como “todo fato de linguagem peculiar a uma região” (*apud* CUNHA, 1987, p. 35). Rojas (1976), por sua vez, na obra “americanismos usados en Tucumán”, depreende que os americanismos são as unidades léxicas e frases oriundas do continente americano.

Ao estabelecer diferenças entre americanismos e regionalismos, Rona (1969) propõe uma distribuição de americanismos:

1. Se dá em toda a América e não se dá em nenhuma parte da Espanha.
2. Se dá em toda a América e em parte da Espanha.
3. Se dá em parte da América e em parte da Espanha.
4. Se dá em parte da América e em toda a Espanha.

Rona pontua, ainda, que em relação aos fatos linguísticos (palavras, expressões, frases...) que são empregados em uma só localidade, “são americanismos apenas porque se utilizam na América, mas não por serem característicos do espanhol americano” (*apud*. CUNHA, 1987, p. 35). A partir da distribuição proposta por Rona (1969), de acordo com Rodriguez (1979),

aplicando como elemento caracterizador do americanismo a diatopía e de acordo com a distribuição precedente, só poderão ser considerados americanismos aquelas modalidades que se deem em toda América e nenhuma parte da Espanha (combinação 1) (RODRIGUEZ, 1979, p. 24).

De acordo com Rodriguez (1979, p. 24), esta situação é a que parece ser menos usual pois na bibliografia tradicional, os dicionários tendem a apresentar como americanismos os fenômenos descritos nas combinações 2, 3 e 4.

A definição de americanismo apresentada pelo DLE/RAE sofreu algumas modificações e atualmente compreende americanismo como:

Americanismo

1. m. Cualidad o condición de americano.
2. m. Carácter genuinamente americano.
3. m. Amor o apego a lo americano.
4. m. **americanística**.
5. m. Vocablo, giro o rasgo fonético, gramatical o semántico que pertenece a alguna lengua indígena de América o proviene de ella.
6. m. Vocablo, giro o rasgo fonético, gramatical o semántico peculiar o procedente del español hablado en algún país de América.
7. m. **angloamericanismo**.

Diante do que foi exposto até o momento, cabe, também, uma pequena discussão acerca do eurocentrismo refletido nas obras lexicográficas. Sobre o assunto, Werner (1994), ao fazer uma análise crítica do dicionário DLE/RAE, faz a seguinte observação:

aquela discriminação do uso linguístico americano frente ao peninsular que consiste em marcar todos os elementos que o espanhol de língua espanhola não usa, como restrito ao uso na América, México, Argentina etc., mas em não proceder em paralelo com os elementos lexicais daqueles que não são atendidos pela maioria dos americanos de língua espanhola, marcando-os como de uso restrito à Espanha e, às vezes, a alguns outros países (WERNER, 1994, p. 13, tradução nossa)⁵³.

Herrero (2015, p. 168) também pondera sobre o assunto e explica que:

quando partimos de uma variedade preferencial como a castelhana (centro-norte peninsular) parece obrigada a inclusão dos americanismos pela necessidade de representação dos usos de suas comunidades de fala, que reúnem a maioria do mundo falante de espanhol. Um professor de ELE deve estar alerta ante os manuais centrados nessa variedade pois, às vezes, pecam

⁵³ aquella discriminación del uso lingüístico americano frente al peninsular que consiste en marcar todos los elementos de los que no se sirven los hispanohablantes españoles, como de uso restringido a América, Méjico, Argentina, etc., pero en no proceder paralelamente con los elementos léxicos de los que no se sirven la mayoría de los hispanohablantes americanos, marcándolos como uso restringido a España y, a veces, a algunos países más (WERNER, 1994, p. 13).

no etnocentrismo, apresentando como gerais termos que são exclusivos só da Espanha (HERRERO, 2015, p. 168, tradução nossa)⁵⁴.

A amostragem dos trabalhos citados demonstra que há muito tempo já se discutia sobre a dificuldade do registro dos americanismos em repertórios lexicográficos. Os critérios trazidos pelos autores supracitados deixam evidente a dificuldade em dar um tratamento unívoco para os americanismos.

Ainda sobre os regionalismos, na opinião de Vicente Pérez (1973 *apud* Rodríguez, 1979 p. 21), existe o costume de considerar os regionalismos como um elemento diferenciador do ponto de vista geográfico, isto é, considerado através do eixo diatópico. O regionalismo é considerado de uso privativo de uma região, de uso restrito, mas pode-se considerar, também, uma significação mais ampla.

Nesse sentido, teríamos o conceito apresentado por Rabanales (1953) de *lato sensu* e *stricto sensu*. O primeiro diz respeito às unidades léxicas que transcendem os limites geográficos de uma área investigada; o segundo, alude às unidades léxicas que não transcendem esses limites.

De modo semelhante, neste trabalho discutimos sobre americanismos de perspectiva macroespacial e americanismos de perspectiva microespacial. Assim, uma unidade léxica que tenha uso generalizado em toda a América seria registrada nos repertórios lexicográficos por meio de uma marcação que denote americanismo. Já as unidades léxicas que são restritas a uma região dentro do continente americano, por exemplo, seriam registradas por meio de uma marca que evidencie a área de extensão geográfica de uso.

Os dicionários, de modo geral, costumam registrar de maneira mais expressiva os americanismos numa perspectiva macroespacial e, conseqüentemente, os americanismos de perspectiva microespacial são pouco registrados. Em nossa pesquisa, procuramos evidenciar a importância da inserção de mais registros de MD de perspectiva microespacial, pois registros mais precisos (específicos quanto à difusão geográfica de determinadas unidades léxicas e seu uso) são mais adequados quando pensamos nas necessidades do aprendiz de língua estrangeira.

⁵⁴ cuando partimos de una variedad preferente como la Castellana (centro-norte peninsular), parece obligada la inclusión de los americanismos por la necesaria representación de los usos de sus comunidades de habla, que reúnen a la mayoría del mundo hispanohablante. El profesor de ELE debe estar alerta ante los manuales centrado en esta variedad pues, a veces, pecan de etnocentrismo presentando como generales términos que son exclusivos solo en España.

Uma das soluções que podem minimizar a problemática do registro das marcas diatópicas em dicionários são os diferentes Atlas Linguísticos, pois os lexicógrafos podem se valer deles para a elaboração das obras lexicográficas, adotando critérios mais rigorosos para o registro das MD, já que esses trabalhos dialetológicos são elaborados com todo o rigor científico, e em conformidade com os objetivos da obra em relação ao seu público-alvo.

Ademais, como se sabe, a língua espanhola hoje é considerada a terceira língua mais falada no mundo. Desses falantes, grande parte são provenientes da América e devido à grande influência das línguas indígenas na América, a “Real Academia Española” (RAE), juntamente com a “Asociación de Academias de la Lengua Española” (ASALE), elaborou um dicionário de palavras próprias do continente americano.

Nesse contexto, o “Diccionario de americanismos” (2010) constitui um repertório lexical que tem por objetivo reunir todas as palavras próprias do espanhol latino-americano. Ele contém 70.000 variações, lexemas complexos, frases, locuções e um total de 120.000 significados e, portanto, pode ser uma fonte de consulta de grande valia para a elaboração de outras obras lexicográficas, no que tange ao registro das variantes americanas.

Sobre o assunto, Duran e Xatara (2006, p. 42) esclarecem que os “dicionários específicos podem se tornar mais fáceis de consultar, pois trazem nada mais do que as informações necessárias para um determinado público e função”. Nesse contexto, os dicionários chamados “especiais de língua”, aqueles que registram uma parcela do léxico, como no caso do “Diccionario de americanismos”, mencionado anteriormente, seriam adequados para sanar as dúvidas específicas quanto à variação, a cada consulente.

No entanto, sabemos que adquirir um dicionário para cada uma das necessidades que o consulente apresenta torna-se difícil. Ademais, os dicionários distribuídos em escolas são, em sua grande maioria, dicionários gerais de língua, e aqueles aprendizes que adquirem uma obra por conta própria, muitas vezes, compram uma obra lexicográfica conforme o valor de mercado que ela possui. Por esse motivo, o ideal seria uma obra que consiga sanar o maior número possível das diferentes dúvidas dos consulentes, visto que, como destacado, não são todas as pessoas que têm acesso ou possuem diferentes tipologias de dicionários.

Um consulente aprendiz de espanhol como língua estrangeira, ou até mesmo no caso de outras línguas estrangeiras, necessita conhecer as condições de uso de determinada unidade léxica em relação ao contexto em que ela irá atuar. Essa é a grande

razão de defendermos a inserção de um sistema coerente de marcas de uso nos dicionários, e que neste trabalho, considerando os objetivos da pesquisa, enfatizamos as marcas diatópicas a partir de uma representação de perspectiva microespacial que, de um ponto de vista didático, são mais adequadas para o entendimento da variação linguística da língua espanhola e sua distribuição geográfica.

Para Werner (1994), o primeiro problema que aparece na formação de um dicionário que inclua qualquer americanismo seria ter em conta “qual material deve-se basear para a inclusão dos americanismos?”. Para isso, é necessário também entender outros termos como o uruguaismo, chilenoismo, argentinoismo etc.

No artigo “A Metalexigrafia Pedagógica” de Duran e Xatara (2006) são abordadas algumas características que podem contribuir para tornar pedagógico um dicionário. No artigo citado, nas páginas 52-53, as autoras abordam as marcas de uso, reconhecendo sua importância e explicam que “sua presença é particularmente relevante nos dicionários voltados às necessidades de codificação”. Já no caso da decodificação, entende-se que “o próprio insumo já fornece elementos que permitem ao aprendiz inferir essas nuances de uso”. Nesse contexto, as autoras compreendem que para a elaboração de qualquer obra com viés pedagógico deve-se considerar o usuário a quem se destina a obra.

Como se percebe pelo exposto, muitas são as decisões que precisam ser tomadas do processo de elaboração de um dicionário pedagógico. Nossa pesquisa, nesse enquadre, almeja contribuir para que tais decisões sejam as mais objetivas e didáticas possíveis.

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, considerando os objetivos estabelecidos para o trabalho e as reflexões teóricas apresentadas até o momento, explicamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

3.1 Das lexias selecionadas para análise nos dicionários

Para as análises, no que se refere à verificação do tratamento dado às marcas diatópicas nos dicionários, foram selecionadas, como forma de amostragem, 5 lexias em língua espanhola e 5 lexias em língua portuguesa que pertencem ao campo semântico alimentação⁵⁵ e que possuem variação diatópica, quais sejam:

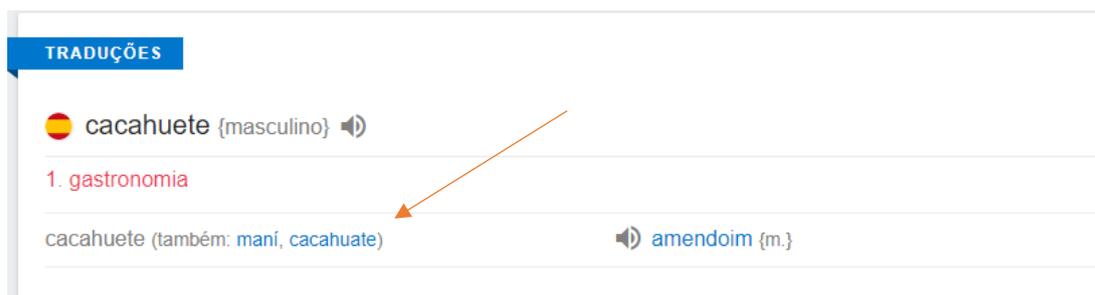
Espanhol – fresa, bocadillo, palomita, frijol e mani.

Português – poncã, mandioca, abóbora, laranjinha, pinha.

Após a escolha das lexias, adotamos os seguintes procedimentos:

1. Busca das variantes no Dicionário Bab.la (2022). Fizemos uma busca na página inicial do dicionário; logo depois, verificamos como as variantes apareciam na mesma página na parte de “traduções”, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 6: Cacahuete no dicionário Bab.la



Fonte: (DICIONÁRIO BAB.LA, 2022)

2. Verificação da frequência das lexias. Para isso, recorreremos à lista de frequência do *Corpus* Brasileiro (SARDINHA, 2004), grupo (GELC), e ao *Corpus* de

⁵⁵ Realizamos um estudo piloto a respeito das marcas de uso e, conforme nossas análises, o campo semântico alimentação se mostrou produtivo quanto as variantes diatópicas apresentadas em diferentes regiões, esse foi o motivo que possibilitou a escolha do campo semântico a ser utilizado na dissertação.

referencia do espanhol atual (CREA) – Listado de frequência (2022), conforme exemplificamos por meio das figuras a seguir:

Figura 7: Lista de frequência de Língua Espanhola

Listado de frecuencia RAE - Bloco de Notas

Arquivo	Editar	Formatar	Exibir	Ajuda
34250.	alfeo	329		1.408
34251.	amarras	329		1.408
34252.	âncora	329		1.408
34253.	apagan	329		1.408
34254.	aristócrata		329	1.408
34255.	asesinar		329	1.408
34256.	atendían		329	1.408
34257.	aturdimiento		329	1.408
34258.	baldón	329		1.408
34259.	ballenas		329	1.408
34260.	boquete	329		1.408
34261.	borró	329		1.408
34262.	cali	329		1.408
34263.	chocó	329		1.408
34264.	chorizo	329		1.408
34265.	clorofila		329	1.408
34266.	comezón	329		1.408
34267.	conparaçion		329	1.408
34268.	conpro	329		1.408
34269.	corrigió		329	1.408
34270.	créese	329		1.408
34271.	crisoles		329	1.408
34272.	dantes	329		1.408
34273.	dilataba		329	1.408
34274.	encareciendo		329	1.408
34275.	entrevistas		329	1.408
34276.	escipión		329	1.408
34277.	exuberante		329	1.408
34278.	fallava	329		1.408
34279.	florisbella		329	1.408
34280.	fresa	329		1.408
34281.	fronesis		329	1.408

Fonte: (CREA, 2022)

Figura 8: Lista de frequência de Língua Portuguesa

Lista de frequência (2) - Bloco de Notas

Arquivo	Editar	Formatar	Exibir	Ajuda
turmeiros			108	
metamorfoseia		108		
bajular	108			
cântaro	108			
ASSINADO		108		
consumirão		108		
Philodendron		108		
epoxi	108			
PASSI	108			
quotidien		108		
infratora		108		
Chloris	108			
faças	108			
Weltanschauung		108		
sereis	108			
CRISTALINA		108		
inverta	108			
coincidisse		108		
n-ésimo	108			
convida-nos		108		
DECCA	108			
velhaco	108			
bagunçado		108		
cajuína	108			
Nínive	108			
jerimum	108			
marimbondos		108		
INCOMPLETA		108		

Fonte: (BERBER SARDINHA, 2004)

Logo após, selecionamos as variantes para cada uma das lexias apresentadas com base em sua frequência. Como forma de critério, a variante mais frequente é descrita como “variante 1”, “variante 2” e “variante 3”, a menos frequente, “variante 4”. Elegemos até 4 variantes para cada uma, conforme a descrição apresentada nas tabelas 1 e 2 na sequência:

Tabela 1: Variantes de Língua Espanhola e suas Frequências

VARIANTE 1	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 2	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 3	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 4	Nº DE OCORRÊNCIA
Fresa	329	Frutilla	203	-	-	-	-
Bocadillo	118	Sandwich	5	Sanduche	4	Bocata	1
Palomita	311	Cabrita	77	Cancha	48		-
Frijol/Fréjol	215/13	Judia	113	Poroto	105	Alubia	95
Mani	121	Cacahuete/ Cacahuete	68/8	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2: Variantes de Língua Portuguesa e suas Frequências

VARIANTE 1	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 2	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 3	Nº DE OCORRÊNCIA	VARIANTE 4	Nº DE OCORRÊNCIA
Poncã	155	Mexerica	90	Bergamota	82	Tangerina	63
Mandioca	13766	Aipim	329	Macaxeira	325	-	-
Abóbora	2034	Jerimum	108	-	-	-	-
Laranjinha	105	Juju	125	Sacolé	71	-	-
Ata	17265	Pinha	822	Fruta-do-conde	69	-	-

Fonte: elaboração própria

Nas lexias selecionadas de língua espanhola, nos casos - frijol/fréjol e - cacahuete/cacahuete encontramos ocorrências nas duas formas e optamos por analisá-las em conjunto, num mesmo quadro, pois se trata-se de uma variante que possui grafia distinta.

3.2 Da escolha dos dicionários

Para a seleção dos dicionários que compõem o *corpora* de nossa pesquisa, escolhemos dicionários gerais e pedagógicos de língua espanhola, assim como, dicionários gerais e escolares de língua portuguesa, como forma de identificar critérios de registro de marcas diatópicas em dicionários que fossem adequados às necessidades dos consulentes aprendizes de língua estrangeira. Portanto, justifica-se nossa escolha dos

dicionários de LP pelo fato de que caso fossem encontrados critérios de registros de MD, eles poderiam ser adaptados ao que almejamos com esta pesquisa, para que a elaboração de obras lexicográficas de diferentes línguas pudessem ter mais uma proposta de parâmetros a ser seguidos.

Assim, nossa amostra é composta por oito dicionários:

Quadro 3: Identificação dos dicionários analisados

<p>DICIONÁRIOS PEDAGÓGICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA</p>	<p>GONZÁLEZ, Maldonato Concepción. Dicionario de español para extranjeros – Con el español que se habla hoy en España y en América Latina. Coordinación y proyecto editorial Concepción Maldonato. São Paulo: edições SM, 2005.</p> <p>GUTIÉRREZ CUADRADO, Juan; PASCUAL RODRÍGUES, José Antonio. Dicionario Salamanca – español para extranjeros. Santillana Educación: Madrid, 2006.</p>
<p>DICIONÁRIOS GERAIS DE LÍNGUA ESPANHOLA</p>	<p>REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: <i>Diccionario de la lengua española</i>, 23.ª ed., [versión 23.5 en línea]. <https://dle.rae.es>.</p> <p><i>Diccionario del Español de México (DEM)</i> http://dem.colmex.mx, El Colegio de México, A.C. A Villarde, Millano: 2001</p>
<p>DICIONÁRIOS ESCOLARES DE LÍNGUA PORTUGUESA</p>	<p>AULETE, Caldas. <i>Novissimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa / Caldas Aulete ; [organizador Paulo Geiger]</i>. Rio de Janeiro ; Lexikon, 2011.</p> <p>BORBA, Francisco S. (org.). 2004. <i>Dicionário UNESP do Português Contemporâneo</i>. São Paulo: UNESP.</p>
<p>DICIONÁRIOS GERAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA</p>	<p>FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. <i>Dicionário da língua portuguesa</i>. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.</p> <p>HOUAISS. <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.</p>

Fonte: Elaboração própria.

3.3 Da análise dos dicionários quanto ao tratamento das marcas diatópicas

Para as análises dos oito repertórios lexicográficos selecionados, consideramos a análise dos elementos estruturais de toda a hiperestrutura das referidas obras: *front matter*, *word list* e *back matter*.

Na *front matter* analisamos e descrevemos nos quadros mencionados na próxima seção as informações a respeito das marcas de uso, em especial, a diatópica, além das que tangem às lexias investigadas na *word list*. Não encontramos informações a respeito das MD nas respectivas *back matters* dos dicionários analisados.

Organizamos quatro quadros contendo as informações encontradas na *front matter* das respectivas obras e os verbetes das cinco lexias de cada língua, sendo um para dicionários pedagógicos de E/LE, um para dicionários gerais de E/LE, um para dicionários escolares de LP e um para dicionários gerais de LP. Depois, abaixo de cada um dos quadros, discorreremos sobre o tratamento dado às marcas diatópicas.

No que concerne às marcas diatópicas presentes nos verbetes, essas foram destacadas com bordas na cor verde. Quando o verbete não foi encontrado no dicionário, destacamos, na cor amarela, a informação “não foi encontrado registro”. Após o registro das informações nos quadros, discorreremos sobre as informações apresentadas nos verbetes selecionados.

Por fim, a partir das reflexões e discussões apresentadas, com base nos dados obtidos por meio das análises dos oito dicionários selecionados, apresentamos uma proposta de registro para as MD em dicionários pedagógicos.

4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 Dicionários pedagógicos de espanhol como língua estrangeira

Quadro 4: Informações da *front matter* e verbetes dos dicionários “*Diccionario de Español para Etranjeros*” (DEE) e “*Diccionario Salamanca*” (SAL)

DEE (2005)	SAL (2006)
Informações na <i>Front Matter</i>	Informações na <i>Front Matter</i>
<p>Essa obra inclui as palavras mais usuais na língua espanhola e, por isso, exclui os usos antiquados e termos que foram perdendo espaço na língua. Há uma grande preocupação por parte desse dicionário no que concerne às variantes existentes na língua espanhola. Logo nas primeiras páginas é mencionado que o dicionário pretende refletir, recorrer e abarcar um espanhol global e não levar em conta apenas uma variante da língua. Na página (8) é mencionado que a obra contém mais de dois mil americanismos rigorosamente selecionados.</p> <p>Ao observar o panorama lexicográfico do espanhol como língua estrangeira, González expõe que algumas lacunas foram observadas, principalmente no que diz respeito ao léxico do espanhol da América latina. Com esse dicionário, pretendeu-se sanar uma parte dessas lacunas, com inclusão de palavras e acepções próprias, características dessa modalidade. Para tanto, todas essas acepções levaram a marca Amér., como apresentamos na sequência.</p> <p>Para a seleção desses termos foram contemplados os seguintes critérios:</p> <ul style="list-style-type: none">- Que a voz ou acepção tenha uso escrito frequente em publicações periódicas e obras literárias de autores desse âmbito linguístico.- Que tenham uma coincidência entre as variedades desse espanhol da América Latina (portanto, saltando, no sentido de lançar, lançar ou arremessar é usado em espanhol da Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Nicarágua Porto Rico, Santo Domingo e Venezuela).- Que tenham um uso generalizado em áreas de espanhol na América Latina de grande peso demográfico (México, Argentina, Colômbia, Peru, Venezuela, Chile, Cuba). (GONZÁLEZ, 2005, p.7, tradução nossa.)	<p>As páginas iniciais do dicionário Salamanca apresentam diferentes informações a respeito das marcas de uso de forma que auxiliam o consulente a nortear suas pesquisas. A obra tem como público-alvo os professores de espanhol e todos os estudantes, sejam eles estrangeiros ou não, mas que queiram ampliar o vocabulário na língua espanhola.</p> <p>Esse dicionário busca apresentar o léxico atual da língua e, portanto, não contempla arcaísmos. Na página seis da obra é apresentada uma lista de informações que o usuário poderá consultar para melhor compreender a microestrutura do dicionário. Nessa parte estão incluídas informações a respeito das marcas de uso, especialmente, os hispano-americanismos, assim como, neologismos, abreviaturas, sinônimos, antônimos, parônimos, locuções, exemplos de uso, observações morfológicas, sintáticas, prefixos, sufixos etc.</p> <p>Para esse dicionário, saber o significado das palavras não é suficiente, é necessário saber utilizá-las nos diferentes contextos. Para isso, além da escolha da forma morfológica adequada e da construção correta, são apresentados conjuntos de marcas que complementam o significado das palavras. Nesse contexto, o dicionário Salamanca busca trazer uma definição clara e útil quando traz as marcas de uso dentro do verbete. A obra apresenta quatro tipos de marcas: tecnicismos, marcas de uso, marcas pragmáticas e hispanoamericanismos.</p> <p>No que tange ao uso e ao registro das marcas de uso, a obra retrata que informações sobre as marcas podem se cruzar com as de registro e chegar a ser extremamente complicadas. Nesse contexto, o dicionário pretende indicar uma classificação clara e útil aos seus consulentes.</p> <p>No que se refere às marcas geográficas peninsulares, de modo geral, se aplica a etiqueta “restringida”. Utilizam-se marcas geográficas para os países hispano-americanos.</p>

	<p>Esse dicionário reconhece a problemática do registro das marcas de uso e acrescenta que “a veces se alude de una manera imprecisa a una región hispanoamericana bien por la tradición o porque los datos que se disponen son imprecisos” (p. 10).</p> <p>O dicionário Salamanca apresenta, em sua microestrutura, marcas gerais, utilizadas em todo um continente, como: (Amér = América), mas também, utiliza outras marcações específicas, como, (Amér C = América Central) ou (MEX = México). Essas informações estão presentes na <i>front matter</i> do dicionário, nas páginas 13,14 e 15, onde aborda os signos e as abreviaturas que se encontrarão no dicionário. Ademais, os autores acrescentam que o fato de existirem marcações específicas não significa, necessariamente, que não ocorra em outras regiões. A intenção é de distinguir os hispano-americanismos urbanos e gerais dos rurais, dialetais ou menos comuns.</p>
Verbetes	Verbetes
<p>fre·sa ■ adj.inv./s.m 1 De color rojo, semejante al de fruto de la fresa: <i>un pañuelo fresa. El color de la tela era un fresa oscuro.</i> ■ s.f. 2 Planta herbácea, de tallos rastreros, hojas compuestas y flores blancas o amarillas, que da un fruto rojo, comestible y muy sabroso, formado por una agrupación de pequeños granos: <i>Hemos plantado fresas en el jardín.</i> 3 Fruto de esta planta: <i>La tarta era de nata y fresas.</i> 4 Herramienta con una serie de cuchillas y buriles que, al girar, perforan, alisan o labran piezas de metal: <i>Para hacer tornillos utilizan una fresa.</i></p>	<p>fresa adj. / s. m. 1 (invariable) Que es de un calor semejante al de las fresas: <i>un vestido fresa. Hemos comprado unas cortinas fresa.</i> s. f. 2 Planta rosácea de tallos rastreros, hojas vellosas y flores pendiculadas que produce un fruto comestible: <i>Ha plantado unas fresas.</i> 3 Fruto carnoso y doroso, pequeño y comestible, de sabor dulce y aspecto granulado: <i>He comprado medio kilo de fresas para hacerlas con nata.</i> 4 METAL. Herramienta giratoria provista de cuchillas o buriles que sirve para perforar, alisar o labrar piezas. 5 MED. Instrumento quirúrgico en forma de cono para perforar o agrandar orificios, muy usado por los dentistas.</p>
<p>fru·ti·lla s.f. Amér. Fresa o fresón: <i>Hoy vamos a comer dulce de frutilla.</i></p>	<p>frutilla s. f. AMÉR. Cierta variedad de fresón</p>
<p>bo·ca·di·llo s.m. 1 Trozo de pan cortado a lo largo en dos partes, y relleno con algún alimento: <i>un bocadillo de chorizo.</i> □ Dist. de <i>sándwich</i> (bocadillo con pan de molde). □ Se usa mucho la forma coloquial <i>bocata</i>. 2 En un dibujo, texto enmarcado por una línea, que expresa lo que dice o piensa el personaje al que señala: <i>En este cómic, el bocadillo del personaje cuando piensa tiene forma de nube.</i> □ Sin. <i>Globo.</i> 3 En una representación teatral, interrupción breve del diálogo: <i>En una comedia es frecuente que haya muchos bocadillos.</i></p>	<p>bocadillo s. m. 1 Panecillo o trozo de pan cortado longitudinalmente por la mitad relleno de cualquier alimento, generalmente embutidos, queso o tortilla: <i>bocadillo de tortilla, bocadillo de jamón, bocadillo de atún.</i> 2 Texto de un dibujo o de un tebeo, generalmente rodeado de una línea, que indica el pensamiento o las palabras de los personajes: <i>En los tebeos los bocadillo de personajes señalan claramente al que habla o piensa.</i> 3 AMÉR. Dulce de leche con azúcar y, a veces, frutas, como guayaba, coco, etc.</p>
<p>sán·du·che s.m. Amér. Sándwich o bocadillo: <i>Para comer preparé unos sánduches.</i></p>	<p>Sánduche s. m. COL., VEN. Sándwich, bocata.</p>
<p>sánd·wich (pl. <i>sándwiches</i>) s.m. 1 Bocadillo elaborado con dos rebanadas de pan de molde: <i>Un sándwich mixto se hace con jamón york y queso.</i> □ Sin. <i>emparedado.</i> 2 Amér. Bocadillo. □ Pron. [sánguich].</p>	<p>sándwich (plural <i>sandwiches</i>; del inglés; pronunciamos ‘sánguich’ s. m. 1 Bocadillo preparado con rebanadas de pan inglés o pan de molde: <i>un sándwich de jamón y queso, un sándwich mixto.</i> 2 AMÉR. Bocadillo.</p>

<p>bo-ca-ta s.m. <i>col.</i> → bocadillo.</p>	<p>bocata (marca registrada) s. m. COLOQUIAL. Bocadillo: <i>Jaime pidió em el bar um bocata de jamón y queso.</i></p>
<p>pa.lo.mi.ta s.f. 1 grano de maíz que, al ser tostado, aumenta de tamaño y se ablanda: las palomitas se hacen con maíz coma sal y aceite. □ Se usa más en plural. 2 En algunos deportes, esp. en el fútbol, estirada espectacular del portero para detener el balón: <i>el público aplaudió la palomita del portero.</i> 3 refresco de agua con poco de anís <i>¿Te apetece una copa de anís o prefieres una palomita?</i></p>	<p>Palomita s. f. 1 (preferentemente en plural) Grano de maíz tostado que al reventar toma un aspecto esponjoso y que se puede consumir como aperitivo o, con azúcar o miel, como golosina: <i>Marina se comió una bolsa de palomitas en el cine</i> 2 no contable bebida que se hace con licor de anís y agua: <i>ponme una palomita de anís en un vaso grande con mucha agua y hielo.</i> 3 DEP. Estirada del portero hacia un lado de la portería, en algunos deportes como el fútbol.</p>
<p>can-cha s.f. 1 Local o terreno de juego destinados a la práctica de determinados deportes: <i>una cancha de baloncesto.</i> 2 Amér. Maíz tostado: <i>En Lima comí cancha.</i> 3 dar ~ a alguien; <i>col.</i> Darle una oportunidad o un margen de confianza suficiente para que pueda intervenir o actuar a su modo: <i>Una empresa tiene que dar cancha a trabajadores jóvenes si quiere renovarse.</i></p>	<p>cancha s. f. 1 Espacio o local preparados para la práctica de diversos deportes: <i>una cancha de tenis, una cancha de baloncesto, saltar a la cancha, salir a la cancha, abandonar la cancha.</i> 2 AMÉR. Terreno, espacio, local, llano y despejado. 3 AMÉR. Cercado amplio usado como depósito. 4 ARG., CHILE, PAR., URUG. COLOQUIAL en Chile. Habilidad adquirida con la experiencia. 5 AMÉR. DEL S. COLOQUIAL. Conjunto de granos de maíz tostado. FR. Y LOC. abrir ~ AMÉR. Dejar <una persona> campo libre. dar ~ 1 Dar <una persona > una oportunidad a otra persona para que pueda desarrollar sus habilidades o su personalidad: <i>El profesor nos da cancha para que intervengamos en clase. Me aburro en la oficina; el jefe no me da cancha para que haga algo interesante.</i> 2 ARG., CHILE, PAR. Dar ventaja < una persona > a otra persona.</p>
<p>ca-bri-to, ta adj./s. 1 euf. <i>col.</i> Referido a una persona, que tiene mala intención o que juega malas pasadas: . <i>No le pidas ayuda porque es un cabrito.</i> □ Sin. <i>cabrón.</i> □ Se usa como insulto. s.m. 2 (macho/hembra) Cría de la cabra desde que nace hasta que deja de mamar: <i>El cabrito tiene una carne tierna muy apreciada.</i> □ Sin. <i>choto.</i> s.f. 3 Amér. Palomita de maíz: <i>Me encantan las cabritas de maíz.</i></p>	<p>cabrito, ta s. m. 1 (macho y hembra) Cría de la cabra has ta que deja de mamar: <i>El cabrito asado es la especialidad culinaria de muchos pueblos castellanos.</i> adj. / s. m. y f. 2 VULGAR, INSULTO, EUFEMISMO [Persona] que tiene mala intención o hace muchas faenas a otras: <i>No te fies de la simpatia de tu nuevo profesor porque es un perfecto cabrito.</i></p>
<p>fré-jol (tb. <i>frijol, fríjol</i>) s.m. 1 Planta leguminosa, con tallos delgados, hojas en forma de corazón, flores blancas y fruto en vainas verdes y aplastadas, terminadas en dos puntas: <i>Hemos plantado fréjoles en nuestro huerto.</i> □ Sin. <i>judía.</i> 2 Fruto comestible de esta planta: <i>Pronto podremos recoger los fréjoles.</i> □ Sin. <i>judía.</i> 3 Semilla de este fruto, que tiene forma de riñón: <i>Comeremos un guiso de fréjoles.</i> □ Sin. <i>judía.</i></p>	<p>frijol o fríjol s. m. AMÉR. Fréjol o judía. fréjol o frijol s. m. Judía, planta, fruto y semilla.</p>
<p>po-ro-to s.m. Amér. Judía: <i>Este año vamos a cultivar porotos.</i></p>	<p>poroto s. m. 1 AMÉR. DEL S. Variedad de alubia. 2 AMÉR. DEL S. Guiso elaborado con porotos</p>
<p>ju-dí-o, a adj. 1 Del judaísmo o relacionado con esta religión: <i>Se casó según el rito judío.</i> □ Sin. <i>hebreo, israelita.</i> adj./s. 2 Que tiene como religión el judaísmo: <i>una oración judía. Los judíos celebran sus ceremonias religiosas en las sinagogas.</i> □ Sin. <i>hebreo, israelita.</i> 3 De un antiguo pueblo semita que habitó Palestina</p>	<p>judía s. f. 1 Planta herbácea de tallo delgado y en espiral, hojas compuestas, flores blancas o amarillas en racimo y fruto en vaina muy apreciado como alimento: <i>La judía es una planta originaria de América.</i> 2 Fruto de esta planta, que se consume en vaina, como verdura, y semilla que se consume desgranada verde o seca: <i>judias con chorizo, pota-</i></p>

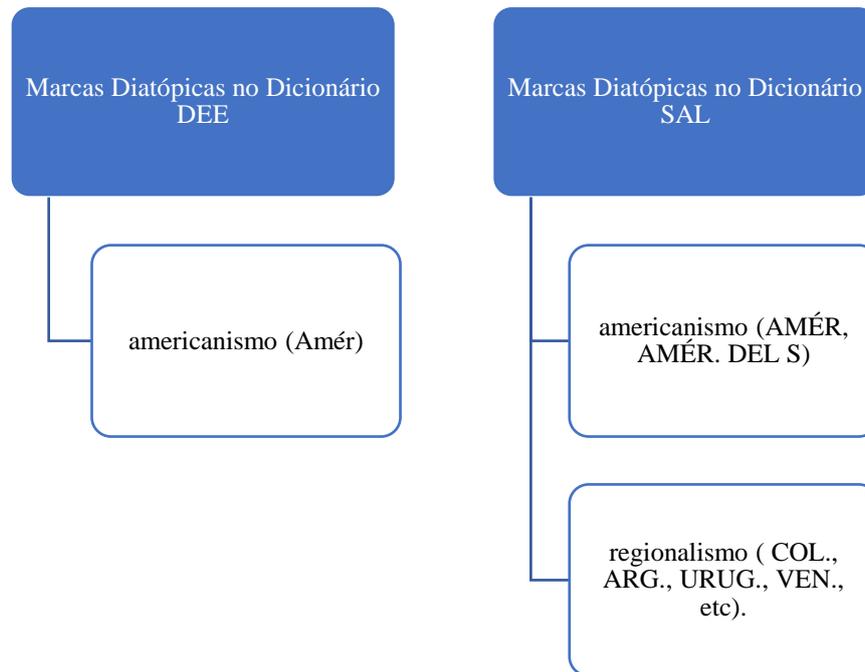
<p>(territorio situado en el oeste asiático), o relacionado con él: <i>A la muerte de Salomón, el reino judío de Israel quedó dividido en dos. Los judíos se rebelaron contra los romanos, pero fueron vencidos.</i> □ Sin. <i>hebreo, israelita.</i> 4 De Judea (antiguo país asiático) o relacionado con él: <i>La región judía está entre el mar Muerto y el Mediterráneo. Los judíos fueron incorporados a Roma en el siglo VI.</i> 1 s. 5 col. <i>Desp. Usurero: Ese prestamista será un usurero, pero no debes decir que es un judío por esa razón.</i> 1 s.f. 6 Planta leguminosa, con tallos delgados, hojas en forma de corazón, flores blancas y fruto en vainas de color verde y aplastadas, que terminan en dos puntas: <i>La judía se cultiva en las huertas.</i> □ Sin. <i>alubia, fréjol, frijol, habichuela.</i> 7 Fruto de esta planta, que es comestible: <i>Trocea unas judías verdes para hacer la comida.</i> □ Sin. <i>alubia, fréjol, frijol, habichuela.</i></p>	<p><i>je de judias. He comido judias verdes con patatas.</i> judias blancas. judias pintas.</p>
<p>a·lu·bia s.f. 1 Planta leguminosa, con tallos delgados, hojas en forma de corazón, flores blancas y fruto en vainas de color verde y aplastadas, que terminan en dos puntas: <i>Las alubias se cultivan en huertas.</i> □ Sin. <i>judía.</i> 2 Fruto de esta planta, que es comestible: <i>Las alubias verdes me gustan mucho.</i> □ Sin. <i>judía.</i> 3 Semilla de este fruto, que tiene forma de riñón: <i>La fabada se hace con alubias.</i> □ Sin. <i>judía.</i></p>	<p>alubia s. f. Judía, planta y semilla. alubias blancas Judías blancas. alubias pintas. Judías pintas.</p>
<p>ca·ca·hue·te s.m. 1 Planta de flores amarillas cuyos pedúnculos se alargan y se introducen en el suelo para que madure el fruto, el cual está compuesto de una cáscara dura y varias semillas, comestibles después de tostadas: <i>El cacahuete es una planta de origen americano.</i> □ Sin. <i>maní, cacahué.</i> 2 Fruto de esta planta: <i>Llevé cacahuetes para echárselos a los monos del zoo.</i> □ Sin. <i>maní, cacahué.</i></p>	<p>cacahuete o cacahué s. m. 1 <i>Arachis hypogaea.</i> Planta papilionácea de tallo rastrero, cuyas flores se introducen en el suelo para que el fruto madure. 2 Fruto de esta planta, de cáscara poco dura, semilla comestible y grasa, con la que se elabora aceite y manteca: <i>una bolsa de cacahuetes.</i> SIN. Maní: (AMÉR.)</p> <p>cacahuete s. m. Méx. Cacahuete.</p>
<p>ma·ní (pl. <i>manises</i>) s.m. 1 Planta de flores amarillas cuyos pedúnculos se alargan y se introducen en el suelo para que madure el fruto, el cual está compuesto de una cáscara dura y varias semillas, que se comen después de tostadas: <i>Del maní se puede obtener aceite.</i> □ Sin. <i>cacahué, cacahuete.</i> 2 Fruto de esta planta: <i>El elefante comía manises.</i> □ Sin. <i>cacahué, cacahuete.</i></p>	<p>maní s. m. ARG., URUG., COLOQUIAL, RESTRINGIDO. Cacahuete, planta y fruto.</p>

Fonte: elaboração própria

4.1.1 Considerações sobre os dados

Pelo exposto, verifica-se que tanto o dicionário DEE quanto o SAL apresentam informações a respeito das marcas diatópicas nas primeiras páginas e na microestrutura. A figura a seguir elucida as marcas diatópicas encontradas nas referidas obras:

Figura 9: Marcas Diatópicas em DEE e SAL



Fonte: Elaboração própria

A partir desta investigação, foram encontrados registros de seis MD no dicionário DEE, o qual opta por uma perspectiva macroespacial e registra as marcas diatópicas com a abreviação (Amér), indicando que o registro se trata de um americanismo. O dicionário SAL, por sua vez, apresenta definições mais específicas de regiões das Américas (norte, central, sul) ou países que falam a língua espanhola e nele, a partir das lexias analisadas, encontramos registros de vinte e duas MD.

Os dois dicionários apresentam essas marcas por meio de abreviaturas no início das acepções a que a marca se refere. Ressaltamos que as MD presentes nas duas obras se referem a marcas específicas do continente americano, já que, muitas vezes, o registro das palavras em língua espanhola nos dicionários parte de um espanhol estandar, ou seja, um padrão de referência que é o espanhol da Espanha.

4.2 Dicionários gerais de espanhol como língua estrangeira

Quadro 5: Informações da *front matter* e verbetes dos dicionários “*Diccionario de la lengua española*” (RAE) e “*Diccionario del Español de México*” (DEM)

RAE (2022) – Online	DEM (2022) – Online
Informações na <i>Front Matter</i>	Informações na <i>Front Matter</i>
<p>O Dicionário da RAE é uma obra lexicográfica acadêmica que está disponível de forma impressa e online, constantemente alimentada.</p> <p>As informações sobre a obra estão presentes logo na primeira página de consulta.</p> <p>“O repertório começa em 1780, com o aparecimento —num único volume para facilitar a referência — de uma nova versão, agora sem citações de autores, do primeiro dicionário da instituição, o chamado Dicionário de Autoridades (1726-1739). O de 1780 foi, portanto, o precedente da série de dicionários usuais que continua até hoje.” (Tradução nossa)</p> <p>“A partir desse período, foram publicadas vinte e três edições da obra, convertidas, ao longo do tempo, no dicionário de referência e consulta do espanhol. A mais recente, a 23ª, saiu de circulação em outubro de 2014”. (Tradução nossa)</p> <p>“O Dicionário da língua espanhola, cujo objetivo é coletar o léxico geral usado na Espanha e nos países hispânicos, é o resultado da colaboração de todas as academias. Destina-se, fundamentalmente, a falantes de espanhol, que encontrarão recursos suficientes para decifrar textos escritos e orais”. (Tradução nossa)</p> <p>Sua tarefa básica é “solucionar dúvidas de natureza linguística (ortográfica, lexical e gramatical) a partir da perspectiva da norma que regula o uso culto do espanhol atualmente. As consultas são levantadas por falantes nativos de espanhol de todas as áreas do mundo hispânico e por falantes não nativos e estudantes de espanhol das mais diversas nacionalidades. (tradução nossa)</p> <p>Como já mencionado, esse dicionário é alimentado constantemente. Assim, em “atualização de 2021” temos a seguinte informação: “a Real Academia Espanhola (RAE) e a Associação de Academias da Língua Espanhola (AUL) se encarregaram de redigir a nova edição de seu Dicionário da Língua Espanhola (DLE), que terá as características estabelecidas no plano aprovado por todas as Academias ASALE. Com o objetivo de que o desenvolvimento dessa nova edição, necessariamente lenta, não atrase a inclusão de novos vocábulos e significados ou a modificação</p>	<p>O DEM é uma obra lexicográfica do México constituída por duas versões: a impressa e a <i>online</i>, constantemente alimentada.</p> <p>Logo na página de entrada do DEM há uma barra de busca “buscar en el DEM” (o que facilita para o consulente), para saber mais informações sobre o que o dicionário apresenta há uma barra na parte superior da tela escrito “Sobre el Dem”, onde podem-se encontrar outras guias de busca, como, apresentação do dicionário, guia para o usuário, dados sobre a composição da obra, dados sobre a equipe que trabalhou na composição da obra, dentre outras informações que o usuário poderá consultar.</p> <p>“O dicionário do espanhol do México é resultado de um conjunto de investigações do vocabulário utilizado na república mexicana a partir de 1921. As investigações são realizadas desde 1973, no centro de estudos linguísticos e literários do colégio do México”. (tradução nossa)</p> <p>Em “guias para o usuário” há um vídeo explicativo sobre como utilizar o dicionário, além de descrever por escrito o que foi mencionado no vídeo para atender a diferentes públicos.</p> <p>Sobre a motivação:</p> <p>“o que queríamos era um dicionário abrangente de espanhol, baseado no uso mexicano. Não como o alarmado ABC de Madrid publicou, para “dar o nosso novo grito de independência”, agora linguístico, e produzir um “cisma da língua espanhola”, mas, para corresponder a uma língua que, no México, está na origem da nossa nacionalidade e da nossa cultura, sem negar a sempre desejada unidade do espanhol e, também, sem subestimar a rica atualidade das línguas indígenas. [...] Então tivemos que construir um banco de dados que nos permitisse conhecer o uso do vocabulário espanhol no México. Um banco de dados que registra nossa maneira de falar, que compartilha uma grande porcentagem de palavras com a Espanha e a América Latina, mas que tem suas diferenças de significado e uso, mesmo em palavras muito comuns, para dar o reconhecimento que merece.” (tradução nossa)</p>

<p>dos já incorporados que necessitem de alteração, decidiu-se publicar essas atualizações anualmente. A que agora está à disposição de todos os interessados contempla as modificações aprovadas por todas as Academias em 2021 e será considerada a versão eletrônica 23.5.” (tradução nossa)</p> <p>Em “abreviaturas e signos empregados” para identificar quais formas de MD são registradas, temos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As abreviaturas escritas com inicial maiúscula sempre aparecem assim no Dicionário (por exemplo, «Burg.», «Form.»). Já os que aparecem com letra inicial minúscula, pelo contrário, podem aparecer escritos dessa forma ou com letra maiúscula (“apoc.” / “Apóc.”). (tradução nossa) • As abreviaturas que desenvolvem palavras com variação de gênero podem substituir tanto o masculino quanto o feminino (por exemplo, «it.» pode ser equivalente a 'italiano' ou 'italiana'). (tradução nossa) • Qualquer abreviatura à qual um –s é adicionado passa a designar o mesmo conceito, mas expresso no plural (por exemplo, «exprs.» 'expressões', «locs.» 'locuções' etc.). (tradução nossa) • Algumas formas abreviadas correspondem a dois desenvolvimentos possíveis (por exemplo, «fr.», que pode ser equivalente a 'francês' ou 'frase'). O contexto em que essas abreviações são apresentadas esclarece qualquer dúvida sobre sua interpretação. (tradução nossa). • Não estão incluídos nesta tabela abreviaturas e símbolos que aparecem no dicionário e são de uso geral. Estes tipos de abreviaturas estão devidamente explicados na Ortografia publicada pela Real Academia Espanhola. (tradução nossa). <p>Neste tópico há uma lista bastante extensa, indicando as abreviaturas de uso particular da língua. Sobre as MD, o dicionário apresenta abreviaturas gerais, como, por exemplo, (Am. = América, Am. Cen. = América central, amer. americano, Am. Mer. = América Meridional) e abreviaturas referentes a regiões específicas como (Arg. = Argentina, Col. = Colombia, C Rica = Costa Rica, Ven. = Venezuela, And. = Andalucía, Córd. Córdova).</p>	<p>Em “composición del DEM”, a respeito do uso temos:</p> <p>“Os registros que serviram de matéria-prima para esse dicionário provêm de um estudo muito extenso das características do espanhol mexicano em nosso tempo. Esse estudo baseia-se na compilação de textos escritos e falados no México entre 1921 e 1974, integrado como Corpus do espanhol mexicano contemporâneo, composto por 996 textos de duas mil palavras gráficas cada um, provenientes de todas as regiões do país, de todas as classes de falantes e de uma ampla variedade de gêneros.” (tradução nossa)</p> <p>“O Corpus é nossa principal fonte de dados; a informação obtida é o que nos permite garantir ao leitor que todos e cada um dos componentes da nossa nomenclatura (a lista de vocábulos que constituem as entradas do dicionário), da definição, dos exemplos incluídos e das marcas de uso foram fidedignamente registradas em espanhol contemporâneo do México.” (tradução nossa)</p> <p>“Para compor este dicionário, o que fizemos foi pegar todas as palavras que apareceram no <i>corpus</i>. Independentemente do nível de língua a que pertenciam (de tradição culta ou popular, nacional ou regional, grosseiro ou gíria), foram submetidos a estudo e se converteram nas entradas dos verbetes que apresentamos”. (tradução nossa)</p> <p>No final da página sobre a “composición del DEM”, há uma parte dedicada às marcas de uso em que temos a seguinte informação a respeito das marcas diatópicas:</p> <p>“Com base em vários estudos que realizamos sobre as diferenças no uso das palavras em nossa sociedade, distinguimos entre as palavras que são usadas em todo o país [...] que constituem nosso espanhol nacional mexicano, e aqueles que documentamos como sendo de uso majoritário em uma ou várias regiões do México, mas não em todas. Essas palavras fazem parte, portanto, de nossas variedades regionais, como, por exemplo, as do espanhol de Yucatán, do Nordeste ou de Veracruz. Foram os estudos do Atlas Linguístico do México, dirigidos por Dom Juan M. Lope Blanch no Colégio do México, que nos permitiram estabelecer os critérios para distinguir algumas regiões linguísticas de outras, ainda que provisoriamente, pois ainda há um longo caminho a percorrer para conhecer as peculiaridades linguísticas do espanhol em nosso país. Para indicar as áreas onde as palavras regionais foram registradas, introduzimos abreviaturas e marcas suficientemente claras para serem interpretadas sem esforço, além de listá-las na tabela de abreviaturas e marcas correspondentes. Devemos</p>
--	--

<p>Como podemos perceber, o dicionário RAE contempla marcas diatópicas de diferentes formas, como um uso generalizado em algum continente, uso generalizado dentro de um país, ou até mesmo o uso dentro de uma região específica de um país, estado ou província como no caso de Cordova e Andalucía.</p> <p>Em “guia de consulta” explica-se como utilizar o dicionário, como, por exemplo, as diferentes formas que o usuário poderá optar para consultar o dicionário, por lemas, anagramas e expressões, além de ensinar o usuário sobre “do que constitui o verbete” e quais informações ele poderá encontrar.</p>	<p>alertar, no entanto, que tais indicações não pretendem afirmar que a palavra é usada ali e somente ali, mas apenas informar que localizamos o uso da palavra nessas áreas”. (tradução nossa)</p> <p>Ademais, na página ainda podemos encontrar uma parte que apresenta os recursos empregados no dicionário. São eles: tempos verbais, conjugação regular, conjugação irregular, regras de ortografia, escrita dos números, gentílicos da república mexicana, prefixos, sufixos, abreviaturas e vídeos.</p> <p>Nas abreviaturas, conforme o que foi mencionado em “marcas de uso”, teremos como MD (Ver - Veracruz, Ver N - Norte de Veracruz, Ver S - Sur de Veracruz, Yuc - Yucatán y Campeche).</p>
Verbetes	Verbetes
<p>fresa¹ Del fr fraise</p> <p>1. f. Planta de la familia de las rosáceas, con tallos rastreros, nudosos y con estolones, hojas pecioladas, vellosas, blanquecinas por el envés, divididas en tres segmentos aovados y con dientes gruesos en el margen; flores pedunculadas, blancas o amarillentas, solitarias o en corimbos poco nutridos, y fruto casi redondo, algo apuntado, de un centímetro de largo, rojo, succulento y fragante.</p> <p>2. f. Fruto de la fresa.</p> <p>3. adj. Dicho de un color: Rojo semejante al de la fresa. U. t. c. s. m.</p> <p>4. adj. De color fresa.</p> <p>fresa² De fresar</p> <p>1. f. Herramienta de movimiento circular continuo, constituida por una serie de buriles o cuchillas convenientemente espaciados entre sí y que trabajan uno después de otro en la máquina de labrar metales o fresarlos.</p>	<p>fresa¹ s.f</p> <p>1 Fruta pequeña de color rojo y forma de corazón, con granitos en toda su superficie, de tres a cinco centímetros de largo, de sabor agridulce y aroma agradable. Se come cruda, en conserva o en mermelada: <i>pastel de fresas, fresas con crema</i></p> <p>2 Planta herbácea de la familia de las rosáceas que da ese fruto; es de tallos rastreros, hojas trifoliadas y dentadas, y flores blancas o rojizas dispuestas en racimos; se cultivan varias especies como <i>Fragaria vesca, Fragaria moschata</i> y <i>Fragaria virginica</i>; también la hay silvestre, de fruto más pequeño y ácido (<i>Fragaria mexicana</i>)</p> <p>3 adj m y f (<i>Popular</i>) Que pertenece a una clase social privilegiada, generalmente de dinero: <i>un chavo fresa</i></p> <p>4 adj m y f (<i>Popular</i>) Que no se arriesga a contravenir normas y leyes y tiene gustos e ideología conservadores: “Hay unos que son bien <i>fresas</i> y no entran en onda”, “Si eres <i>fresa</i>, ¿por qué traes greña?”</p> <p>fresa² s.f Herramienta que sirve para pulir o perforar, que consiste en una punta generalmente de esmeril o de diamante, de varias formas y tamaños, que gira velozmente.</p>
<p>frutilla Del dim. de fruta.</p> <p>1. f. Cuentecilla de las Indias para hacer rosarios.</p>	<p>Frutilla – não foi encontrado registro</p>

<p>2. f. Arg., Bol., Chile, Ec., Par. y Perú. Especie de fresón.</p> <p>3. f. C. Rica. triquina.</p> <p>4. f. C. Rica. triquinosis.</p>	
<p>bocadillo</p> <p>Del dim. de bocado.</p> <p>1. m. Pieza de pan abierta, o conjunto de dos rebanadas, en cuyo interior se coloca o se unta algún alimento.</p> <p>2. m. Refrigerio que los trabajadores y estudiantes suelen tomar entre el desayuno y la comida.</p> <p>3. m. bocado (l porción pequeña de comida).</p> <p>4. m. En grabados, dibujos, caricaturas, chistes gráficos, tebeos, <i>etc.</i>, espacio circundado por una línea en el que se contienen las palabras o pensamientos de un personaje.</p> <p>5. m. Tela delgada colgada entre el visillo y la cortina.</p> <p>6. m. En pasamanería, cinta muy estrecha.</p> <p>7. m. Dulce de guayaba conservado en corta cantidad y envuelto en hojas de plátano, característico de Mérida, en Venezuela, y de Vélez, en Colombia.</p> <p>8. m. Dulce que en unas partes, como en Honduras y México, se hace de coco, y en otras, como en Cuba, de boniato.</p> <p>9. m. Teatro. Intervención muy breve de un actor en una obra.</p>	<p>bocadillo s.m</p> <p>1 Trozo o porción pequeña de comida que se sirve como entremés en los bares y algunas fiestas</p> <p>2 <i>Bocadillo de coco</i> Dulce de leche, huevo, azúcar y coco</p> <p>3 Papel que se le da a un actor en una obra teatral y que consiste en decir unas cuantas palabras</p>
<p>Sánduche</p> <p>Tb. sanduche.</p> <p>1. m. Col., Ec. y Ven. sándwich.</p>	<p>Sánduche -- não foi encontrado registro</p>
<p>sándwich</p> <p>Del ingl. sandwich, y este de J. Montagu, 1718-1792, cuarto conde de Sandwich, de quien se cuenta que se alimentó de esta clase de comida para no abandonar una partida de cartas.</p>	<p>Sándwich -- não foi encontrado registro</p>

<p>1. m. Emparedado hecho con dos rebanadas de pan de molde entre las que se coloca jamón, queso, embutido, vegetales u otros alimentos.</p>	
<p>bocata Acort. de bocadillo y el suf. jergal -ata. 1. m. coloq. bocadillo (l pieza de pan abierta).</p>	<p>Bocata - não foi encontrado registro</p>
<p>palomita Del dim. de paloma. 1. f. Roseta de maíz tostado y reventado. 2. f. coloq. palomilla (l bebida). 3. f. Dep. Esp. En fútbol, parada espectacular del portero con una estirada en el aire lucíéndose más de lo necesario. 4. f. Dep. Arg., Bol., Chile, Col., C. Rica, El Salv., Guat., Hond., Par. y Perú. En fútbol, remate espectacular de cabeza en el que el atacante se estira en el aire.</p>	<p>Paloma/palomita s.f</p> <p>I 1 Ave de pico delgado y alas cortas, particularmente blancas, aunque su plumaje varía según las especies, lo mismo que su tamaño; anida por lo general en las fachadas de las casas y en los campanarios de las iglesias; en México se conocen 24 especies, entre las que predominan <i>Columba livia</i>, <i>Columba cayennensis</i>, <i>Columba fasciata</i>, <i>Columba speciosa</i>, <i>Columba nigrirostris</i>, <i>Columbina passerina</i>, <i>Columbina minuta</i>, <i>Columbina talpacoti</i>, <i>Columba flavirostris</i>, <i>Zenaidura macroura</i> y <i>Zenaida asiática</i></p> <p>2 Paloma mensajera La que ha sido entrenada para llevar y traer mensajes a largas distancias</p> <p>3 Paloma de la paz Dibujo que representa una de estas aves, de color blanco y con una ramita de olivo en el pico, como alegoría de la paz</p> <p>4 Palomita (<i>Strepsilas interpres</i>) Ave zancuda, migratoria, muy tímida, de color negro o café en la parte superior y pecho negro, que se alimenta de animales marinos, sobre todo de moluscos, a los que busca con el pico debajo de piedras y guijarros</p> <p>II 1 Persona inocente y buena, que es fácil de engañar: “La Martita no era una blanca <i>paloma</i>, que digamos”, “¡Pero si doña Julia es una <i>palomita</i>!”</p> <p>2 (Popular) Ayuda, colaboración o auxilio que se solicita: “Échame una <i>palomita</i> para cargar este bulto”</p> <p>III 1 Palomita(s) (Se usa generalmente en plural) Golosina hecha de granos de maíz que, al tostarse, revientan como pequeñas flores esponjadas y muy blancas; se come con sal, con mantequilla, o confitada con caramelo: “¿Me compras una bolsa de <i>palomitas</i> antes de que empiece la película?”</p> <p>2 Especie de cohete de forma triangular y gran</p>

	<p>potencia explosiva</p> <p>3 Trazo (✓) que se utiliza como señal de acierto o aprobación, especialmente en trabajos escolares</p> <p>4 (Ver S) Papalote</p> <p>5 Bebida alcohólica que se prepara con tequila, limón, sal y refresco de toronja: “La noche triste se fue volando con cubas, <i>palomas</i> y Chavela Vargas”</p> <p>IV</p> <p>1 (<i>De palomita</i>) En el futbol, remate de balón que hace un jugador con la cabeza mientras lanza su cuerpo horizontalmente a media altura</p> <p>2 <i>De palomita</i> Como volando cerca del suelo: “Al niño le gustaba que lo llevaran <i>de palomita</i>”</p> <p>3 <i>Hacer palomas</i> En el juego de las canicas, golpear la de un contrincante para mandarla fuera del círculo en que se juega y obligarlo a recomenzar</p> <p>V (<i>Popular</i>) Órganos sexuales, tanto el masculino como el femenino</p> <p>VI <i>Palomita de San Juan (Termis margipennis)</i> Insecto neuróptero, semejante al comején y la polilla, que abunda en las tardes lluviosas de junio y julio y carcome la ropa</p> <p>VII (<i>Cestrum laxum</i>) Arbusto de la familia de las solanáceas, de 2 a 4 m de altura, de hojas lanceoladas, agudas o acuminadas, flores tubulosas de 16 a 22 cm de largo, con corolas de cinco lóbulos y estambres inclusos, que crece desde San Luis Potosí, hacia el sur, hasta Oaxaca</p>
<p>cancha¹</p> <p>Del quechua <i>kancha</i> 'recinto, cercado'.</p> <p>1. f. Espacio destinado a la práctica de ciertos deportes o espectáculos.</p> <p>2. f. <i>Am.</i> Habilidad que se adquiere con la experiencia.</p> <p>3. f. Arg., Bol., Chile, Col., Ec., El Salv., Méx., Pan., Par., Perú, R. Dom. y Ur. Terreno, espacio, local o sitio llano y desembarazado.</p>	<p>cancha</p> <p>s.f</p> <p>1 Terreno o instalación preparada para efectuar en ella algún deporte, como futbol, tenis, golf, etc: “La <i>cancha</i> de pasto raído es donde algunos obreros juegan futbol al mediodía”</p> <p>2 <i>Abrir cancha (Popular)</i> Hacer espacio, dar lugar: “¡<i>Abran cancha!</i> ¡Ahí vienen los bomberos!”</p> <p>3 <i>Dar cancha (Popular)</i> Hacer lugar o dar a una persona cierta ventaja para realizar algo: “¡Éntrale al negocio; te estoy <i>dando cancha!</i>”</p> <p>4 <i>Haber cancha libre o tener cancha libre</i> Tener oportunidad o libertad para realizar una acción</p>

<p>4. f. Arg., Chile, Ec., Par., Perú y R. Dom. Corral o cercado espacioso para depositar ciertos objetos. Cancha de maderas. 5. f. Cuba y Par. hipódromo.</p> <p>6. f. Ec. Lugar en donde el cauce de un río es más ancho y desembarazado.</p> <p>7. f. Col. y Par. Cantidad que cobra el dueño de una casa de juego.</p> <p>8. interj. coloq. Arg., Bol., Ec., El Salv., Méx., Pan., Par., Ur. y Ven. U. para pedir que abran paso.</p> <p>cancha² Del quechua <i>kamcha</i>.</p> <p>1. f. Maíz o habas tostadas que se comen en América del Sur.</p>	<p>determinada</p> <p>5 Tener cancha (Popular) Dominar alguien una situación, tener experiencia: “¿Cómo no iba a saberlo? ¡Si <i>tiene mucha cancha!</i>”</p>
<p>cabrito, ta Del dim. de <i>cabro</i>.</p> <p>1. adj. eufem. coloq. cabrón (l que hace malas pasadas). U. t. c. s.</p> <p>2. adj. eufem. coloq. cabrón (l que padece la infidelidad de su mujer). U. t. c. s.</p> <p>3. m. y f. Cría de la cabra desde que nace hasta que deja de mamar.</p> <p>4. m. Carne de cabrito. No me gusta el cabrito, prefiero el cordero.</p> <p>5. m. Cliente de casas de lenocinio.</p> <p>6. f. cabra (l ariete).</p> <p>7. f. desus. Piel de cabrito adobada.</p>	<p>cabrito, ta – não foi encontrado registro</p>
<p>frijol Tb. fríjol.</p> <p>1. m. Am. judía (I planta). 2. m. Am. judía (II fruto). 3. m. Am. judía (III semilla). 4. m. pl. Méx. alimento.</p> <p>fréjol Tb. fréjol. Del lat. <i>faseōlus</i>, y este del gr. <i>φάσηλος</i> <i>phásēlos</i>, infl. por el mozár. <i>brísol</i> o <i>gríjol</i> 'guisante'.</p>	<p>frijol s.m</p> <p>1 Planta leguminosa, generalmente anual, cuyas diferentes especies se cultivan en todo México: <i>frijol negro, frijol bayo</i></p> <p>2 Semilla de esta planta, de aproximadamente 10 mm de largo y de distintos colores, según la variedad a la que pertenezca. Crece en vainas y es parte fundamental de la dieta de los mexicanos: <i>frijolitos refritos, sopa de frijol</i></p> <p>3 <i>Frijol ejotero (Phaseolus vulgaris L)</i> Planta de la familia de las fabáceas que puede crecer de forma</p>

<p>1. m. judía (I planta).</p> <p>2. m. judía (II fruto).</p> <p>3. m. judía (III semilla).</p>	<p>silvestre o cultivada, ya como enredadera, en cuyo caso puede medir hasta 3 m de altura, ya en forma de arbusto, en la que alcanza hasta 40 cm; produce legumbres lineares de hasta 20 cm de largo, a veces cubiertas de pelillos, o semillas globosas variables</p> <p>4 Frijoles de la olla Los que se sirven con el caldo en que se cocieron</p> <p>5 Frijoles parados (Popular) Los de la olla</p> <p>6 Frijoles charros Los de la olla, cocidos con jitomate, cebolla y chorizo</p> <p>7 Frijoles maneados En Sonora, los refritos con queso y chile colorado</p> <p>8 Frijoles puercos Los que se fríen y preparan con algunos derivados del cerdo, como tocino, chorizo y chicharrón</p> <p>9 Echar frijoles (Popular) Lanzar indirectas o habladas: “En la boda se la pasó echándonos frijoles”</p> <p>fréjol – não foi encontrado registro.</p>
<p>poroto</p> <p>Del quechua <i>purutu</i>.</p> <p>1. m. Arg., Bol., Chile, Ec., Par., Perú y Ur. judía (II planta). 2. m. Arg., Bol., Chile, Ec., Par., Perú y Ur. judía (III semilla). 3. m. Bol., Col., Ec., Par., Perú y Ur. Guiso que se hace con porotos.</p> <p>4. m. y f. coloq. Chile. niño (II persona que está en la niñez).</p>	<p>poroto - não foi encontrado registro.</p>
<p>judía</p> <p>Quizá de <i>judío</i>.</p> <p>1. f. Planta herbácea anual, de la familia de las papilionáceas, con tallos endebles, volubles, de tres a cuatro metros de longitud, hojas grandes, compuestas de tres hojuelas acorazonadas unidas por la base, flores blancas en grupos axilares, y fruto en vainas aplastadas, terminadas en dos puntas, y con varias semillas de forma de riñón. Se cultiva en las huertas por su fruto, comestible, así seco como verde, y hay muchas especies, que se diferencian por el tamaño de la planta y el volumen, color y forma de las vainas y semillas.</p>	<p>judía - não foi encontrado registro.</p>

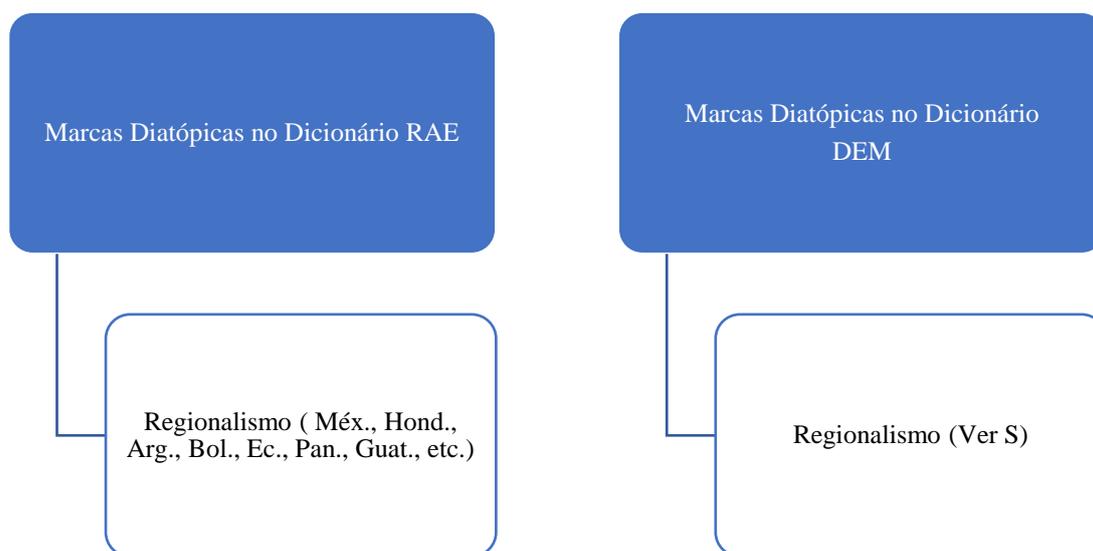
<p>2. f. Fruto de la judía.</p> <p>3. f. Semilla de la judía.</p> <p>4. f. En el juego del monte, cualquier naipe de figura.</p> <p>5. f. Ter. avefría</p>	
<p>alubia</p> <p>Del ár. hisp. allúbya, este del ár. clás. lúbiyā', y este del persa lubeyā.</p> <p>1. f. judía (planta).</p> <p>2. f. judía (fruto).</p> <p>3. f. judía (semilla).</p>	<p>alubia</p> <p>s.f</p> <p>1 Planta anual de la familia de la leguminosas, del género <i>Phaseolus</i>, de tallos delgados, erguidos o volubles; hojas compuestas de tres folíolos en forma de corazón y flores generalmente blancas que brotan en racimos; su fruto es una legumbre comestible que contiene varias semillas blancas en forma de riñón; se cultiva por sus frutos y, en particular, por sus semillas; frijol blanco</p> <p>2 Fruto o semilla de esta plata: <i>caldo con alubias</i></p>
<p>cacahuete</p> <p>Del náhuatl cacáhuatl.</p> <p>1. m. Planta papilionácea anual procedente de América, con tallo rastrero y veloso, hojas alternas lobuladas y flores amarillas. El fruto tiene cáscara coriácea y, según la variedad, dos a cuatro semillas blancas y oleaginosas, comestibles después de tostadas. Se cultiva también para la obtención del aceite.</p> <p>2. m. Fruto del cacahuete</p> <p>cacahuete</p> <p>1. m. Hond. y Méx. cacahuete.</p> <p>2. m. Hond. y Méx. Persona o cosa insignificante o de poco valor.</p>	<p>Cacahuete – não foi encontrado registro</p> <p>cacahuete</p> <p>s.m</p> <p>1 (<i>Arachis hipogaea</i>) Planta herbácea leguminosa de unos 40 cm de altura, flores amarillas y tallos vellosos. Es originaria de América y se cultiva en climas templados y subtropicales</p> <p>2 Fruto de esta planta que se desarrolla bajo la tierra y consiste en una vaina de cáscara dura y quebradiza, con 2 o 3 semillas oleaginosas en su interior, las cuales se tuestan y se comen como golosinas. El aceite de las semillas se utiliza para elaborar margarina, jabones, lubricantes y cosméticos</p> <p>3 <i>No valer un cacahuete</i> No valer nada</p> <p>4 <i>Importarle un cacahuete</i> Importarle a alguien poco algo: “<i>Me importa un cacahuete lo que digan</i>”</p>
<p>Maní</p> <p>Voz taína.</p> <p>1. m. cacahuete.</p>	<p>Maní – não foi encontrado registro</p>

4.2.1 Considerações sobre os dados

As obras mencionadas acima, diferentemente dos outros dicionários apresentados nesta análise, são versões *online*. A vantagem desse tipo de publicação é o fácil acesso dos usuários, visto que na atualidade são os mais recorridos. Ademais, como não há

problema de espaço, o número de informações adicionais pode ser ampliado. A desvantagem é que o consulente poderá se deparar com situações como a falta de Internet, que não permitiria o acesso à rede e, conseqüentemente, ao dicionário. Considera-se, ainda, a difícil realidade de populações periféricas que não possuem acesso à Internet e outros recursos importantes. Quanto às análises, a figura abaixo demonstra a forma como o registro da MD é apresentado nas duas obras:

Figura 10: Marcas Diatópicas no RAE e DEM



Fonte: Elaboração própria

O dicionário ERA, como mencionado na *front matter*, possui um caráter normativo e se compromete com um espanhol standard. Nesse sentido, de acordo com Seco (2003), uma das críticas a esse dicionário é justamente essa normatividade, seu prescritivismo linguístico que pode soar como uma forma de menosprezo às diferentes variantes que a língua espanhola possui.

A Real Academia Espanhola, criada no México em 1951, representa a integração das 22 academias de língua castelhana no mundo e ajuda a estabelecer a norma do espanhol. A ERA conta com a colaboração da associação de academias da língua espanhola (ASALE). Logo, alcançou esse *status* ao longo do tempo e sua normatividade não é arbitrária.

Nas análises das lexias investigadas encontramos registros de 80 marcas diatópicas. As MD nesse dicionário são representadas por meio de abreviaturas inseridas antes da definição, como a maioria dos outros dicionários, mas também, possui algumas

marcas descritas por extenso. Seu diferencial é o fato de seu formato permitir o consulente ter uma interação com as abreviaturas e, ao colocar o mouse em cima das MD, mostrará por extenso o que a marca significa. Assim, não será necessário que o consulente recorra às abreviaturas para compreender seu significado.

O dicionário DEM, por sua vez, apresenta registro de apenas uma MD no lema “Paloma”, acepção 4, por meio de (Ver S), indicando que é uma variante do Sul de Veracruz, cidade no estado de Veracruz, no México.

A falta de marcas diatópicas nesse dicionário justifica-se por ser uma obra que busca registrar o espanhol em uso no México. O DEM resulta de pesquisas sobre o vocabulário utilizado na República Mexicana desde 1921. Trata-se do resultado de pesquisa que tem sido realizada desde 1973, no Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios de El Colegio de México. Portanto, essa obra não aspira abarcar variantes de diferentes países que falam o espanhol. Isso justifica também a falta de registro de algumas unidades, como é o caso de *frutilla*, *sánduche*, *sándwich*, *bocata*, *cacahuete*, *cabrita*, *fréjol*, *poroto*, *judia* e *mani*.

Assim, esse dicionário, diferentemente dos outros analisados, possui uma perspectiva ainda mais restrita quando pensamos no registro microespacial, pois, o DEM, por contemplar o espanhol falado no México, apresenta as MD de um ponto de vista do interior do próprio país.

4.3 Dicionários escolares de língua portuguesa

Quadro 6: Informações da *front matter* e verbetes dos dicionários “*Novíssimo Aulete: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*” (AUL) e “*Dicionário Unesp do Português Contemporâneo*” (DUNP)

AUL (2011)	DUNP (2011)
<p align="center">Informações na <i>Front Matter</i></p>	<p align="center">Informações na <i>Front Matter</i></p>
<p>O “<i>Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa</i>”, mais conhecido como <i>Caldas Aulete</i>, é uma obra que foi publicada no ano de 2011 e que está presente no programa do PNLD- Dicionários. A obra foi classificada como de tipo 4 e é destinada a alunos do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio.</p> <p>Esse dicionário traz consigo uma grande tradição lexicográfica. Ao buscar uma representatividade legal, segue alguns parâmetros lexicográficos, a exemplo, a frequência de uso que foi registrada em <i>corpora</i> da língua portuguesa - grandes arquivos de textos da língua efetivamente em uso, considerando tanto os usos comuns como</p>	<p>O “<i>Dicionário Unesp do português contemporâneo</i>” é dirigido aos alunos do 1º e 3º ano do Ensino Médio (tipo 4). Esse dicionário objetiva ser um ponto de apoio para o professor em sala de aula. Estimula a pesquisa vocabular e faz uma reflexão sobre o uso da língua, pela observação do jogo de contextos dentro de cada verbete. Ademais, possui 283 ilustrações que enriquecem a explicação de algumas palavras que podem ser de difícil compreensão. A Introdução do DUNP vai da página VII a X e traz informações sobre os critérios utilizados para a constituição dos verbetes.</p>

<p>científicos e tecnológicos, de modo a contemplar o léxico geral e especializado.</p> <p>Nesse sentido, a seleção das entradas se fundamentou nos princípios básicos da Lexicografia Moderna, enfatizando: a) a frequência de uso dos vocábulos comuns e das locuções observadas em corpora; b) a observância de registros específicos (zoologia, botânica etc.) e de neologismos formais e tecnicismos; c) o registro de novos sentidos em vocábulos já existentes; d) a representatividade vocabular em relação ao falar comum e aos diferentes falares regionais do Brasil.</p> <p>A esses requisitos soma-se a preocupação com o consulente, visando adequação do padrão estrutural dos verbetes de modo a facilitar o bom aproveitamento da obra, sobretudo, o plano de ensino da língua portuguesa em níveis mais avançados de escolaridade. Com isso, esse dicionário objetiva ser uma ferramenta útil ao estudante do Ensino Médio e pré-universitário na sua ampla diversidade, além de também destinar-se ao público em geral.</p> <p>A <i>front matter</i> desse dicionário apresenta um guia de uso para o consulente, especificando como utilizar a obra. Em “Riqueza de Elementos Léxicos e de Contextualização”, na página 10, é assinalado que a abrangência, a acuidade e a clareza das informações sobre o significado das palavras têm como suporte, no dicionário, um grande acervo de informações suplementares que ampliam o campo semântico (sinônimos, locuções, expressões idiomáticas estrangeirismos, registro de origem ou de informação de vocábulo [etimologia] e esclarecem os diferentes usos, exemplos, abonações, indicação de contextos, tais como, os regionalismos, os níveis de uso e as áreas de conhecimento.</p> <p>Sobre as marcas de uso em “Indicação de Contexto” temos:</p> <p>“A boa percepção do uso de um vocábulo em determinada acepção está, muitas vezes, ligada à identificação do contexto em que esse uso se verifica. Este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos em sua ordem hierárquica: 11a) regionalismo indica quando a acepção é restrita ou a mais frequente em determinada área geográfica (especialmente, estados e regiões do Brasil, ou Brasil, ou Portugal, ou outro país lusófono; 11b) nível de uso da língua indica em que contexto (familiar, social, cronológico, etc.) a acepção tem curso, como, por exemplo, se é assim usada no âmbito da família (<i>fam.</i>), se pouco usada (<i>P.u.s.</i>) se é de uso popular (<i>pop.</i>), se é de uso pouco recomendável por ser a chula (<i>Tabu</i>) etc; 11c)</p>	<p>No que concerne às informações sobre as marcas de uso nas páginas iniciais, esse dicionário apresenta poucas explicações. Apenas informa que os chulismos e vulgarismos foram contemplados por sua alta frequência de uso na língua, mas sem contextualização quanto ao sentido do que seria realmente chulo porque para os autores é uma informação desnecessária e, nesses casos, foram rotulados como chulo, grosseiro, coloquial, popular e gíria. E que também se registram os regionalismos e os estrangeirismos que se conseguiram identificar. (BORBA, 2011, p. VIII).</p>
---	---

<p>rubrica indica em que área disciplinar, profissional, científica, etc. o vocábulo tem tal acepção, como, a astronomia, a física, a medicina, as artes plásticas etc. Todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as opções. São gravadas em abreviaturas, em <i>itálico</i>, com inicial maiúscula e seguidas de ponto. A lista das respectivas abreviaturas consta nas listas de rubricas e de usos e regionalismos, no fim de “como usar.” (GEIGER, 2011, p. XI, grifos do autor).</p> <p>Abaixo desses critérios, a obra apresenta o verbete <i>macaco</i>, a fim de exemplificar como essas informações estão dispostas ao longo da obra. Ademais, a obra expõe, na página XIII, uma lista para abreviações usadas no dicionário. Nessa lista, mais precisamente, no tópico Regionalismos, são apresentados os estados e regiões que a obra contempla.</p>	
Verbetes	Verbetes
<p>poncã (pon.cã) sm. Bras. Agr. Variedade de tangerina graúda e de casca frouxa, originária do Japão [F.: Do jap. <i>ponkan.</i>].</p>	<p>PONCÃ pon-cã (Jap) Sf variedade de tangerina, grande e de casca solta e enrugada, originária do Japão.</p>
<p>mexerica (me.xe.ri.ca) Bot. sf. 1 O mesmo que <i>tangerina</i> 2 O mesmo que tangerineira (F.: Dev. de <i>mexericar</i>. Hom./ Par.: <i>mexerica</i> (sf.), <i>.mexerica</i> (fl. de mexericar).]</p>	<p>MEXERICA me-xe-ri-ca Sf Tangerina</p>
<p>bergamota (ber.ga.mo.ta) sf. 1 Agr. Variedade de pera com muito sumo e aromática 2 RS. SC. Bot. O mesmo que tangerina 3 Bot. Designação comum a plantas de várias fam., esp. da fam. das labiadas 4 Bot. Árvore (<i>Citrus aurantium</i> subsp. <i>bergamia</i>) da fam. das rutáceas, de flores aromáticas e fruto em forma de pera. com casca fina, lisa e amarela; BERGAMOTEIRA 5 Bot. O fruto dessa árvore 6 Óleo essencial volátil extraído da casca desse fruto, muito us. em perfumaria [F.: Do turco beg armudi, pelo it <i>bergamoto</i>. Sin. Ger.: bergamota.]</p>	<p>BERGAMOTA ber-ga-mo-ta (<i>Ital</i>) Sf 1 tangerina 2 óleo volátil, muito usado em perfumaria, extraído da casca da tangerina.</p>
<p>tangerina (tan.ge.ri.na) sf. 1 Bot. O fruto da tangerineira; fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos; MANDARINA; MEXERICA; MIMOSA; BERGAMOTA] 2 Bot. O mesmo que tangerineira (<i>Citrus reticulata</i>) 3 CE Ent. Ver <i>libélula</i> [F.: Substv. do adj. fem. tangerina na expr. <i>tangerina de Tânger, do top. Tânger.</i>]</p>	<p>TANGERINA tan-ge-ri-na Sf fruto semelhante à laranja, de sabor mais ácido e de cor mais escura, com casca grossa e rugosa que se desprende facilmente dos gomos. ☉Redução de laranja tangerina, isto é, de Tânger; cidade do Marrocos. Outros nomes ocorrentes na língua escrita: bergamota, mexerica, laranja-cravo.</p>
<p>mandioca (man.di.o.ca) sf. 1 Bras. Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são us. para fazer farinha, mesa e como ração animal (os tubérculos, quando crus, são venenosos por conterem ácido cianídrico, o qual é destruído no processo de lavagem, cozimento e torrefação);</p>	<p>MANDIOCA man-di-o-ca (<i>Tupi</i>) Sf 1 arbusto tropical de caule fino, folhas em hastes e em foma de dedos, flores pequenas e amarelas, de raiz comestível e muito nutritiva 2 a raiz dessa planta, de casca grossa e tubérculo carnoso de cor branca: <i>O restaurante servia mandioca em todas as modalidades: frita, cozida, em forma de bolinhos etc.</i></p>

<p>MACAXEIRA; MANDIOCA-BRAVA 2 Bot. Tubérculo dessa planta; MACAXEIRA MANDIOCA-BRAVA 3 Arbusto da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot palmata</i>), nativo do Brasil, tb. cultivado pelos tubérculos, semelhantes aos da sp. <i>M. esculenta</i>, porém não venenosos; AIPIM; MACAXEIRA; MANDIOCA-DOCE MANDIOCA-MANSA 4 Tubérculo dessa planta; AIPIM; MACAXEIRA; MANDIOCA-DOCE; MANDIOCA-MANSA <i>sm.</i> 5 Bras. BA <i>Pol. Hist.</i> Partido político conservador, existente no período da monarquia [F.: Do tupi <i>mandi'oka</i>.]</p>	
<p>aipim (a:i.pim) <i>sm.</i> Bot. O mesmo que <i>mandioca</i> [Pl.: -pins.] [F.: Do tupi <i>ai'pi</i>.]</p>	<p>AIPIM ai-pim (<i>tupi</i>) Sm (Reg: NE) Mandioca.</p>
<p>macaxeira (ma.ca.xei.ra) <i>sf.</i> N.E. Bot. Ver mandioca (1 e 3) [F.: Do tupi <i>maka'sera</i>.]</p>	<p>MACAXEIRA ma-ca-xei-ra (<i>tupi</i>) Sm (Reg: NE) Mandioca; aipim.</p>
<p>abóbora (a.bó.bo.ra) <i>sf.</i> 1 Bot. Fruto da aboboreira, de polpa comestível, ger. de tom alaranjado ou avermelhado; JERIMUM; JERIMU 2 Bot. O mesmo que aboboreira 3 Bras. <i>Ent.</i> Borboleta do gên. Eueides, da fam. dos ninfalídeos, cujas asas apresentam um colorido intenso de tons alaranjados pretos e amarelos 4 <i>Fig.</i> Pop. Mulher gorda 5 Pop. A cabeça (parte do corpo) sm. 6 A cor da polpa da abóbora s2g 7 Indivíduo brando, mole, fraco, sem resolução a2g2n. 8 Que é da cor do fruto da abóbora (camiseta <u>abóbora</u>; vestido <u>abóbora</u>; casacos <u>abóbora</u>) 9 Diz-se dessa cor: <i>Um vestido de cor abóbora</i>. [F.: De or: incerta; posv. do lat. hispanico <i>apopores</i>.]</p>	<p>ABÓBORA a-bó-bo-ra (Or duv) Sf 1 fruto grande, de cor amarelo avermelhada, casca dura, polpa amarela 2 aboboreira: <i>As ramas da abóbora cobriram parte do quintalzinho.</i> ☼ Associado a um S indica a cor amarelo avermelhada e é invariável: <i>Lola me comprou duas saias abóbora.</i></p>
<p>jerimum (je.ri.mum) N. NE. Bor <i>sm.</i> 1 O mesmo que abóbora; MORANGA 2 O mesmo que aboboreira 3 O mesmo que moranga [Pl.: Do tupi <i>yuru'm u</i>.]</p>	<p>JERIMUM je-ri-mum (<i>Tupi</i>) Sm (Reg: NE) abóbora.</p>
<p>Juju – Não foi encontrado registro</p>	<p>JUJU – Não foi encontrado registro</p>

<p>Laranjinha (la.ran.ji.nha) sf. 1 Laranja pequena 2 <i>Ant.</i> Espécie de brincadeira popular. Esp. nos carnavais cariocas antigos, em que bolas de cera cheias de água perfumada eram atiradas por foliões, uns nos outros [essa diversão permaneceu até o surgimento das ampolas de lança perfume.] 3 Bras. Aguardente de cana aromatizada com casca de laranja 4 Bras. Bot. Variedade de laranjeira típica do Pantanal (<i>Pouteria glomerata</i>), muito conhecida pelos pescadores, que usam seus frutos para pescar pacu 5 Bot. Arvore (<i>Polygala klotzschii</i>) das poligaláceas, nativa do Brasil; tb. limãozinho (CE), catuaba-de-espinho (MA) 6 Bot. Arvore rutáceas (<i>Zanthoxylum petiolare</i>); tb. pau-barrão (PE), mamica-de-cadela (RS) 7 Bot. Arvore rutáceas (<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>). Tb. espinho-de-vintém, mamica-de-porca, tambatarão (S.E. e S.) do Brasil 8 Bot. Arvore rutáceas (<i>Zanthoxylum stelligerum</i>). Tb. umbuzeiro-brabo (PI, PE), laranjeira-braba (BA), jurubeba-de-chapada (PI) 9 Bot. Planta herbácea solanácea (<i>Solanum pseudocapsicum</i>). Tb. ginjeira-da-terra (CE) 10 Bor. Arbusto espinhoso (<i>Zanthoxylum tingoussuiba</i>). com vários usos na medicina popular; tb. tinguaciba 11 <i>Pop.</i> P. us. Bomba explosiva, do tamanho e formato de uma laranja 12 <i>Lus.</i> Esp. Mesa de jogo, tb. chamada bilhar russo [F.: <i>laranja + -inha</i>]</p>	<p>LARANJINHA¹ la-ran-ji-nha Sf aguardente feita de cana e aromatizada com casca de laranja: <i>Tomou um trago de laranjinha.</i></p> <p>LARANJINHA² la-ran-ji-nha Sm (<i>Coloq</i>) comerciante que vende suco de laranja fresco: <i>Parte da produção de laranjas vai diretamente para os laranjinhas.</i></p>
<p>sacolé (sa.co.lé) sm. 1 Bras. Pop. Picolé em saquinho plástico 2 <i>Gír</i> Drog. Pequeno saco plástico com droga entorpecente [F.:Cruz. de saco e picolé.]</p>	<p>SACOLÉ as-co-lé Sm (<i>Gír</i>) entre os traficantes, embalagem plástica com cerca de um grama de cocaína.</p>
<p>pinha (pi.nha) sf. 1 Bot. Fruto dos pinheiros e de outras gimnospermas 2 Bot. Nome comum a diversos frutos da fam. das anonáceas, extensivo às plantas; ATA; FRUTA-DE-CONDE 3 Bot. Ver fruta-do-conde 4 Bot. Ver graviola. 5 Qualquer objeto semelhante ao fruto dos pinheiros 6. <i>Fig.</i> Aglomeração de pessoas ou coisas: pinha de gente. pinha de cocos. 7 Bordado nas laterais externas das meias 8 <i>Mar.</i> Entrelaçamento no chicote dos cabos para impedir. que escapem ou para adorná-los [F.: Do lat. pinea. Ideia de 'pinha': <i>pin(i)- (pinífero), Pinh-(pinhiforme).</i>]</p>	<p>PINHA pi-nha Sf 1 fruto do pinheiro e de outras coníferas: <i>Eu me lembro dos pés de pinha.</i> 2 fruta-do-conde: <i>Lá há uvas que produzem um bom vinho. Além de melancias, pinhas e mamões saborosos.</i></p>
<p>ata¹ (a.ta) sf. 1 Registro escrito do que ocorreu em uma sessão, convenção, assembleia etc. (ata da assembleia 2 Registro escrito de obrigação assumida por alguém. corpo coletivo, instituição etc.: <i>Foi lida a ata da doação do terreno.</i> 3 <i>Fig.</i> Relato, narrativa, crônica [F.: Do lat. Acta, orum. Hom./Par.: ata (sf.), ata (fl. de atar); atas(sfpl.), ata. (fl. de atar).]</p> <p>ata² (a.ta) sf. 1 Bot. O mesmo que fruta-do-conde 2 O mesmo que coração-de-boi 3 O mesmo que graviola (F.: De or: contrv.)</p> <p>ata³ (a.ta) sf. Denominação comum às formigas do gên. Atta, da fam. dos formicídios, popularmente</p>	<p>ATA¹ a-ta Sf documento em que se relata reunião ou evento.</p> <p>ATA² a-ta Sf fruta-do-conde.</p>

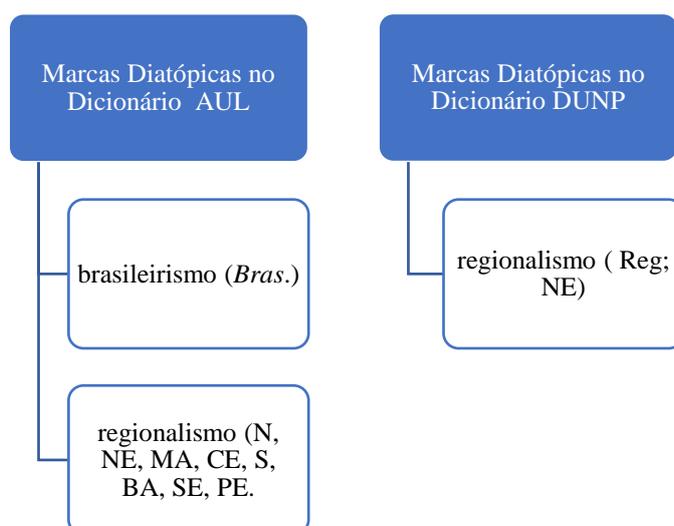
conhecidas como saúvas [F.: Do lat. Cient. Gên. <i>Atta.</i>]	
fruta-de-conde (fru.ta-de-con.de) <i>Bot. sf. 1</i> Arvoreta da fam. das anonáceas (<i>Annona squamosa</i>), nativa da América tropical, de fruto sincárpico adocicado muito apreciado; ANONEIRA; ATEIRA; PINHEIRA 2 Esse fruto, de polpa branca e macia, com sementes pretas (Pl.: <i>frutas-de-conde.</i>) [F.: Dizem que seu nome se deve ao fato de a fruta ter sido introduzida no Brasil pelo conde de Miranda. Sin. ger.: ata, pinha, anona.	FRUTA-DO-CONDE fru-ta-do-com-de Sf 1 fruto de casca amarelo-esverdeada coberta de escamas carnosas, polpa branca, aquosa, mole, adocicada e farinácea 2 árvore que dá esse fruto.

4.3.1 Considerações sobre os dados

Como já descrito, as duas obras mencionadas acima (AUL e DUNP) fazem parte dos acervos distribuídos nas escolas pelo PNLD/MEC 2012, e, de acordo com os critérios pré-estabelecidos à época da seleção dos dicionários, foram categorizados em quatro tipos, considerando o consulente, o nível de escolaridade, o volume de informações, dentre outros elementos que podem constituir um dicionário.

No caso do AUL e DUNP, ambos fazem parte das obras categorizadas como tipo 4. A escolha neste estudo se justifica pelo fato de essas obras serem mais próximas à quantidade de verbetes de um dicionário padrão, além de serem voltadas para os alunos do último seguimento escolar e também se dirigir a um público geral. A figura abaixo ilustra como é registrada a MD nas obras mencionadas:

Figura 11: Marcas Diatópicas no AUL e DUNP



Fonte: Elaboração própria

No que concerne às lexias investigadas, o AUL apresenta registros de 25 MD. O dicionário DUNP por sua vez, apresenta 3 registros de MD. Não encontramos nas duas obras a entrada “juju”.

4.4 Dicionários gerais de língua portuguesa

Quadro 7: Informações da *front matter* e verbetes dos dicionários “*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*” (HOU) e “*Dicionário da Língua Portuguesa*” (AUR)

HOU (2009)	AUR (2010)
<p>Informações na <i>Front Matter</i></p> <p>O “<i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>” apresenta, em suas primeiras páginas, informações gerais sobre as edições do dicionário e como utilizá-lo.</p> <p>No que tange às informações sobre as marcas de uso, na página XVIII, em “<i>Elementos periféricos</i>” há as indicações suplementares que o dicionário fornece sobre a natureza, emprego e outras características das unidades léxicas que define, assim como, de suas acepções. Elemento periférico é tudo aquilo que não seja a entrada e o seu significado, por exemplo, a classe gramatical, adaptação à etimologia, as informações de uso, o nível de uso, ortoepia, as rubricas temáticas, a sinonímia etc. Além da classe gramatical e da datação, acima referidas, os elementos periféricos cuja informação esse dicionário traz no campo do conteúdo incluem a <i>derivação semântica</i>, as <i>rubricas</i> temáticas, os dados acerca de <i>regionalismo</i>, <i>nível de uso</i>, <i>estatísticas de emprego</i> e <i>registro diacrônico</i>. Tais elementos, que são de natureza diferente e percebem sempre o texto da definição, podem aparecer isolados ou combinados no verbete, neste caso na seguinte ordem: classe gramatical, datação, derivação semântica (e a acepção restritiva freq.), rubrica temática, regionalismo, nível de uso, estatísticas de emprego e registro diacrônico.”</p> <p>Nas páginas XVIII e XIX, no tópico 10, há informações sobre as marcas diatópicas:</p> <p>“A indicação de regionalismo recai sobre palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua e desconhecida das demais. É a informação sobre os limites geográficos da utilização de determinada unidade léxica ou acepção sua. Inclui:</p>	<p>Informações na <i>Front Matter</i></p> <p>O “<i>Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i>” apresenta em sua <i>front matter</i> um prefácio contendo noções gerais sobre o que o consulente pode esperar desse dicionário. Logo após, há uma lista de abreviaturas, siglas e sinais convencionais que irão aparecer na microestrutura da obra. Essas informações foram dispostas em ordem alfabética. Dentre essas abreviaturas temos algumas que indicam como ocorrem os registros de marcação diatópica na obra, a exemplo: (<i>amer.</i> = americano(s), americana(s); americanismo(s) / <i>bras.</i> = brasileiro(s), brasileira(s); brasileirismo(s) / <i>Bras.</i> = brasileirismo/ S.E. = Sudeste/ N.E. = Nordeste/ N.O. = Noroeste/ O. Oeste/ etc. Além de combinações nos verbetes como <i>Bras. N.E</i> (brasileirismo do Nordeste), <i>Bras. S.E</i> (brasileirismo do Sudeste), <i>Bras. N. N.E</i> (brasileirismo do Norte e do Nordeste) além das que indicam português de Portugal como (<i>lus</i> = lusitano (s), lusitana(s), lusitanismo(s), Lus. Lusitanismo, P. = Portugal).</p> <p>Há também um formulário ortográfico contendo algumas instruções para a organização do vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, sendo algumas dessas instruções voltadas para a inserção das MD no dicionário.</p> <p>“O vocabulário ortográfico da língua portuguesa terá por base o vocabulário ortográfico da língua portuguesa da academia das ciências de Lisboa, edição de 1940, consoante a sugestão do Sr. Ministro da Educação e Saúde, aprovada unanimemente pela academia Brasileira de letras, em 29 de janeiro de 1942. Para a sua organização se obedecerá rigorosamente aos seguintes itens:</p> <p>1º - Inclusão de brasileirismos consagrados pelo uso.</p>

<p>a) os estados do Brasil: AC Acre, RO Rondônia, AM Amazonas, PR Paraná etc., segundo uso convencional.</p> <p>b) brasileirismo B [dialeatismo vocabular ou semântico ou variante nacional, usado no Brasil inteiro ou em quase todo o Brasil ou no Brasil, sem localização determinada por insuficiência de informação].</p> <p>c) lusismo P [dialeatismo vocabular ou semântico ou variante nacional, usado em todo Portugal ou em quase todo Portugal ou em Portugal, sem localização determinada, mas pertencendo ao nível geral da língua, ou seja, não um provincialismo (por exemplo, Trás-os-Montes TRM [...]).</p> <p>d) regiões geográficas, com a indicação do país a que se referem: P N E. Nordeste de Portugal, B N E Nordeste do Brasil, B C.O. Centro Oeste do Brasil etc. No caso de AMAZ Amazônia não se usou conjuntamente o B de Brasil, pela obviedade de tal registro.</p> <p>e) Outros países e regiões da área lusofônica [reduções: AÇOR Açores, açorianismo; ÍND Índia; ÁS Ásia, asiaticismo, asiaticismo; ÁFR África, africanismo; ANG Angola; MAD Ilha da Madeira; G-BS Guiné-Bissau; MOÇ Moçambique; CAB Cabo Verde; STP São Tomé e Príncipe; CHN China; TIM Timor Leste]. Essas indicações podem ser enriquecidas de localização geográfica mais minuciosa, quando disponível]: AÇOR (S. Miguel), Índ (Goa); CHN (Macau). Neste caso, a segunda informação vem entre parênteses e em itálico.</p> <p>Em 10.1 temos: “As siglas referentes aos regionalismos brasileiros organizaram-se, quando em conjunto numa mesma acepção, do Norte para o Sul e do Oeste para o Este (ou seja, Amazonas antes do Pará, este antes do Maranhão, Sergipe antes da Bahia etc.).</p>	<p>2° - Inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária.</p> <p>3° - Substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil, consoante a pronúncia e a morfologia consagradas.</p> <p>4° - Fixação da grafia de vocábulos cuja etimologia ainda não está perfeitamente demonstrada, consignando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.</p> <p>5° - Fixação das grafias de vocábulos sincréticos dos que têm uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos um a par do outro, de maneira que figura em primeira plana, como preferível, o uso mais generalizado.</p> <p>6° - Evitar duplicidade gráfica ou prosódica de qualquer natureza, dando-se a cada vocábulo uma única forma, salvo se nele há consoante que facultativamente se profira, ou se há mais de uma pronúncia legitimada pelo uso ou pela etimologia, casos em que se registaram as 2 formas, uma em seguida à outra, colocando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado</p> <p>7° - Registro de um significado ou da definição de todos os vocábulos homófonos não homógrafos, bem como, dos homógrafos heterofônicos, mas não dos homógrafos perfeitos - fazendo-se remissão de um para outro.</p> <p>8° - Registro, entre parênteses, da vogal ou sílaba tônica de todo e qualquer vocábulo cuja pronúncia é duvidosa, ou cuja grafia não mostra claramente a sua ortoepia; não sendo, porém, indicada a sílaba tônica dos infinitos dos verbos, salvo se forem homógrafos heterofônicos.</p> <p>9° - Registro, entre parênteses, do timbre da vogal tônica de palavras em aceito diacrítico, bem como da vogal da sílaba pretônica ou postônica, sempre que se faça mister, especialmente, quando há metafonía, tanto no plural dos nomes e adjetivos quanto em formas verbais. Não será indicado, porém, o timbre aberto das vogais <i>e</i> e <i>o</i> nem o timbre fechado dos vocábulos compostos ligados por hífen.</p> <p>10° - Fixação dos femininos e plurais irregulares, que serão inscritos em seguida ao masculino singular.</p> <p>11° - Registro de formas irregulares dos verbos mais usados em <i>ear</i> e <i>iar</i>, especialmente das do presente do indicativo, no todo ou em parte.</p> <p>12° - Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados graficamente de acordo com a ortoepia usual da Brasileira e sempre seguidos da indicação da categoria gramatical a que pertencem.” (p. XXV).</p>
Verbetes	Verbetes
<p>poncã <i>s.m.</i> AGR variedade de tangerina, grande e de casca frouxa, originária do Japão ☉</p>	<p>poncã S. m. <i>Bras.</i> Tipo de tangerina originária do Japão, hoje cultivada no Brasil, sobretudo em São</p>

<p>GRAM/USO empr. Tb. Apositivamente ☉ ETIM jap. <i>Ponkan</i>.</p>	<p>Paulo, por japoneses, e que se caracteriza pelas dimensões avantajadas e casca muito frouxa.</p>
<p>mexerica <i>s.f.</i> (sXX) ANGIOS 1 m.q TANGERINA (‘fruto’) 2 m.q TANGERINEIRA (<i>citrus reticulata</i>) 3 m.q LOUREIRO-DE-JARDIM (‘designação comum’) 4 m.q PIXIRICA (<i>clidemia hirta</i>) ☉ ETIM regr. de <i>mexericar</i> ☉ HOM <i>mexerica</i> (fl.<i>mexericar</i>).</p>	<p>mexerica [De <i>mexerico</i>.] <i>S. f.</i> Bras. MG RJ SP V. <i>tangerina</i>.</p>
<p>bergamota <i>s.f.</i> (a1608) 1 AGR variedade de pera sumarenta 2 ANGIOS design. Comum a plantas odoríferas de várias fam., esp. Da fam. Das labiadas 3 ANGIOS pequena árvore (<i>citrus aurantium</i> subespécie <i>bergamia</i>) da fam. Das rutáceas, de flores muito aromáticas e fruto piriforme com casca fina, lisa e amarela; bergamoteira 4 ANGIOS o fruto dessa árvore 5 PRFM óleo essencial volátil, amarelo-esverdeado ou pardacento, extraído da casca desse fruto, esp. us. Em perfumaria 6 ANGIOS SC RS m.q TANGERINA (‘fruto’) ☉ GRAM/USO na acp. 1, empr tb apositivamente ☉ ETIM it. bergamoto ‘id.’, fem. <i>bergamota</i> ‘variedade de pera’, do tur. <i>beg armudi</i> ‘pera do bei, pera do príncipe’ ☉ SIN/VAR <i>vergamota</i></p>	<p>bergamota [Do turco <i>beg armudi</i>, ‘pera do príncipe’, pelo it. <i>bergamota</i>.] <i>S. f. Bot.</i> 1. Certa pera sumarenta. 2. Bras. SC RS V. <i>tangerina</i>. [Var.: <i>vergamota</i>.]</p>
<p>tangerina <i>s.f.</i> (1844) 1 ANGIOS fruto da tangerineira; bergamota, laranja-cravo, laranja-mimososa, mandarina, mexerica, mimosa, tangerina-cravo, tangerina-do-rio, vergamota 2 ANGIOS m.q. TANGERINEIRA (<i>citrus reticulata</i>) 3 ENT CE m. q. LIBÉLULA ☉ ETIM da expr. (<i>laranja</i>) <i>tangerina</i>, fem. De ‘<i>tangerino</i></p>	<p>tangerina [De (laranja) <i>tangerina</i> (v. <i>tangerino</i>?).] <i>S. f.</i> O fruto da tangerineira. [Sin., em regiões diversas do Brasil: bergamota ou vergamota, laranja-cravo, laranja-mimososa, mandarina, mexerica e mimosa.]</p>
<p>mandioca <i>s.f.</i> (1549) 1 ANGIOS arbusto (<i>manihot esculenta</i>) da fam. das euforbiáceas, nativo da América do Sul, de folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas muito semelhantes às do aipim e também ricas em amido e de largo emprego na alimentação embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca farinha d’água e ração animal 2 ANGIOS raiz dessa planta 3 ICT B m. q. TIRAVIRA (<i>percophis brasiliensis</i>) ♦ <i>s.m.</i> BA 4 determinado partido político conservador existente na monarquia 5 adepto a esse partido ♦ render que só m. de várzea <i>fraseol.</i> AL não ter fim; ser interminável ☉ ETIM tupi <i>mandi’oka</i> ‘id’. ☉ SIN/VAR nas acp. 1 e 2: aipi, aipim, castelinha, ipim, macamba, macaxeira, macaxera, mandioca-brava, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, mucamba, pão-de-pobre, tapioca, uaipi ☉ COL mandiocal</p>	<p>mandioca [Do tupi.] <i>S. f.</i> Bras. 1. <i>Bot.</i> Planta euforbiácea (<i>Manihot utilíssima</i>) cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, mas da qual há espécies venenosas. 2. <i>Bot.</i> O tubérculo dessa planta. [Sin., nessas acepçs.: aipi, aipim, castelinha, uaipi, macaxeira, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre.] • S. m. 3. Bras, BA Certo partido político conservador, na monarquia. 4. Bras, BA Adepto desse partido. ♦ Render que só mandioca de várzea. Bras. AL Fam. Não cessar; ser interminável: Aquela conversa está <i>rendendo que só mandioca de várzea</i>.</p>
<p>aipim¹ <i>s.m.</i> (a1576) 1 ANGIOS arbusto de até 4 m (<i>manihot palmata</i>, dar funk ponto das euforbiáceas de folhas partidas pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; macaxeira, macaxeira, mandioca-doce, mandioca-mansa [Nativo do Brasil, é muito semelhante à mandioca (<i>Manihot esculenta</i>) e tb. cultivado, com inúmeras variedades pelas raízes tuberosas de elevado teor</p>	<p>aipim [Do tupi.] <i>S. m.</i> Bras. <i>Bot.</i> 1. Arbusto euforbiáceo (<i>Manihot esculenta</i>) de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; tem grande valor alimentício. 2. V. <i>mandioca</i> (1 e 2).</p>

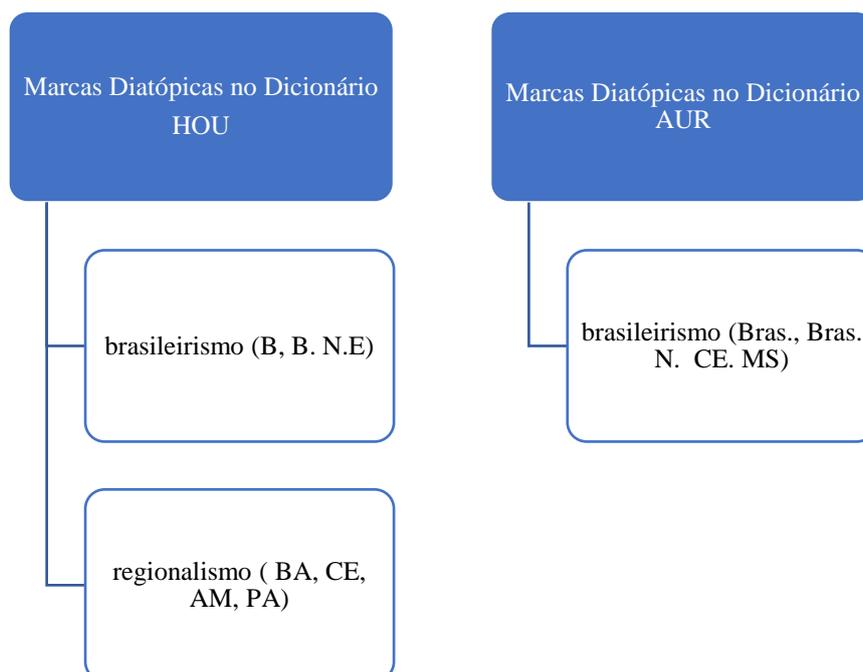
<p>alimentício e ger. menos venenosas.] 2 ANGIOS raiz dessa planta consumida frita assada ou cozida e de que tb. se fazem doces e bolos macaxeira, mandioca, mandioca-mansa 3 ANGIOS m. q. MANDIOCA (<i>Manihot esculenta</i>, 'raiz') 4 ICT m. q. TIRAVIRA (<i>percophis brasiliensis</i>) ⊖ ETIM tupi <i>ai'pi</i> 'o que nasce ou brota do fundo' SIN/VAR nas acp. 1, 2, 3: aipi, aimpim, impim, ipim</p> <p>aipim² <i>s.m.</i> ICT red. De CAVALA-AIPIM (<i>acanthocybium solandri</i>)</p>	
<p>macaxeira <i>s.f.</i> (1608) ANGIOS B N B N.E. 1 m. q. MANDIOCA (<i>manihot esculenta</i> 'raiz') 2 m. q. ¹ AIPIM (<i>manihot palmata</i> 'raiz') ⊖ ETIM tupi <i>maka'xera</i> 'mandioca mansa, 'aipim' ⊖ COL macaxeiral, macaxeral</p>	<p>macaxeira [Var. de <i>macaxera</i>.] <i>S.f.</i> Bras. N. N.E. Bot. V. mandioca (1 e 2): □ "no meio do bosque abrírei um roçado que nos há de dar farinha, <i>macaxeira</i>, feijão" (Franklin Távora, O Cabeleira, p. 232).</p>
<p>abóbora <i>s. f.</i> ANGIOS fruto de qualquer aboboreira, esp. os das variedades da abóbora-menina (<i>cucubita máxima</i>), com polpa comestível, ger. De um tom entre alaranjado e o vermelho e os das variedades da abóbora-moranga (<i>cucubita pepo</i>), da chila (<i>cucubita ficifolia</i>) e da abóbora-cheirosa (<i>C. moschata</i>); as sementes tb. são comestíveis, freq.. assadas e salgadas; abobra, jerimu, jerimum 2 ANGIOS m. q. ABOBOREIRA 3 ENT E design. Comum a algumas spp. De borboletas do gên. <i>Eueides</i>, da fam. dos ninfalídeos, que apresentam asas com desenhos alaranjados, pretos e amarelos 4 <i>infrm. Joc.</i> Cabeça humana; quengo ❖ <i>s.m.</i> 5 a cor do fruto da aboboreira ■ <i>adj. 2g. 2n.</i> 6 que tem a cor da abóbora ('fruto') 7 diz-se dessa cor ⊖ ETIM orig. div. ⊖ COL aboboral ⊖ PAR <i>abóbora</i> (fl. Aboborar)</p>	<p>abóbora [Do lat, - hisp. Apopores, poss.] <i>S.f.</i> Bot. Nome comum aos frutos comestíveis da aboboreira. [Sin. (no N. e N.E.): <i>jerimum</i>.] 2. Bot. V. aboboreira 3. <i>Fig.</i> Mulher gorda. 4. <i>Gír.</i> A cabeça. 5. Bras. <i>Zool.</i> Borboleta diurna, heliconídea, gênero <i>Eucides</i>, com asas de cores vivas sobre fundo escuro. • S.2 g. 6. <i>Fig.</i> Pessoa irresoluta, preguiçosa, fraca. • S. m. 7. A cor da abóbora: <i>O abóbora e o azul ficam-lhe muito bem.</i> 8. Roupas abóbora (9): <i>F. estava</i></p>
<p>jerimum <i>s.m.</i> (1899) ANGIOS B N B N.E. 1 m. q. ABÓBORA ('fruto') 2 m. q. ABOBOREIRA 3 m. q. ABÓBORA-MORANGA (<i>Cucurbita pepo</i>, 'fruto') ⊖ ETIM tupi <i>yuru'mû</i> 'fruto do jerimuzeiro'</p>	<p>Jerimum [Var. de jerimu.] <i>S. m.</i> Bras.N. N.E. Bot. V. abóbora (1). 2. V. aboboreira. 3. V. abóbora-moranga.</p>
<p>Juju – não foi encontrado registro</p>	<p>Juju – não foi encontrado registro</p>
<p>laranjinha <i>s. f.</i> (1881) 1 pequena laranja 2 ANGIOS árvore de até 20 m (<i>guatteria citriodora</i>), da fam. das anonáceas, nativa do Brasil (AM, PA), cuja casca recende à folha de laranjeira, folhas oblongolanceoladas, flores hermafroditas e bagas estipitadas; laranjeirinha 3 ANGIOS CE m.q. ESPINHO-DE-VINTÉM (<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>) 4 ANGIOS CE m.q. GINJEIRA-DA-TERRA (<i>Solanum pseudocapsicum</i>) 5 ANGIOS m. q. LIMÃOZINHO (<i>Poygala Klotschii</i>) 6 ANGIOS m.q. TINGUACIBA (<i>Zanthoxylum tingoassuiba</i>) 7 B cachaça aromatizada com casca de laranja 8 B N.E. m. q. LIMÃO DE CHEIRO ⊖ ETIM <i>laranja+ -inha</i></p>	<p>laranjinha [De laranja + -inha] <i>S.f.</i> Bras. Bot. V. espinho-de-vintém. 2. Bras. Aguardente de cana perfumada com casca de laranja: □ "Os copos não demoravam vazios, e Paulo já começava a sentir-se atordoado quando, ao fim do jantar, Mamede foi....buscar a <i>laranjinha</i>."(Coelho Neto, Turbilhão, pp. 130-131.) 3. Bras. N.E. V. limão de cheiro.</p>
<p>sacolé <i>s.m.</i> (sXX) B 1 espécie de sorvete feito de água e xarope ou sumo de fruta, que se congela dentro de um saquinho plástico, produzindo um</p>	<p>sacolé [Cruz. De sac com picolé.] <i>S. m.</i> Bras. 1. Picolé vendido dentro de saco plástico. 2. <i>Gír.</i> Saco plástico com pequena quantidade de droga (4).</p>

<p>picolé sem pauzinho 2 <i>dgr.</i> pequeno saco plástico com droga ('entorpecente') ☉ ETIM cruzamento de <i>saco</i> e <i>picolé</i></p>	
<p>pinha <i>s.f.</i> (1132) 1 MORF. BOT. <i>Infm.</i> Estróbilo de diversasgmnospermas, esp. O dos pinheiros; cone 2 <i>p.metf. (da acp 1)</i> ANGIOS de sign. Comum a várias árvores e arbustos da fam. das anonáceas e a seus frutos, pela semelhança de sua estrutura sincárpica, aglomerada em torno a um eixo, e de sua forma geral (sublobosa, bulbosa, côica ou cordiforme), como o estróbilo dos pinheiros, esp. O do pinheiro-do-paraná. 2.1 ANGIOS BA m. q. <i>ARACTIUM-PITALÁ</i> (<i>rollinia mucosa</i>) 2.2 ANGIOS BA m. q. <i>CORAÇÃO-DE-BOI</i> (<i>Annona reticulata</i>) 2.3 ANGIOS B.N.E m. q. <i>FRUTA-DO-CONDE</i> (<i>Annona squamosa</i>, 'fruto') 2.4 ANGIOS m. q. <i>ARATICUM GRANDE</i> (<i>Annona dioica</i>) 3 <i>p.ext.</i> algo semelhante ao fruto do pinheiro <há pinhas de louça sobre o balcão da casa> 4 ajuntamento de pessoas ou coisas; aglomeração 5 bordado nas laterais das meias 6 MAR laço no chicote de cabos para impedir que corram, ou como simples adorno ☉ ETIM lat. <i>Pinea,ae</i> 'pinha (fruto do pinheiro)'</p>	<p>pinha [Do lat. <i>Pinea</i>, 'pinha' (1).] <i>S. f</i> 1. O fruto geralmente cônico, do pinheiro e doutras coníferas. 2. O fruto da pinheira [v. <i>fruta-do-conde</i> (1).] 3. Bot. V. pinheira. 4. Bot. V. <i>coração-de-boi</i> (1). 5. Qualquer objeto semelhante à pinha (1): <i>pinha de cerâmica, de opalina</i>. 6. Babado nas partes laterais das meias. 7. Cacho ou magote de coisas ou pessoas: ☐ "quando, ao entrar numa praça, surgiram a seus olhos <i>pinhas</i> de povo..., Jana, mais sobressaltada, pensou em Joel" (Xavier Marques, Jana e Joel, pp. 133-134). 8. <i>Arquit.</i> Ornato que imita uma pinha (10, us, em arremates superiores de pilares, balcões, portões, e noutros motivos de coroamento (4). 9. <i>Marinh.</i> Entrelaçamento feito no chicote de um cabo com as extremidades dos cordões, para enfeite ou para impedir que o chicote escape de um olhal ou de um gorne de poleame, [recebe vários nomes, segundo a maneira como é feito: pinha singela, pinha dobrada, pinha de colhedor, pinha de boca, pinha de rosa, etc.]</p>
<p>¹ata <i>s.f.</i> (sXIII) 1 registro ou resenha de fatos ou ocorrências verificadas e resoluções tomadas numa assembleia ou numa reunião de corpo deliberativo ou consultivo de uma agremiação, associação, diretoria, congregação etc. {<i>livro de atas</i>} 2 registro escrito de uma obrigação contraída por alguém 3 <i>fig.</i> Relato, crônica ☉ ETIM lat. <i>Acta,ōrum</i> 'coisas feitas, obras, feitos, façanhas', pl. do neutro <i>actum,I</i> der. de <i>actus,a,um</i>, part.pas.lat. de <i>agere</i> 'fazer' ☉ PAR <i>atá</i>(s.m.)</p> <p>²ata <i>s.f.</i> (1745) ANGIOS 1 m.q. <i>FRUTA-DE-CONDE</i> (<i>Annona squamosa</i>, 'fruto') 2 m.q. <i>CORAÇÃO-DE-BOI</i> (<i>Annona reticulata</i>) 3 m.q. <i>GRAVIOLA</i> (<i>Annona cearenses</i>, <i>A. muricata</i>) 4 m.q. <i>ARATICUM-GRANDE</i> (<i>Annona dioica</i>) 5 m.q. <i>ARATICUM-PITAIÁ</i> (<i>Rollinia mucosa</i>) 6 o fruto dessas plantas ☉ ETIM orig.contrv. ☉ PAR ver ¹<i>ata</i></p> <p>³ata <i>s.f.</i> (sXX) ENT design. Comum às formigas do gên. <i>Atta</i>, da fam. Dos formicídeos, que reúne spp. Comedoras de fungo, restritas ao Novo Mundo; são as vulgarm. Conhecidas saúvas ☉ ETIM lat.cien.gên. <i>Atta</i>, sobre o lat. <i>atta</i> 'o que anda na ponta dos pés' (<gr.<i>átto</i>'saltitar') ☉ PAR ver ¹<i>ata</i></p> <p>fruta-do-conde <i>s.f.</i> ANGIOS m.q. <i>FRUTA-DO-CONDE</i> (<i>Annona squamosa</i>, 'fruto') ☉ GRAM pl.: <i>frutas-do-conde</i></p>	<p>ata¹ [Do lat. <i>Acta</i>, 'coisas feitas'.] <i>S. f</i> 1. Registro escrito no qual se relata o que se passou em uma sessão, convenção, congresso, etc.: <i>ata da convenção dos advogados</i>. 2. Registro escrito de uma obrigação contraída por alguém: <i>O escrivão leu a ata da venda do apartamento</i>. 3. <i>Dir. Proc.</i> Registro escrito de uma audiência, de um julgamento etc.: <i>O relator leu a ata do processo</i>. 4. <i>Fig.</i> Relato, crônica. ~ V. <i>atas</i>.</p> <p>ata² [De or. Controversa.] <i>S. f</i> Bras. N. CE MS 1. O fruto da ateira [v. <i>fruta-do-conde</i> (1)]. 2. Bot. V. <i>coração-de-boi</i> (1). ~V. <i>atas</i>.</p> <p>ata³ [Do tax. <i>Atta</i>.] <i>S. f</i> Zool. I. Gênero de insetos himenópteros formicídeos 2. Qualquer espécie desse gênero, como p. ex., a saúva (q. v.). 3. Qualquer espécie desse gênero. ~V. <i>atas</i>.</p> <p>fruta-do-conde <i>S.f.</i> Bot. V. <i>fruta-do-conde</i>. [Pl.: <i>frutas-do-conde</i>.]</p>

4.4.1 Considerações sobre os dados

As obras acima são definidas como dicionários gerais de língua, isto é, são destinadas ao público geral e buscam contemplar o máximo possível do acervo linguístico de uma comunidade linguística. A figura a seguir ilustra o registro das MD nas obras apontadas:

Figura 12: Marcas Diatópicas no HOU e AUR



Fonte: Elaboração própria

Os dicionários Aurélio e o Houaiss se baseiam em um português supranacional, ou seja, não pretendem contemplar apenas o português de seu país de origem. Assim, as obras recorrem às marcas de uso B e Bras. para as acepções brasileiras e P e Lus, para as acepções portuguesas.

No que tange às análises, o dicionário HOU apresenta registros de 21 MD por meio de abreviaturas antes das definições e respectivas acepções. Há diferentes formas de marcação quando se refere a um brasileirismo, mas não se sabe a localidade exata se colocou B, quando é um brasileirismo, mas sabe-se onde a ocorrência é predominante B.N.E (brasileirismo do Nordeste), como podemos notar no verbete *laranjinha*. Há, também, a indicação de regionalismo sem a descrição de que se trate de um brasileirismo, como no caso de “BA” (Bahia).

O dicionário AUR, por seu turno, traz registros de 16 MD, muito semelhante à forma que o dicionário HOU apresenta, porém, ao invés de apenas colocar a letra “B”, o AUR opta por Bras. + a indicação de regionalismo. Ambas as obras não contemplam o verbete “juju”.

4.5 Considerações gerais sobre as análises

Nesta seção, apresentamos uma análise comparativa dos critérios lexicográficos adotados pelas obras selecionadas. Para tanto, considerando as questões que levantamos como norteadoras de nossa pesquisa, como forma de nos orientar quanto aos objetivos estabelecidos, temos:

- i) As marcas diatópicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? Se positiva a resposta, como elas são registradas?

Conforme as análises e reflexões realizadas, verificamos que todos os dicionários apresentam registros de MD, ainda que sejam diferentes os critérios de seleção que cada um adota.

O dicionário DEE registra as marcas diatópicas numa perspectiva macroespacial por meio de americanismos (Amér) e não contempla regionalismos. O registro de “frutilla”, por exemplo, contempla uma MD, mas como um americanismo, isto é, generaliza seu uso a todo o continente americano não especificando uma localidade mais precisa onde o uso é frequente, ainda que em sua *front matter* especifique que “algumas lacunas foram observadas, principalmente, no que diz respeito ao léxico do espanhol da América latina”. A esse respeito, entendemos que se refere à América latina quando se utiliza (Amér); ainda assim, a informação pode não ser tão aclarada para os consulentes, uma vez que grande parte deles não consultam as páginas iniciais das obras lexicográficas.

Portanto, uma maneira de amenizar esse problema seria adotar o registro de uma forma mais específica, como retrata o dicionário SAL em algumas acepções, trocando o registro de “AMÉR” por “AMÉR Del S;” (América do Sul), ainda que na entrada “frutilla” não tenha adotado esse procedimento. No caso do registro de “sánduche”, no dicionário DEE aparece como um americanismo; já no dicionário SAL é descrito como uma variante da Colômbia e Venezuela.

O SAL reconhece a problemática do registro das marcas de uso e explica que, “as vezes, se refere, de uma maneira imprecisa, a uma região hispano-americana, seja por tradição ou porque os dados disponíveis são imprecisos” (p. 10, tradução nossa).

O dicionário RAE contempla todas as variantes buscadas, pois registra o espanhol de diferentes localidades. Essa obra é a que traz mais registros de forma microespacial e isso pode ser justificado pelo fato de que esse dicionário tem um maior acesso a informações sobre o uso das lexias em diferentes localidades, pois conta com o apoio da ASALE.

O DEM, como já especificado, não objetiva apresentar variantes de outros países a não ser do México, porém, o registro das variantes diatópicas em seu próprio país poderia receber uma atenção maior, já que, ainda que haja algumas marcas, como no caso do verbete “paloma”, entrada II, acepção 4 (ver S) “Sul de Veracruz”, ainda é bastante escasso. Sobre o assunto, o DEM explica que,

Com base em vários estudos que realizamos sobre as diferenças no uso das palavras em nossa sociedade, distinguimos entre as palavras que são usadas em todo o país [...] que constituem nosso espanhol nacional mexicano, e aqueles que documentamos como sendo de uso majoritário em uma ou várias regiões do México, mas não em todas. Essas palavras fazem parte, portanto, de nossas variedades regionais, como, por exemplo, as do espanhol de Yucatán, do Nordeste ou de Veracruz. Foram os estudos do Atlas Lingüístico do México, dirigidos por Don Juan M. Lope Blanch no Colégio do México, que nos permitiram estabelecer os critérios para distinguir algumas regiões lingüísticas de outras, ainda que provisoriamente, pois ainda há um longo caminho conhecer as peculiaridades lingüísticas do espanhol em nosso país. Para indicar as áreas onde as palavras regionais foram registradas, introduzimos abreviaturas e marcas suficientemente claras para serem interpretadas sem esforço, além de listá-las na tabela de abreviaturas e marcas correspondente. Devemos alertar, no entanto, que tais indicações não pretendem afirmar que a palavra é usada ali e somente ali, mas apenas informar que localizamos o uso da palavra nessas áreas. (tradução nossa⁵⁶).

No que concerne aos dicionários de Língua Portuguesa, o dicionário AUL contempla seus registros como brasileirismos e como regionalismos, por meio de

⁵⁶ Con base en varios estudios que hemos realizado sobre las diferencias en el uso de las palabras en nuestra sociedad, distinguimos entre las palabras que se usan en todo el país [...] que constituyen nuestro español nacional mexicano, y las que documentamos como en uso mayoritario en una o varias regiones de México, pero no en todas. Estas palabras son, por tanto, parte de nuestras variedades regionales, como, por ejemplo, el español de Yucatán, Nordeste o Veracruz. Fueron los estudios del Atlas Lingüístico de México, dirigido por Don Juan M. Lope Blanch en el Colegio de México, los que nos permitieron establecer los criterios para distinguir unas regiones lingüísticas de otras, aunque sea provisionalmente, pues aún falta mucho camino por recorrer para conocer las peculiaridades lingüísticas del español en nuestro país. Para indicar las áreas donde se han registrado palabras regionales, hemos introducido abreviaturas y marcas lo suficientemente claras para que se interpreten sin esfuerzo, además de enumerarlas en la tabla de abreviaturas y marcas correspondiente. Sin embargo, debemos advertir que tales indicaciones no pretenden afirmar que la palabra se usa allí y solo allí, sino solo informar que hemos ubicado el uso de la palabra en estas áreas. (DEM, 2022).

abreviaturas como “Bras” e “(CE, PA, N, N.E, etc). O DUNP, por seu turno, elucida como regionalismos e a forma de registrá-los na microestrutura deixa claro que trata-se de um regionalismo (Reg. N) “regionalismo do norte”. Porém, como observamos, traz poucos registros e não especifica os critérios adotados para o registro dessas marcas na sua *Front Matter*.

Os dicionários AUL, AUR e HOU se baseiam em um português supranacional, ou seja, não pretendem contemplar apenas o português de seu país de origem. Assim, as obras recorrem às marcas de uso B e Bras. para as acepções brasileiras e P e Lus, para as acepções portuguesas. Todavia, ainda que contenham essa informação em suas páginas iniciais, não encontramos registros de marcas diatópicas referentes a Portugal nos verbetes analisados.

Podemos observar que, de modo geral, os dicionários trazem informações quanto ao registro das marcas diatópicas de forma semelhante por meio de abreviaturas inseridas antes das definições de forma macroespacial e quando possível numa perspectiva microespacial.

O que se verifica, no entanto, é a problemática referente à representação espacial das marcas de diatópicas que muitas vezes são apresentadas apenas como “Bras” (brasileirismo) ou, como no caso dos dicionários de espanhol, “Amér” (americanismo) como se a unidade léxica ao ser marcada com esta rubrica pertencesse a todo o território nacional ou continental.

Como foi demonstrado por meio dos exemplos apresentados, principalmente, em um dicionário pedagógico faz-se necessário que o registro das marcas de diatópicas sejam feitas também em uma perspectiva micro espacial.

- ii) As formas de tratamento lexicográfico nos dicionários podem atender às necessidades do aluno brasileiro aprendiz de espanhol, de acordo com o nível de competência na língua em que o estudante se encontra?

Como já discutimos no decorrer desta pesquisa, de um ponto de vista didático, julgamos ser de grande relevância para o aprendiz de línguas ter o máximo de conhecimento possível e, conseqüentemente, um maior aproveitamento das obras, de forma que as informações registradas tendem a ser verdadeiramente funcionais. Em especial, o aluno que aprende uma língua estrangeira, que necessita de mais dados e observações a respeito do uso das lexias que o aluno de língua materna que já está inserido

na sociedade e aprende de forma natural como se comunicar em diferentes contextos.

O dicionário RAE é o que melhor atende às necessidades do aluno brasileiro aprendiz de espanhol. Em primeiro lugar, porque esse dicionário é o que apresenta maior quantidade de registros em uma perspectiva microestrutural; em segundo lugar, porque é um dicionário *online* e, portanto, de mais fácil acesso quando considerada a democratização da Internet no Brasil, ainda que seja necessário ressaltar que existe uma parcela da população que pode não ter acesso a esse tipo de ferramenta, justificando então a fundamentalidade das obras impressas estarem presentes nos espaços públicos, sobretudo, nas escolas.

- iii) Das diferentes formas de tratamento de marcas diatópicas nas obras, há alguma que pode contribuir de maneira satisfatória para o conhecimento das diferenças de uso de determinadas unidades léxicas da língua, numa perspectiva diatópica?

Das diferentes formas de tratamento de marcas diatópicas nas obras, a que traz informações mais claras são as apresentadas no dicionário da RAE, pois ele registra todas as variantes diatópicas e esse registro é preciso quanto à região em que o uso da lexia pertence.

A delimitação das marcas de uso com precisão favorece que a obra lexicográfica disponibilize variantes com as devidas indicações. Nesse sentido, defendemos a necessidade do registro das marcas diatópicas em uma perspectiva microespacial também em dicionários pedagógicos.

5 – PROPOSTA DE PARÂMETRO PARA REGISTRO DE MARCAS DIATÓPICAS EM DICIONÁRIOS PEDAGÓGICOS

5.1 Marcas de uso em dicionários pedagógicos: justificativa da proposta

Após a conclusão das análises e as discussões realizadas nesta pesquisa, apresentamos uma proposta de parâmetros para registro das Marcas Diatópicas em dicionários pedagógicos. Nossa proposta baseia-se na análise dos dados coletados durante a realização do estudo, expostos no capítulo anterior desta dissertação, assim como, no referencial bibliográfico consultado.

Os parâmetros organizacionais que propomos objetivam facilitar aos lexicógrafos o produto de uma pesquisa que visa a contribuir para a organização ou reorganização didática de repertórios lexicográficos e, conseqüentemente, proporcionar aos consulentes informações mais precisas a respeito da variação diatópica em dicionários. Isso porque, como já discutido anteriormente neste trabalho, as informações acerca das marcas diatópicas nem sempre são dispostas nas obras lexicográficas de forma homogênea, sistemática, seguindo um padrão de organização. Ademais, a representação espacial das marcas diatópicas também não tem demonstrado o uso de determinada unidade léxica numa perspectiva microespacial, como discutimos em Bibo e Rodrigues-Pereira (2022) e nesta pesquisa.

Os consulentes que nos serviram de motivação para a pesquisa são os estudantes brasileiros de E/LE, considerando, para tanto, as tarefas que requerem, sobremaneira, a codificação de textos orais e escritos, ou seja, a produção, posto que para a compreensão, o contexto, geralmente, dá conta dos insumos necessários para a atividade em questão.

Explicamos, ainda, que nossa proposta de parâmetros lexicográficos para o registro de MD é destinada a dicionários monolíngues pedagógicos que têm como público-alvo o aprendiz de ELE. Todavia, ressaltamos que a proposta pode ser adaptada para outras tipologias de dicionários, com vistas a atender às necessidades dos diferentes consulentes.

5.2 Orientações de registro para a front matter

A *front matter*, conforme já mencionado anteriormente, corresponde às páginas que antecedem a macroestrutura de uma obra lexicográfica. Sua função principal é

possibilitar ao consulente informações gerais sobre o dicionário, com foco nas informações a respeito de seu uso, garantindo uma melhor compreensão por parte do consulente.

Nos dicionários pedagógicos essa parte do dicionário exerce importante função para o reconhecimento de informações de diferentes ordens. No caso da variação linguística, por exemplo, podem-se ter explicações a respeito do uso condicionado dessas lexias e como e quais unidades serão contempladas. Questões como essas, considerando os princípios teóricos e metodológicos da LEXPED, são importantes e necessários de serem explicadas nas obras.

Quanto às marcas diatópicas, as quais colocamos no centro de nossa atenção, seu registro está condicionado a escolhas feitas pelos lexicógrafos. Por esse motivo, às vezes, algumas decisões podem ser problemáticas, pois, ao considerar uma lexia como um americanismo, por exemplo, sugere que determinada unidade léxica seja utilizada em todo o território americano, o que sabemos não ser adequado, como discutimos anteriormente.

Tendo em vista o que foi exposto nesta dissertação, para os parâmetros apresentados, as informações das páginas que antecedem à macroestrutura de um dicionário pedagógico, no que se refere às marcas diatópicas, podem adquirir as seguintes características:

- i) Explicação sobre o conceito de marcas de uso. No caso das marcas diatópicas, explicar o que se entende por americanismo e regionalismo, e o porquê da escolha do lexicógrafo em relação a quais usos contemplar, assim como, qual a fonte utilizada para determinar o registro.
- ii) Informações de uso a partir de um exemplo de verbete retirado da macroestrutura do dicionário, com destaque para o registro da MD.
- iii) Lista de siglas e abreviaturas (no caso de dicionários que não contemplem a marcação por extenso) que indiquem a forma como a marca será representada na microestrutura da obra.
- iv) Concordância entre as informações a respeito das marcas disponíveis nas páginas iniciais e seu registro na macroestrutura do dicionário.

Pensando na necessidade de o lexicógrafo elaborar uma obra pedagógica que

atenda à necessidade de registro de MD, uma possibilidade para que a organização dos dicionários aconteça de forma didática e numa perspectiva funcional e pragmática é a consulta aos diferentes atlas linguísticos⁵⁷ já existentes e em elaboração que podem contribuir para uma maior precisão no registro das MD. Tal procedimento se justifica à medida que “os atlas linguísticos proporcionam à Lexicografia e a todos os seus consulentes informações vivas e comparáveis a respeito do uso de uma língua em um espaço geográfico” (COSTA, 2020, p. 57). Nesse contexto, o lexicógrafo poderá explicar os critérios e quais usos foram contemplados com base nos atlas consultados.

5.3 Orientações de registro de marcas diatópicas na microestrutura

Com base nos apontamentos teóricos elencados durante a pesquisa e as análises realizadas, apresentamos agora parâmetros para o registro das MD na microestrutura em dicionários pedagógicos.

Propomos que as marcas diatópicas sejam registradas de acordo com as seguintes orientações:

- i) Representação macroespacial e microespacial das variantes diatópicas. No caso das lexias “*pluma*”, “*bolígrafo*”, “*boli*”, “*esfero*”, que são diferentes denominações para um mesmo referente, e que tem como equivalente a lexia *caneta* em português, investigamos nos dicionários (DEM, RAE/DLE e SAL) como essas unidades eram apresentadas e, de acordo com essas obras, identificamos que enquanto “*pluma*” é uma unidade recorrente no México, Bolívia, Argentina e na Venezuela, já “*bolígrafo*” ou “*boli*” é mais utilizado na Espanha e no Urugua e “*esfero*” é mais usado na Colômbia. Desse modo, há duas formas para descrever essa representação: a primeira, macroespacial, que seria representada por (“americanismo” “América Central”, “América do Norte” ou “América do Sul”), pois o uso é recorrente em alguns países

⁵⁷ Alguns exemplos de atlas de língua espanhola: “Atlas lingüístico de la lengua española en el mundo” (MORENO FERNANDÉZ; OTERO ROTH, 2009), “Atlas lingüístico de Chile” (WAGNER, 1998), “Atlas lingüístico de Mexico” (BLANCH, 1990), “Atlas lingüístico de Castilla y León” (ALVAR, 1999). No caso da língua portuguesa, podem ser consultados: “Atlas lingüístico da Paraíba (1984) “Atlas lingüístico do Paraná” (AGUILERA, 1994), “Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso” (CUBA, 2009), “Atlas lingüístico do Brasil” (CARDOSO et al. 2014), Atlas Lingüístico Topodinâmico do Território Incaracterístico (CUBA, 2015), entre outros.

da América ou, como no caso da ocorrência em países europeus, receberia a marca (“Europa”). Já a representação microespacial seria justamente a indicação de qual ou quais países fazem uso frequente da lexia em questão. Nesse contexto, tendo em vista um dicionário pedagógico, a representação microespacial é mais adequada, pois é mais elucidativa ao consulente.

- ii) Considerando que existem unidades léxicas que possuem mais ou menos variantes, o lexicógrafo pode adotar algum critério que permita o registro de uma quantidade de variantes, como no caso de nossas análises que selecionamos as quatro mais frequentes (com base em *corpora*) e no caso de não haver essa quantidade de variantes, analisar as que existem, tomando, portanto, a mais frequente como a variante que apresentar mais ocorrências.
- iii) Criação de um verbete para cada uma das lexias, pois, mesmo que apresentem um significado em comum, podem apresentar outras acepções com significados e usos distintos.
- iv) Registro da marca diatópica logo no início das acepções a que elas se referem, de forma destacada e, quando possível, por extenso. Desse modo, espera-se que o potencial consulente, ao se deparar com o verbete, consiga reconhecer que se trata de uma informação sobre onde se dá o uso mais frequente do lema buscado.
- v) Inserir exemplos de uso que estejam em acordo com o significado da MD. Não é objetivo desta pesquisa tratar dos exemplos de uso nas obras lexicográficas, todavia, ressaltamos a importância desse tipo de informação na microestrutura das obras, pois, a MD, quando aplicada a um contexto de uso dentro de um verbete, torna a informação sobre a lexia mais elucidativa para o consulente.
- vi) No final do verbete, adotar procedimento de remissiva, quando for o caso, para que o consulente saiba que existem outras variantes diatópicas para a lexia investigada. Isso posto, um sistema de remissivas adequado pode contribuir para o entendimento das diferentes variantes diatópicas que uma lexia poderá ter. O procedimento de remissivas ocorre em grande parte dos dicionários, mas nem sempre os registros são adequados e coerentes com objetivos da obra, de forma que

acontecem as chamadas “pistas perdidas”, as quais, de modo geral, se constituem em um sistema de remissivas onde o consulente busca o significado da palavra e não encontra a definição.

De acordo com as orientações apresentadas, as marcas diatópicas presentes nos dicionários monolíngues pedagógicos poderão ser organizadas a partir da seguinte estrutura de verbete-modelo⁵⁸:

lema. clase.gram. *Marca diatópica* (en una perspectiva macro y/o microespacial).
Definición: *ejemplos de uso*. Remisiva.

Na sequência, apresentamos a aplicação dos verbetes, organizados de acordo com os parâmetros propostos e em ordem alfabética. Para tanto, os verbetes foram elaborados a partir dos dicionários analisados nesta pesquisa. Mais especificamente, optamos pelos que traziam mais informações a respeito da palavra-entrada em questão. Para uma melhor visualização do que ajustamos ou acrescentamos, utilizamos a cor azul para destacar nossas inserções.

alubia s. f. (*España*) **1.** f. judía (|| planta). **2.** f. judía (|| fruto). **3.** f. judía (|| semilla) “*Los riñones son órganos en forma de alubia*”. (Véase fréjol, frijol, judía y poroto) (Ad. RAE, 2022).

bocadillo s. m. **1.** Panecillo o trozo de pan cortado longitudinalmente por la mitad relleno de cualquier alimento, generalmente embutidos, queso o tortilla: bocadillo de tortilla, bocadillo de jamón, bocadillo de atún. “*me gustaria ahora, un bocadillo de chorizo*”. **2** texto de un dibujo o de un tebeo, generalmente rodeado de una línea, que indica el pensamiento o las palabras de los personajes: En los tebeos los bocadillos de personajes señalan claramente al que habla o piensa. **3** (*América del sur*). Dulce de leche con azúcar y, a veces, frutas, como guayaba, coco, etc. (véase sánduche, sándwich y bocata) (Ad. SAL, 2022).

bocata s. f. (*España, Madrid*) **1.** m. coloquial. **bocadillo** (|| pieza de pan abierta). (véase bocadillo, sándwich y sánduche) (RAE, 2022).

ca·bri·to, ta || adj./s. **1** eufemístico. coloquial. Referido a una persona, que tiene mala intención o que juega malas pasadas: . *No le pidas ayuda porque es un cabrito*. □ Sin. cabrón. □ Se usa como insulto. || s.m. **2** (macho/hembra) Cría de la cabra desde que nace hasta que deja de mamar: *El cabrito tiene una carne tierna*

⁵⁸ Ressaltamos que, a depender dos objetivos dos lexicógrafos, este modelo de verbete pode ser ajustado conforme a proposta lexicográfica.

muy apreciada. □ Sin. choto. ■ s.f. **3** (*América del sur, Chile*) Palomita de maíz: *Me encantan las cabritas de maíz.* (véase palomita y cancha) (Ad. DEE, 2005).

cacahuate **1.** s.m. (*Honduras. y México*). cacahuete. “*me gusta comer la mantequilla de cacahuete*” **2.** m. (*Honduras. y México*) Persona o cosa insignificante o de poco valor. (Véase cacahuete y maní) (Ad. RAE, 2022).

cacahuete s. m. (*España*) **1.** m. Planta papilionácea anual procedente de América, con tallo rastrero y veloso, hojas alternas lobuladas y flores amarillas. El fruto tiene cáscara coriácea y, según la variedad, dos a cuatro semillas blancas y oleaginosas, comestibles después de tostadas. Se cultiva también para la obtención del aceite. **2.** m. Fruto del cacahuete. “*Me gusta la crema de cacahuete*”. (Véase cacahuete y maní) (Ad. RAE, 2022).

cancha s.f. **1** Espacio o local preparados para la práctica de diversos deportes: *una cancha de tenis, una cancha de baloncesto, saltar a la cancha, salir a la cancha, abandonar la cancha.* **2** (*América Central, América del sur, México*) Terreno, espacio, local, llano y despejado. **3** (*Americanismo, Perú*). Cercado amplio usado como depósito. **4** (*Argentina, Chile, Paraguay, Uruguay*); COLOQUIAL en Chile. Habilidad adquirida con la experiencia. **5** (*América del sur, Perú*) COLOQUIAL. Conjunto de granos de maíz tostado. FR. Y LOC. **abrir** ~ (*América Central, América del sur*). Dejar <una persona> campo libre. **dar** ~ 1 Dar <una persona > una oportunidad a otra persona para que pueda desarrollar sus habilidades o su personalidad: *El profesor nos da cancha para que intervengamos en clase. Me aburro en la oficina; el jefe no me da cancha para que haga algo interesante.* **2.** (*Argentina, Chile y Paraguay*). Dar ventaja una persona a otra persona. (véase palomita y cabrito,a) (Ad. SAL, 2006).

fresa¹ s. f. **1.** f. Planta de la familia de las rosáceas, con tallos rastreros, nudosos y con estolones, hojas pecioladas, vellosas, blanquecinas por el envés, divididas en tres segmentos aovados y con dientes gruesos en el margen; flores pedunculadas, blancas o amarillentas, solitarias o en corimbos poco nutridos, y fruto casi redondo, algo apuntado, de un centímetro de largo, rojo, succulento y fragante. “*La temporada las fresas va de febrero a junio*”. **2.** f. Fruto de la fresa. **3.** adj. Dicho de un color: Rojo semejante al de la fresa. U. t. c. s. m. **4.** adj. De color fresa. **fresa**² **1.** f. Herramienta de movimiento circular continuo, constituida por una serie de buriles o cuchillas convenientemente espaciados entre sí y que trabajan uno después de otro en la máquina de labrar metales o fresarlos. (véase frutilla) (Ad. RAE, 2022).

frijol s.m. Tb. fríjol. **1.** m. Am. judía (I planta). **2.** m. Am. judía (II fruto). **3.** m. Am. judía (III semilla). **4.** m. pl. (*México*) alimento. “*el frijol es el segundo grano básico de importancia en CentroAmérica*” (Véase fréjol, alubia, judía y poroto) (Ad. RAE, 2022).

fréjol s.m. Tb. fréjol. (*América del sur, Perú*) **1.** m. judía (I planta). **2.** m. judía (II fruto). **3.** m. judía (III semilla). (Véase frijol, alubia, judía y poroto) (Ad. RAE, 2022).

frutilla s.f. **1.** f. Cuentecilla de las Indias para hacer rosarios. **2.** f. (*América del Sur, Argentina, Bolivia., Chile, Ecuador., Paraguay. y Perú*). Especie de fresón. “*Me gustaría mucho comerme una tarta de frutilla ahora*” **3.** f. (*Costa Rica*). triquina. **4.** f.

(Costa Rica). triquinosis. (véase fresa) (Ad. RAE, 2023).

judía s.f. Quizá de judío. (*España*) **1.** f. Planta herbácea anual, de la familia de las papilionáceas, con tallos endebles, volubles, de tres a cuatro metros de longitud, hojas grandes, compuestas de tres hojuelas acorazonadas unidas por la base, flores blancas en grupos axilares, y fruto en vainas aplastadas, terminadas en dos puntas, y con varias semillas de forma de riñón. Se cultiva en las huertas por su fruto, comestible, así seco como verde, y hay muchas especies, que se diferencian por el tamaño de la planta y el volumen, color y forma de las vainas y semillas. **2.** f. Fruto de la judía. "*No deberíamos haber cocinado todas las judías anoche*". **3.** f. Semilla de la judía. **4.** f. En el juego del monte, cualquier naipe de figura. **5.** f. (*Teruel*). Avefría (Véase fréjol, frijol alubia, y poroto) (Ad. RAE, 2022).

maní s.m. (*Argentina y Uruguay*). COLOQUIAL, RESTRINGIDO. Cacahuete, planta y fruto. "*Si las untas con manteca de maní, se tragan mejor*". (Véase cacahuete y cacahuete) (Ad. SAL, 2006).

palomita. s.f. **1** (preferentemente en plural) (*España, México, Honduras, Nicaragua*) Grano de maíz tostado que al reventar toma un aspecto esponjoso y que se puede consumir como aperitivo o, con azúcar o miel, como golosina: *Marina se comió una bolsa de palomitas en el cine* **2** no contable bebida que se hace con licor de anís y agua: *ponme una palomita de anís en un vaso grande con mucha agua y hielo.* **3** DEPORTES. Estirada del portero hacia un lado de la portería, en algunos deportes como el fútbol" (véase cancha y cabrito,a) (Ad. SAL, 2006).

poroto s.m. **1.** m. (*Argentina, Bolivia, Chile, Ecuador, Paraguay, Perú y Uruguay*). judía (II planta). **2.** m.. (*Argentina, Bolivia, Chile, Ecuador, Paraguay, Perú y Uruguay*) judía (III semilla). **3.** m. (*Bolivia, Colombia, Ecuador, Paraguay, Perú y Uruguay*). Guiso que se hace con porotos. **4.** m. y f. coloq. (*Chile*). niño (II persona que está en la niñez). (Véase fréjol, frijol, alubia y judía) (Ad. RAE, 2022).

sánduche s.m. Tb. sanduche. **1.** m. (*Colombia, Ecuador y Venezuela*). sándwich. (véase bocadillo, sándwich y bocata) (Ad. RAE, 2022).

sándwich s.m. **1.** m. (*Espanã, Madrid*) Emparedado hecho con dos rebanadas de pan de molde entre las que se coloca jamón, queso, embutido, vegetales u otros alimentos. (véase bocadillo, sánduche y bocata) (Ad. RAE, 2022).

Como se observa a partir dos verbetes reestructurados, algunas mudanças, mesmo que pequenas, podem fazer a diferença para que o entendimento do verbete seja esclarecedor quanto a alguns aspectos, em nosso caso, sobre a representação da variação diatópica em repertórios lexicográficos pedagógicos de E/LE. Para concluirmos a dissertação, trazemos as considerações finais desta pesquisa, retomando os objetivos e evidenciando nossas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para qualquer língua de tradição escrita, dicionários sempre são uma redução em relação à dimensão verdadeira da língua (STREHLER, 2011, p. 123)

Sendo a língua viva e em constante mudança, para o dicionário abarcar todas as variantes presentes nas línguas é uma tarefa difícil. Nesse sentido, ao refletir sobre a relação entre léxico, sociedade e cultura, percebemos o valor que as marcas de uso possuem nos repertórios lexicográficos.

As MU constituem uma informação importante nos dicionários pedagógicos, pois são úteis para compreender os usos das palavras de acordo com seus sentidos em diferentes contextos, em especial, para o consulente estrangeiro que aprende espanhol. Esse tipo de informação pode propiciar uma experiência linguística um pouco mais próxima do que vive o falante nativo. Como se sabe, o desconhecimento de um ou outro aspecto dificulta que o aprendiz de língua dê continuidade em suas atividades de compreensão ou escrita de textos de maneira mais eficiente. No caso das MD, é necessário que o registro, de forma macroespacial ou microespacial ocorra com o intuito de atender às necessidades do potencial consulente.

Com vistas a proporcionar um dicionário que atenda às demandas de um consulente brasileiro aprendiz de espanhol, nesta pesquisa objetivamos elaborar e apresentar uma proposta de parâmetro de organização para as marcas diatópicas em dicionários pedagógicos de espanhol como língua estrangeira.

Para o alcance do objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: i) discorrer sobre o conceito de marcas de uso com foco para a marca diatópica, ressaltando a importância desse tipo de informação em dicionários pedagógicos; ii) apresentar a posição de diferentes autores sobre a questão das marcas de uso em dicionários; iii) verificar como ocorre o tratamento lexicográfico dispensado às marcas diatópicas nos dicionários que serão analisados; iv) identificar possíveis procedimentos lexicográficos a respeito das marcas que possam servir de parâmetro no processo elaboração de futuras obras lexicográficas.

Além de nos orientar pelos princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), procuramos responder, durante o desenvolvimento do trabalho, às seguintes questões: i) as marcas diatópicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? Se positiva a resposta, como elas são registradas?; ii) as

formas de tratamento lexicográfico nos dicionários podem atender às necessidades do aluno brasileiro aprendiz de espanhol, de acordo com o nível de competência na língua em que o estudante se encontra?; iii) das diferentes formas de tratamento de marcas diatópicas nas obras, há alguma que pode contribuir de maneira satisfatória para o conhecimento das diferenças de uso de determinadas unidades léxicas da língua, numa perspectiva diatópica?

Considerando os objetivos estabelecidos e as perguntas norteadoras, chegamos às seguintes conclusões:

Os dicionários apresentam, de modo geral, informações a respeito da variação diatópica, todavia, os critérios adotados para a inserção dessas marcas nem sempre são sistemáticos, claros e objetivos. Considerando, também, que os consulentes nem sempre visitam as páginas iniciais dos repertórios lexicográficos, indo diretamente ao verbete, uma informação clara, sem espaço para dúvidas, é necessária. Portanto, defendemos que os registros das MD sejam descritos, quando possível, por extenso.

Apesar de identificarmos MD em todos os repertórios lexicográficos investigados, não encontramos registros de todas as variantes buscadas, com exceção do dicionário RAE. Ainda assim, essa obra não contempla algumas marcas diatópicas que conseguimos identificar em outros dicionários, como, por exemplo, a lexia *bocadillo* em que o dicionário SAL apresenta como um americanismo e o RAE apenas faz menção aos países que costumam consumir o doce chamado de *bocadillo*, sem apresentá-la como uma marca de uso.

A descrição da marcação lexicográfica já foi objeto de estudo de vários trabalhos, entretanto, o que pudemos observar é que elas são tratadas de diferentes formas por distintos autores; assim, são tratadas de forma assistemática. Isso se reflete também nas obras lexicográficas, cujos autores adotam critérios próprios.

Nesse contexto, sabemos que a Lexicografia é uma ciência que possui caráter interdisciplinar. Nesse sentido, com o avanço da teoria linguística e com o desenvolvimento de disciplinas, como, a Dialetoлогия e a Sociolinguística, por exemplo, grandes são as contribuições para a Lexicografia, sobretudo, aos estudos que versam sobre a variação linguística em dicionários.

Enfim, este trabalho pretendeu ratificar a importância do registro das marcas de uso, em especial, as diatópicas, nas obras lexicográficas. Ademais, procurou salientar a importância da inserção de mais registros de marcas diatópicas em uma perspectiva microespacial, pois, como já mencionado, os registros microespaciais tendem a serem

mais adequados e elucidativos ao aprendiz de língua. Nesse contexto, consideramos este estudo como o início de um caminho investigativo que é merecedor de maiores investigações e reflexões teóricas e práticas.

Outrossim, almejamos que o produto desta pesquisa, ainda que passível de limitações, possa se somar aos estudos do léxico. Esperamos, ainda, estimular outras pesquisas sobre a temática, pois há muito o que se investigar com relação as MU, como, por exemplo, a problemática no registro das marcas diafásicas e diastráticas, a problemática da variação diacrônica nos dicionários, dentre outros estudos que poderão contribuir com as Ciências do Léxico.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Eds.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- _____. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras..** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 21-47.
- AGUILERA, V.A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALVAR, Manuel. "**Atlas Lingüístico de Castilla y León**": Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 1999.
- ARAGÃO, M. do S. S.; BEZERRA DE MENEZES, C. P. **Atlas lingüístico da Paraíba**, v. 1 e 2. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- AURORA, M. C. B. Las marcas sociolingüísticas en una muestra de la lexicografía cubana: tipología y evolución. **Revista de Lexicografía**, XIV, 2008. p.43-58.
- AYALA MANRIQUE, J. F. **Tesoro de la Lengua Castellana**. Madrid: Biblioteca Nacional de España, Ms, 1324, 1963.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, D. **Los diccionarios didácticos del español desde la perspectiva de sus destinatarios**. Universidad de Alicante. E.L.U.A., 14, 2000. p. 19-44.
- _____. **Las marcas de uso en los diccionarios monolingües destinados a la enseñanza de ELE**. Universidad de Alicante. XX Congreso Internacional de la Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera (ASELE), 2009.
- BIBO, L. S. S; RODRIGUES-PEREIRA, R. Marcas diassistemáticas em dicionários escolares do tipo 4: um estudo metalexigráfico. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 16, n. 2, p. 59-77, jul./dez. 2022.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. **Estudos de Filologia Lingüística**. São Paulo, EDUSP, 1981. p.131-145.
- _____. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 1-26, 1984.
- _____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27- 46, 1996.

- _____. **Dicionário didático de português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, v. 44, 2000.
- _____. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOPE-BLANCH, Juan M. **Atlas Linguístico de México**. 3 v. México: El Colegio de México; Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- _____. (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio PNLEM Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?id=13608&option=com_content&view=article. Acesso em: 26 set. 2011.
- _____. Secretaria de Educação Básica. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. (elaboração Egon Rangel). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- CARDOSO, B. C. dos S. **A variação diatópica no dicionário escolar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós Graduação em Letras, Belém, 2015.
- _____.; RAZK, A. A variação diatópica no dicionário escolar. In: COSTA, D. S. S; BENÇAL. D. R (Orgs). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2016.
- CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.

- CASARES, J. **Introducción a la Lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Colección Textos Universitarios, n. 17, 1969.
- CASTILHO, A. T. de. O português do Brasil. In: ILARI, R. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros SL, 1994.
- COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p.13-85.
- COSTA, D. de S. S. Breve panorama da Lexicografia dialetal e sua aplicação em terras brasileiras. In: PEREIRA, R. R.; COSTA, D. de S. S. **Estudos em lexicografia: aspectos teóricos e práticos** (Orgs). Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 57-74.
- COVARRUBIAS, S. **Tesoro de la Lengua Castellana o Española**, Madrid: Luis Sánchez, 1611.
- CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.
- _____. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina-PR, 2015.
- CUNHA, C. F. **Que é um brasileirismo?**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- GEIGER, P. (Org.) **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa / Caudas Aulete**. Rio de Janeiro; Lexikon, 2011.
- DANTAS, Halysson Oliveira. Letramento lexicográfico na educação básica: relações entre o léxico oral e sua forma dicionarizada. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 4, v. 4, n. 1, p. 150-163, jan./jun. 2014.
- DEM. *Diccionario del Español de México*. Disponível em: <https://dem.colmex.mx/>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- DLE: Diccionario de la lengua española**, 23. ed., [versión 23.5 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es>. Acesso em: 21/07/2022.

- DICIONÁRIO BAB. LA. Disponível em: <http://pt.bab.la>. Acesso em: 16/10/2022.
- DURAN, M. S; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - PUC-SP, v. 23, n. 2, p. 203-222, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/28877>>. Acesso em: 16/10/2022.
- DUBOIS, J. et al. (Orgs). **Dicionário de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- ESCRIBANO, C. G. Marcas. In: GUERRA, A. M. M (Coord.) **Lexicografia Española**. España: Editorial Ariel, S. A., 2003.
- FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la lexicografía española, **Revista de Lexicografía**, v.111, p. 31-57, 1996-1997
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FARIAS, E. M. P. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Trama**. v. 3, n. 5, 1º sem. 2007. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/961>. Acesso em: 29 set. 2022.
- FERNANDEZ-SEVILLA, J. **Problemas de lexicografía actual**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1974.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, R. V. RODRIGUES-PEREIRA, R. As unidades pluriverbais em dicionários: aspectos teóricos e metalexográficos em publicações espanholas do século XX. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 2, p. 637-652, jul. 2021.
- FNDE.GOV.BR. PNLD. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>. Acesso em: 27 set. 2022.
- FUENTES MORÁN, M. T. **Gramática en la lexicografía bilingüe**. Morfología y sintaxis en diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante. Tübingen: Niemeyer (Lexicographica, Series Mayor 81), 1997.
- GAUDIN, F.; GUESPIN. L. **Iniciation à la lexicologie grançaise: de la neologie aux dictionnaires**. Bruxelles: De Boeck e Lacier, 2000.

GONZÁLEZ, M. C. **Diccionario de español para extranjeros** – Con el español que se habla hoy en España y en América Latina. Coordinación y proyecto editorial Concepción Maldonado. São Paulo: Edições SM, 2005.

GUTIÉRREZ CUADRADO, J.; PASCUAL RODRÍGUES, J. A. **Diccionario Salamanca** – español para extranjeros. Madrid: Santillana Educación, 2006.

HAENSCH, G.; WOLF, L. Los diccionarios y la labor lexicográfica. In.: G. HAENSCH et al. **La Lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Biblioteca Románica Española. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 11-20.

HARTMANN, R. R. K. **Teaching and researching lexicography**. London: Longman, 2001.

HAUSMANN, F. J. et al. (Eds). Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires. In.: **Internationales Handbuch zur Lexikographie I**, Berlin-New York (W. de Gruyter), 1989.

HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A survey. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). **Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires**. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Band 1. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 328-360.

HERRERO, A. A. Los americanismos en Español lengua extranjera: reflexiones sobre la variación léxica desde variedades preferentes europeas o estandarizadas. **Ricognizioni. Rivista di lingue, letteratura e culture moderne**, n. 3, 2015.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HWANG, Á. D. Lexicografia: dos primórdios à nova Lexicografia. In: _____.;NADIN, O. L. **Linguagens em Interação III: estudos do léxico**. Maringá: Clichetec, 2010.

IRIARTE SANROMÁN, Á. **A unidade lexicográfica**. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2001.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIM, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de. (Orgs.). **História, religião e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

_____. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a

lexicografia brasileira. In: BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M.; MURAKAWA, C. de A. A. (Orgs.) **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006a. p.11-29. (Trilhas linguistics, 8)

_____. Contributions for the discussion of the concept of regionalisms in Brazilian Portuguese. **Alfa**, São Paulo. v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

_____. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: CARDOSO, S.; MEJRI, S.; MOTA, J. (Orgs.). **Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias**. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 113-144.

KRIEGER, M. da G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: Seabra, M. C. T. C. de (Org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte, MG: 2006. p. 158-171.

_____. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

_____. Lexicografia: a dicionarização do léxico. In.: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. da S. C. (Orgs.). **Estudos em lexicografia: aspectos teóricos e práticos**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 13-31.

KOPSCITZ, L.; BASTOS, M. A. A Linguística Aplicada e a Linguística. **Trab. Ling. Apl.** Campinas, n. 22, p.7-24, jul./dez. 1993.

LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Ed Gredos, 1997.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**, 5. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 5 vols. 2003.

MARGARITA, D. **História e origem da língua espanhola: origem e evolução do castelhano**. Tradutora de espanhol, 2015. Disponível em: <http://www.tradutoradeespanhol.com.br/2015/10/historia-da-lingua-espanhola.html>.

Acesso em: 15/01/2023.

MATTOSO, C. J. J. **Dicionário de filologia e gramática**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1973.

MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

_____. **Introdução à Sociolinguística**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLINA GARCÍA, A. La Lexicografía Pedagógica. In: **Fraseología Bilingüe**: un enfoque lexicográfico-pedagógico. Granada: Comares, 2006. p. 9-35.

MOREIRA, B. E. da C. Redescobrimos os brasileirismos. **Filol. Linguíst. Port.** São Paulo, v. 18, n. 2, p. 421-442, ago./dez. 2016.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **¿Qué español enseñar?** Madrid: ArcoLibros, 2000.

_____.; OTERO ROTH, J. **Atlas de la lengua española en el mundo**. Barcelona, Ariel-Fundación Telefónica, 117 p. ISBN: 978-84-08-07799-2. 2007.

NADIN, O. L. Processo de seleção da nomenclatura para um dicionário pedagógico ativo de espanhol para aprendizes brasileiros. In: PEREIRA, R. R.; COSTA, D. de S. S. (Orgs). **Estudos em lexicografia**: aspectos teóricos e práticos Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 161-187.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. **O português do Brasil**: brasileirismos e regionalismos. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, S. E. Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismos. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Orgs). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes, 2002. p. 83-98.

PAIM, M. M. T.; ALMEIDA, L. C. B. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de língua portuguesa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169- 177, 2019.

PEREIRA, R. R. **O dicionário pedagógico e a homonímia**: em busca de parâmetros didáticos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.

_____.; NADIN, O. L. Dicionário enquanto gênero textual: por uma proposta de categorização. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, n. 41, v. 1, 2019, e43835.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**: o que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A, 2002.

RABANALES, A. **Introducción al estudio del español de Chile**. Universidad de Chile, Santiago, (Publicaciones del Instituto de Filología. Anexo 1 de l Boletín de Filología), 1953. 142 p.

REVERSO CONJUGAÇÃO. Disponível em: <https://conjugacao.reverso.net/conjugacao-espanhol.html>. Acesso em: 12 Dez. 2022.

RIBEIRO, J. Brasileirismos. **Revista de Língua Portuguesa**: Archivo de Estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, Rio de Janeiro, n. 7, Ano II, p. 43. 1920.

RODRÍGUES DÍEZ, B. **Las marcas en los diccionarios generales de lengua**. Universidad de León, 2003.

RODRIGUES-PEREIRA, R. La homonimia en diccionarios pedagógicos. **Revista Moara**, n. 55, p. 89-108, jan-jul 2020.

_____. Parâmetros para a organização lexicográfica de formas homônimas homófonas não homógrafas destinadas a dicionários pedagógicos. In: _____.; COSTA, D. de S. S. (Orgs). **Estudos em lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 137-159.

RODRIGUES-PEREIRA, Renato; ZACARIAS, Regiani Aparecida dos Santos, & NADIN, Odair Luiz. Léxi-co, ensino e suas interfaces. *Revista GTLex*, 5(1), 2020 [2019], 6–22. <https://doi.org/10.14393/Lex9-v5n1a2019>.

RODRÍGUEZ BARCIA, S. **Introducción a la lexicografía**. Madrid, ES: Síntesis, 2016.

RODRÍGUEZ, G. Determinación del concepto de americanismo. **Revista Documentos Lingüísticos y Literários**. UACH Instituto de Linguística y Literatura Facultad de Filosofía y Humanidades Universidad Austral de Chile, Campus Isla Teja, Valdivia. n. 4. p. 18-36, 1979.

ROJAS, E. M. **Americanismos usados en Tucumán**. [Edição 48 de Cuadernos de Humanitas](#). Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras, 1976.

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-276.

- RONA, J. P. **¿Que és un americanismo?**. Simposio de México. 1969.
- SANTOS, A. C. do S. **Marcas de uso temporais em um dicionário dialetológico**. UFMG, 2014.
- SECO, M. El léxico hispanoamericano en los diccionarios de la Academia Española. In: _____. **Estudios de lexicografía española**. Madrid: Gredos, 2003. p. 362-374.
- STREHLER, R. G. **Análise de categorias de marcas de uso em dicionários**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Brasília: UNB, 1997.
- _____. As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande:Ed. UFMS, 1998. p. 129-142.
- _____. **Variação e dicionários**. Adaptação de uma palestra pronunciada na ocasião da 1ª SENFLE, UFPE, Recife, 18 de novembro de 2011.
- TEIXEIRA, M. C. A. designação de “lexicografia pedagógica”. **Interfaces**, Guarapuava, n. 6, dez. 2015, p. 29-35.
- VARGAS, M. D. Lexicografia Pedagógica: história e panorama em contexto brasileiro. **Domínios de Lingu@guem**. Uberlândia, v.12, n. 4, p. 1934-1949, 2018.
- _____. Lexicografia Pedagógica: história e panorama em contexto brasileiro. **Domínios de Lingu@gem**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 1934-1949, 2019. DOI: 10.14393/DL36-v12n4a2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41472>. Acesso em: 6 out. 2022.
- VILARINHO, M. M. de O. V697p **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.
- _____. Marcas de uso: estudo e proposta. UnB. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, p. 375-396, mai./ago. 2017.
- VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes e Silva e o início da lexicografia moderna. In: História da língua e história da gramática – actas do encontro. Braga: Universidade do Minho, p. 473-490, 2003a.

- VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.
- WAGNER, Claudio. El **Atlas lingüístico** y etnográfico de **Chile** por regiones (ALECH). *Estud. filol.* [online]. 1998, n. 33, pp. 119-129.
- WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia brasileira**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.
- _____. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008a.
- WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. **La Lexicografía. De la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica**. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 20-94.
- _____. **¿Que és un diccionario de americanismos?** Augsburg. 1994, p. 9-38.
- XAVIER, D. L. S. O espanhol da América: considerações sobre a variação linguística e o ensino do espanhol como língua estrangeira. **Revista eletrônica: pro-docência**, v. 1, p. 1-15, 2013.
- ZANATTA, F.; MIRANDA, F. B. **A polissemia do termo “uso”**: análise de dicionários de uso do português e do espanhol. *Revista de Letras*. n° 9. 2007.
- ZAVAGLIA, C. Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.